



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

A CONSTRUÇÃO DE AGENTES DE MUDANÇA ATRAVÉS DO CLUBE
UBUNTU - UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO SECUNDÁRIO.

Dissertação de Mestrado

Ivânia Quintino Alexandre

Trabalho realizado sob a orientação de:

José Carlos Marques, Professor, ESECS-IPLeiria

Ana Maria Vieira, Professora, ESECS-IPLeiria

Leiria, Setembro 2023

Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível devido ao apoio e colaboração incansável de pessoas que me rodeiam. Cada uma delas teve uma intervenção peculiar que culminou na presente investigação.

Em primeiro lugar, gostava de deixar um especial agradecimento aos orientadores, Professora Ana Maria Vieira e Professor José Carlos Marques, que se disponibilizaram para acompanhar e aconselhar, sempre de forma objetiva, todo este processo investigativo.

Quero agradecer ao meu filho, a minha energia, aquele que todos os dias me inspira a ser uma pessoa melhor e a não desistir dos meus sonhos. À minha mãe, o meu exemplo de determinação e resiliência, por estar sempre presente, a qualquer dia, a qualquer hora, sendo a primeira a dar-me a mão. Aos meus irmãos, por me ensinarem a ver os obstáculos por um novo prisma, o da simplicidade e por estarem sempre lá. Aos meus amigos, pela paciência e pela amizade.

Deixo uma palavra de agradecimento aos meus colegas de Mestrado, em especial ao meu grupo de trabalho. A possibilidade de partilhar com eles este percurso formativo, tornou-o mais simples e gratificante. Em equipa tudo é mais fácil.

Por fim, quero agradecer ao Agrupamento de Escolas da Batalha, na pessoa do Sr. Diretor, que desde o início acolheu e apoiou a presente investigação. Aos meus colegas Educadores Ubuntu da Escola da Batalha, por acreditarem no Programa Escolas Ubuntu e estarem sempre disponíveis para colaborar. Juntos estamos a contribuir para um mundo melhor. Um grande obrigada a todos os “meus” jovens Ubuntu, que são incansáveis, dinâmicos e me permitem esperançar num amanhã melhor.

A todos, eu sou porque vocês são.

RESUMO

O presente estudo desenvolve-se no âmbito do Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica. Possibilita analisar de que forma o Clube Ubuntu, do Programa Escolas Ubuntu (PEU), contribui para a transformação dos alunos em agentes de mudança, nomeadamente a nível da formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora.

Com esta investigação pretende-se perceber se, através das ações desenvolvidas pelos jovens no seio do Clube, os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu - Ética do Cuidado, Contruir Pontes e Liderança Servidora - são materializados. Procura ainda avaliar a satisfação dos jovens face ao PEU, em específico o Clube Ubuntu e, por fim, analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar.

O enquadramento teórico abrange várias vertentes: descreve o conceito Ubuntu relacionando-o com os três eixos estruturantes; expõe o Método Ubuntu examinando os seus cinco Pilares Ubuntu, enquanto competências socioemocionais a serem apreendidas pelos envolvidos; introduz as estratégias pedagógicas intrínsecas ao Método; dá a conhecer a Academia de Líderes Ubuntu – Programa Escolas Ubuntu; apresenta, o Clube Ubuntu enquanto estrutura do programa com a finalidade de disseminar a filosofia Ubuntu; finalmente, explora a pertinência do PEU no contexto escolar e enquanto programa de inovação pedagógica.

Considerando os objetivos do presente estudo, o mesmo analisou o contexto real da dinamização de um Clube Ubuntu, no decorrer do ano

letivo 2022-2023. Assim, trata-se de um estudo de caso inserido no paradigma interpretativo com uma abordagem essencialmente qualitativa. Os instrumentos de recolha de dados compreendem entrevistas semiestruturadas individuais, *focus group* e análise documental. Para o processo de análise dos resultados obtidos, recorreu-se ainda à triangulação de dados.

Pode-se inferir que a participação dos alunos no Clube Ubuntu, contribuiu positivamente para o seu desenvolvimento enquanto pessoas. Promove a aprendizagem de determinadas competências socioemocionais e, conseqüentemente capacita-os enquanto líderes servidores, agentes conscientes, responsáveis e participativos nas comunidades, capazes de gerar transformações positivas na comunidade.

Palavras chave

Clube Ubuntu, Construção de Pontes, Ética do Cuidado, Liderança Servidora, Método Ubuntu, Programa Escolas Ubuntu.

ABSTRACT

This study is part of the Master's Degree in Education and Pedagogical Innovation. It makes it possible to analyze how the Ubuntu Club, part of the Ubuntu Schools Program (USP), contributes to transforming students into agents of change, namely in terms of training citizens committed to the ethics of care, building bridges and servant leadership.

The aim of this research is to see whether, through the actions carried out by young people within the Club, the three structuring axes of the Ubuntu concept - Ethics of Care, Building Bridges and Servant Leadership - are materialized. It also seeks to assess young people's satisfaction with the USP, specifically the Ubuntu Club and, finally, to analyze the impact of the Ubuntu Club on the school community.

The theoretical framework covers several aspects: it describes the Ubuntu concept by relating it to the three structuring axes; it exposes the Ubuntu Method by examining its five Ubuntu Pillars, as socio-emotional competencies to be grasped by those involved; it introduces the pedagogical strategies intrinsic to the Method; it spreads the Ubuntu Leaders Academy - Ubuntu Schools Program; it presents, the Ubuntu Club as a structure of the program with the purpose of disseminating the Ubuntu philosophy; finally, it explores the pertinence of USP in the school context and as a pedagogical innovation program.

Considering the objectives of this study, it analyzed the real context of the dynamization of an Ubuntu Club, during the 2022-2023 school year. It is therefore a case study within the interpretive paradigm with an essentially qualitative approach. The data collection instruments include individual semi-structured interviews, focus groups and

document analysis. In order to analyze the results obtained, data triangulation was also used.

It can be inferred that the students' participation in the Ubuntu Club has contributed positively to their development as people. It promotes the learning of certain socio-emotional skills and consequently empowers them as servant leaders, aware, responsible and participative agents in their communities, capable of generating positive transformations in the community

Keywords

Ubuntu Club, Building Bridges, Ethics of Care, Servant Leadership, Ubuntu Method, Ubuntu Schools Program.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vii
Índice Geral	ix
Índice de Tabelas	xi
Índice de Figuras	xi
Abreviaturas, Acrónimos e Siglas	xii
Capítulo 1 – Introdução	1
1.1. Enquadramento do Estudo	1
1.2. Objetivos do Estudo.....	2
1.2.1. Objetivo geral	3
1.2.2. Objetivos específicos.....	3
1.3. Organização e estrutura do trabalho	3
Capítulo 2 – Enquadramento teórico	5
2.1. Filosofia Ubuntu	5
2.1.1. Ética do Cuidado	6
2.1.2. Construir Pontes	7
2.1.3. Liderança Servidora.....	8
2.2. Método Ubuntu.....	9
2.2.1. Aprendizagem de competências socioemocionais	11
2.2.2. Cinco Pilares Ubuntu – Competências Socioemocionais.....	13
2.2.3. Estratégias pedagógicas no método Ubuntu.....	16
2.3. Academia de Líderes Ubuntu Programa Escolas Ubuntu no terreno	21
2.4. Clube Ubuntu O disseminar da filosofia Ubuntu	23

2.5. Pertinência do Programa Escolas Ubuntu no contexto escolar	25
2.5.1. Programa Escolas Ubuntu enquanto inovação pedagógica	31
2.5.2. Síntese.....	33
Capítulo 3 – Procedimentos metodológicos	35
3.1. Contextualização do estudo	35
3.1.2. Objetivos.....	36
3.2. Metodologia.....	36
3.2.1. Tipo de estudo e paradigma.....	36
3.2.2. Participantes	38
3.2.3. Meio.....	39
3.2.4. Instrumentos e técnicas de recolha e análise de dados	43
3.2.5. Procedimentos	45
Capítulo 4 – Apresentação e análise de dados.....	49
4.1. Apresentação dos resultados Análise de dados	49
4.1.1. Tema: Clube Ubuntu	50
4.1.2. Tema: Os alunos	56
4.1.3. Tema: Eixos da Filosofia Ubuntu.....	59
4.2. Discussão dos resultados	64
Capítulo 5 – Conclusões	71
5.1. Limitações do estudo	73
5.2. Sugestões de estudos futuros	73
Referências Bibliográficas.....	75
Anexos.....	81
Índice de Anexos	81

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Pilares do método Ubuntu pela Academia de Líderes Ubuntu 10

Tabela 2 - Codificação dos participantes no processo de análise de dados..... 49

Índice de Figuras

Figura 1 – Método Ubuntu 15

Figura 2 – Representação do Ciclo de Aprendizagem de Kolb (1984)..... 19

Figura 3 – Cronograma do projeto de investigação 47

Figura 4 - Esquema de categorização 50

ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SIGLAS

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

3º CEB – 3º Ciclo do Ensino Básico

AE – Agrupamento de Escolas

AEB – Agrupamento de Escolas da Batalha

ALU – Academia de Líderes Ubuntu

ALUJ – Academia de Líderes Ubuntu Júnior

DGE – Direção Geral de Educação

EF – Educação Formal

ENF – Educação não-formal

EE – Encarregados de Educação

IPAV – Instituto Padre António Vieira

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

PASEO – Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

PEU – Programa Escolas Ubuntu

PND – Pessoal Não Docente

SU – Semana Ubuntu

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

A presente investigação decorre da dissertação de Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica do Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Este estudo possibilita alargar os conhecimentos relativos aos impactos da dinamização de um Clube Ubuntu, enquanto estratégia inerente do método Ubuntu, para a operacionalização dos objetivos do Programa Escolas Ubuntu (PEU), junto de alunos do Ensino Secundário regular e profissional. Este primeiro capítulo procura esclarecer o enquadramento do presente estudo, a sua importância, as motivações e os seus objetivos. Procura, ainda, clarificar os procedimentos metodológicos e descrever a estrutura e a organização do trabalho.

A motivação para este estudo nasce da vontade de contribuir e construir conhecimento científico relativo ao impacto do método Ubuntu dentro do contexto escolar, enquanto coordenadora do Clube Ubuntu num Agrupamento de Escolas.

1.1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

O conceito Ubuntu, originário da cultura africana, enfatiza a interdependência e a humanidade partilhada, destacando a importância das relações e da solidariedade entre as pessoas. Esta filosofia de vida é definida e rege-se, na prática, através expressão “eu sou porque tu és; eu só posso ser pessoa através das outras pessoas” (ALU, 2022a). De modo a disseminar esta forma de estar na vida, a Academia de Líderes Ubuntu (ALU) elaborou um método com uma metodologia própria. No seu referencial teórico-metodológico pressupõe o desenvolvimento de cinco competências socioemocionais nos participantes: “*autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e sentido de serviço*”. Estes cinco Pilares, por sua vez, dão apoio a “três dimensões estruturantes: *Liderança Servidora, Ética do Cuidado* (cuidar de si, cuidar dos outros e cuidar do planeta) e *Construção de Pontes*” (Gonçalves & Alarcão, 2023, p. 10). Desde 2010, a ALU leva este método para o terreno - escolas, empresas, projetos sociais - com a grande finalidade de “desenvolvimento de cada participante enquanto líder ao serviço da comunidade, promovendo competências humanas e técnicas relevantes para o seu percurso de vida” (ALU, 2022b). Atualmente, com o nome de Programa Escola Ubuntu e recorrendo a estratégias de educação não formal, o programa leva o método Ubuntu a

cerca de 350 Agrupamentos de Escolas (AE)/Escolas não agrupadas (Agência Lusa, 2021).

No ano letivo 2021/2022, com base num protocolo com a Direção Geral de Educação (DGE), o PEU foi integrado no Plano 21/23 Escola+ reforçando o leque de estratégias para a recuperação de aprendizagens. O PEU enquadra-se na ação específica 1.6.2 - Programa para o desenvolvimento de competências sociais e emocionais (DGE, 2021c). Abrange os seguintes objetivos: “Contribuir para o desenvolvimento de competências socioemocionais em linha com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória; promover o sucesso educativo e o combate ao abandono escolar; formar cidadãos ativos e de liderança servidora” (DGE, 2021b). Assim, as Escolas, ao aderirem ao PEU, têm a oportunidade de incorporar o seu método de forma articulada no sentido de dar resposta aos objetivos do Plano 21/23 Escola+. A implementação do PEU, direcionado para o 3º Ciclo do Ensino Básico (3ºCEB) e Ensino Secundário, pressupõe a organização de Semanas Ubuntu (SU) e conseqüentemente a implementação do Clube Ubuntu (DGE, 2021c).

Sendo o Clube Ubuntu “a forma de poder manter a dinâmica Ubuntu durante todo o ano letivo” (ALU, 2021c, p. 1), a tónica da presente investigação recai especificamente sobre a estratégia Clube Ubuntu. O Clube é uma ferramenta fundamental para a execução da finalidade do método Ubuntu, ou seja, para capacitar jovens enquanto agentes de transformação ao serviço de uma comunidade (ALU, 2021a, p. 8). Considerando a escassa existência de evidências científicas relativas ao impacto do Clube Ubuntu dentro da comunidade escolar e do próprio PEU, torna-se relevante levantar a pergunta de partida da presente investigação: Pode o Clube Ubuntu contribuir para a construção de agentes de mudança?

1.2. OBJETIVOS DO ESTUDO

A presente investigação consiste num estudo de caso inserido no paradigma interpretativo com uma abordagem essencialmente qualitativa. De forma a procurar dar resposta à pergunta de partida anteriormente apresentada, definiram-se os seguintes objetivos:

1.2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar de que forma o Clube Ubuntu contribui para a transformação dos alunos em agentes de mudança, nomeadamente a nível da formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Perceber se, através das ações desenvolvidas pelos jovens no seio do Clube, os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu (ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora) são materializados;
2. Avaliar a satisfação dos jovens face ao PEU, especificamente o Clube Ubuntu;
3. Analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar.

1.3. ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente documento encontra-se organizado cinco capítulos. Os subcapítulos correspondentes estão organizados de forma sequencial, progressiva e complementam-se entre si.

Capítulo I - *Introdução* - contextualiza a presente investigação, a sua relevância e esclarece os objetivos da investigação. Por fim, apresenta a estrutura organizativa da dissertação.

Capítulo II – *Enquadramento teórico* - realiza uma revisão de literatura explorando os fundamentos teóricos e conceituais da filosofia Ubuntu, bem como o método Ubuntu e as suas estratégias pedagógicas que permitem implementar o PEU. Ainda neste capítulo, é dada a conhecer a caracterização da ALU – PEU, dos Clubes Ubuntu e descreve a operacionalização dos mesmos, dentro do contexto escolar. Por fim, com base em documentos basilares no campo da educação escolar, fundamenta-se a pertinência do PEU nos espaços educativos e evidencia-se o mesmo, enquanto programa de inovação pedagógica.

Capítulo III – *Metodologia* - descreve os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação fornecendo informações sobre o contexto do estudo, os objetivos específicos, a metodologia utilizada, os participantes, os instrumentos e técnicas de recolha/análise de dados, bem como os procedimentos definidos para garantir a validade e confiabilidade dos resultados.

Capítulo IV - *Apresentação e análise de dados* – Apresenta e analisa os dados obtidos com a implementação do estudo. Realiza, ainda, a discussão dos resultados face aos objetivos propostos na investigação.

Capítulo V – *Considerações Finais* - Apresenta as soluções/conclusões do estudo, os desafios/limitações encontradas e refere sugestões para novas investigações.

Por fim, são facultadas as referências bibliográficas e os anexos, documentos fundamentais para suportar os assuntos abordados ao longo de todo o processo de realização do presente estudo.

No final desta investigação, espera-se contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a filosofia Ubuntu na educação.

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Segundo Sousa e Batista (2011), a fundamentação teórica consiste num levantamento bibliográfico de modo a reunir o máximo de informação possível da literatura científica da área em estudo. Para as autoras, este processo de procura de informação teórica é suportado em informação fidedigna, “referindo autores de renome e contributos relevantes na área e problemática de investigação” (p. 138). Permite, ainda, sustentar a temática em estudo e orientar o trabalho a ser concretizado.

Seguidamente, apresentam-se alguns conceitos identificados como basilares para a fundamentação da presente investigação, bem como alguns autores e seus contributos bibliográficos.

2.1. FILOSOFIA UBUNTU

“Ubuntu é uma maneira de estar na vida. É uma palavra que condensa a verdadeira essência do que é ser Humano. A minha humanidade está intrinsecamente ligada à tua e, por isso, eu sou humano porque pertenço, participo e partilho de um sentido de comunidade. Tu e eu somos feitos para a interdependência e para a complementaridade.

(Desmond Tutu)

A palavra Ubuntu deriva da junção de duas palavras ““Ntu” que significa pessoa e “Ubu” que significa tornar-se”. (ALU, 2022a). Autores, como Desmond Tutu, atribuíram à palavra Ubuntu a expressão “Eu sou porque tu és”. Esta frase representativa da filosofia ubuntu pretende transmitir a ideia de que só é possível ser-se pessoa através das outras pessoas (Marques, 2020, p. 12). Ubuntu, enquanto conceito, “está centrado na pessoa e na sua singularidade” e, simultaneamente, foca-se “no processo relacional que cada um é chamado a fazer: Tornar-se pessoa” (Neves, 2019, p. 185).

Esta forma de estar na vida evidencia que a vivência humana coloca no centro as relações. Afirma que cada um se torna mais pessoa no relacionamento com o outro, “ser-se com o outro” (ALU, 2022a). Trata-se de uma filosofia de vida “humanista, ou seja, transversal e independente de qualquer país, cultura, religião ou afiliação política” (ALU, 2021a, p. 7).

Por fim, ao estar ligado à relação de interdependência entre pessoas, o conceito Ubuntu responde à ligação entre as expressões “Penso, logo existo” e “Relaciono-me, logo existo”. Ser Ubuntu é entender que “o bem-estar e a felicidade individual estão intimamente ligados ao bem-estar e felicidade do outro” (ALU, 2021a, p. 7).

A presente filosofia fundamenta-se em três eixos estruturantes interligados e interdependentes, a saber: Ética do cuidado, Construir Pontes e Liderança Servidora. A interiorização e a prática destas três dimensões permite conduzir o ser humano para a vivência da essência da filosofia Ubuntu, contribuindo para um mundo melhor. De seguida, serão abordados os três eixos estruturantes da filosofia Ubuntu.

2.1.1. ÉTICA DO CUIDADO

Relativamente ao método Ubuntu, o Manual do Formador (IPAV, 2021a) refere que no ato de saber cuidar “encontra-se o *ethos* fundamental do homem” (p. 8). Por outras palavras, no cuidar do outro identificam-se os “princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida algo bom de se viver e das ações, um desafio a aceitar.” (*idem*).

A ética do cuidado, neste contexto, refere-se à responsabilidade que cada indivíduo tem para com os outros membros de uma determinada comunidade. Essa responsabilidade não se limita apenas à assistência material ou física, mas também engloba o cuidado emocional, espiritual e psicológico (Mayaka & Truell, 2021). Gonçalves e Alarcão (2023) apresentam três ideias chaves da dimensão da ética do cuidado: “cuidar de si, cuidar dos outros e cuidar do planeta” (p. 10). Estas ideias espelham a essência do “Eu sou porque tu és”, onde o ato de cuidar, dar atenção e proteger, tornam-se intrínseco à essência do ser Humano. Assim, o cuidar de mim, o cuidar do outro e o cuidar do planeta, levam ao sentido e ao propósito necessários para uma sociedade mais humanizada (ALU, 2021a; Gonçalves & Alarcão, 2023).

Nesta dimensão, valoriza-se a noção de que todos têm um papel a desempenhar na construção de uma comunidade coesa e harmoniosa. Cada pessoa é vista como parte de um todo maior e as suas ações e escolhas têm um impacto não apenas em si mesmas, mas também na comunidade em que estão inseridas (Hailey, 2008). Com a interiorização deste fundamento, os indivíduos fortalecem os laços sociais, promovem a coesão comunitária e contribuem para a construção de uma sociedade mais solidária e equitativa (ALU, 2021c).

2.1.2. CONSTRUIR PONTES

Segundo a filosofia Ubuntu, a construção de pontes enfatiza a ideia de se estar interligado, que as vidas estão entrelaçadas e que se partilha uma humanidade comum. Nesse contexto, a construção de pontes é uma metáfora relevante para ilustrar como a filosofia Ubuntu promove a conexão e a harmonia entre as pessoas e comunidades (Chigangaidze et al., 2021). Construir pontes relacionais implica uma descentralização do “eu” para um “nós” visando a promoção da harmonia e da unidade dentro da comunidade. Assim, torna-se possível construir relações interpessoais saudáveis e incrementar uma cultura de diálogo e respeito mútuo (Podlasek-Ziegler, M, 2019). Sermos capazes de nos reconhecer como interdependentes surge como uma característica fundamental para qualquer indivíduo construtor de pontes, ou seja, permite estabelecer relações interpessoais. Para se ser *pontífice*, palavra que deriva do latim *pontifex* e que significa “construtor de pontes” (*pons + facere*) (ALU, 2022a), é fundamental interiorizar a noção da necessidade de nos relacionarmos com os outros, de forma a criar relações e conseqüentemente unir margens e deixar-se transformar por essas mesmas relações (ALU, 2021c).

Numa sociedade cada vez mais fragmentada e polarizada, a noção de construir pontes ganha importância como um caminho para a compreensão mútua, o diálogo e a cooperação. Em vez de enfatizar as diferenças e as barreiras que nos separam, o Ubuntu convida-nos a olhar para o outro como um igual, reconhecendo as suas necessidades e aspirações como parte da nossa própria jornada (Msengana, 2006). Ao construir pontes, procuramos superar os conflitos e desentendimentos substituindo-os por um senso partilhado de pertença e empatia. Essa abordagem cria um ambiente propício para a resolução de problemas coletivos, a colaboração e a construção de comunidades mais coesas e solidárias. No contexto do Ubuntu, a construção de pontes também está relacionada com a responsabilidade e o cuidado mútuo através da promoção de valores como o respeito, a compaixão e a justiça. A filosofia Ubuntu incentiva ser agente ativo na criação de um mundo mais inclusivo (Lastikova, 2023).

O método Ubuntu convida o indivíduo a refletir sobre a própria responsabilidade enquanto construtor de pontes, colocando-se ao serviço do outro e exercendo uma ética do cuidado em prol do bem comum. De facto, as pontes construídas podem ajudar a

superar divisões e a unir pessoas com perspectivas díspares, assim como criar conexões e relacionamentos positivos que transcendem as barreiras culturais, étnicas e sociais.

2.1.3. LIDERANÇA SERVIDORA

Conforme apresentado no Manual do Formador (2021a) da ALU, “a Academia de Líderes Ubuntu assenta na convicção de que todos podem ser líderes porque todos, nas comunidades a que pertencem, podem servir (p. 9).

De um modo geral, a liderança servidora é uma abordagem de liderança que se baseia em princípios humanitários e comunitários, valorizando o coletivo sobre o individual. Ou seja, distancia-se do conceito de liderança centrado num só indivíduo, focando-se no bem comum e em procurar a mobilização de soluções para problemas concretos de uma determinada comunidade. Ao colocar o foco no bem-estar e crescimento da equipa, o líder servidor constrói relações de confiança e respeito mútuo (ALU, 2021a). Neste modelo, o líder servidor compreende que o sucesso e o bem-estar da comunidade/ grupo estão intrinsecamente ligados ao crescimento e à satisfação de todos os seus membros. Em vez de procurar apenas os seus próprios interesses, o líder servidor está genuinamente preocupado com o desenvolvimento e o bem-estar de todos os envolvidos (Brubaker, 2013).

Gonçalves, no seu artigo “Liderança servidora: uma inspiração em contracorrente cultural”, apresenta a seguinte definição de líder servidor:

O líder servidor é aquele que converte as experiências de compaixão por pessoas feridas na sua dignidade num apelo ético que o convoca à responsabilidade e, deixando que este apelo se erija em fonte de um chamamento-missão, põe-se ao serviço do reconhecimento da comum humanidade daquelas pessoas feridas, inspirando-as a serem protagonistas da restauração da sua própria dignidade (Gonçalves, 2019, pp. 106 - 107).

Com base nesta definição, o autor (Gonçalves, 2019) apresenta quatro ideias-chave para a compreensão do eixo Liderança Servidora dentro da filosofia em análise e qual o seu objetivo:

1. Uma intervenção com base nos princípios da liderança servidora, pode ocorrer em diversos cenários nomeadamente sociopolíticos, económicos e/ou culturais

onde se evidencie a desvalorização, discriminação ou segregação humana. Em tais situações, esta forma de liderança pode ser realizada de forma pessoal e direta, e ainda no seio de movimentos e organizações. No entanto, independentemente da abordagem, o seu objetivo principal envolve sempre a transformação simultânea dos indivíduos e das suas estruturas;

2. A motivação para o compromisso por parte do líder servidor, surge da vivência/tomada de conhecimento da existência de situações de vulnerabilidade ou isolamento, que provocam a algum tipo de inadaptação social. O líder ao reconhecer a fragilidade do outro, desperta em si, uma “indignação capaz de provocar um chamamento, missão interior para abraçar a causa que pretende servir” (Gonçalves, 2019, p. 107). Ao se dedicar ao serviço em prol das necessidades do outro, o líder servidor vivencia um propósito e sentido pessoal;
3. O propósito da liderança servidora consiste na restauração da dignidade humana das pessoas. Esta pode manifestar-se de várias formas, tais como “autoconfiança/amor, na esfera familiar; respeito/direito, na esfera da cidadania; estima social/solidariedade, na esfera sociocomunitária” (*idem*);
4. Num sentido de missão, torna-se fundamental que o exercício da liderança servidora seja uma ação na qual o próprio acredite e se inspire, atuando como construtor de pontes, regendo-se pelo cuidado ao outro, com base numa lógica de interdependência participativa, tendo o intuito “de restaurar, curar, resignificar ou reentregar” um determinado contexto (Gonçalves, 2019, p. 108).

A ALU (2021a) apresenta o líder servidor como aquele que se move pela necessidade interior na procura de fazer a diferença na vida dos outros e na realidade que o rodeia.

Por fim, apresentando o conceito Ubuntu e a filosofia que lhe é inerente, torna-se fundamental conhecer o método Ubuntu e perceber que estratégias pedagógicas utilizar e quais os meios necessários para enraizar o método Ubuntu no contexto escolar.

2.2. MÉTODO UBUNTU

O método Ubuntu tem como propósito permitir que cada um se descubra enquanto Líder Ubuntu. Procura potenciar o conhecimento de si mesmo, as potencialidades pessoais (nível individual) e promover relacionamentos saudáveis com os outros (nível relacional) (ALU, 2021). Desta forma, acredita-se ser possível transmitir e inspirar para

a importância da interiorização da filosofia Ubuntu no dia a dia e o reconhecimento da interdependência que se inicia no “Eu” e que se completa no “Nós” (ALU, 2021a). Apesar de se tratar de um método transversal a diversos contextos e públicos, nesta investigação, o método e as consequentes estratégias pedagógicas serão abordadas e fundamentadas de forma a serem enquadradas no contexto escolar.

Rui Marques (2020) refere que, no seio do método Ubuntu, no decorrer do processo de construção do “eu sou porque tu és”, há um reconhecimento “em simultâneo e sem contradição, que existo por mim mesmo e, ao mesmo tempo, dependo das relações que me constituem, não sendo dissociáveis estas duas dimensões” (p. 11). Com base nesta compreensão de educar para a interdependência, identificou-se cinco competências socioemocionais que estão na base do crescimento humano enquanto ser relacional. O método Ubuntu pressupõe a aprendizagem deste conjunto de cinco competências por parte dos participantes. Num primeiro nível, são promovidas competências focadas no indivíduo (autoconhecimento, autoconfiança e resiliência) e num segundo nível, competências sociais e relacionais (empatia e serviço). Seguidamente, na tabela, apresentam-se as cinco competências-chave, denominadas de Pilares Ubuntu.

Tabela 1 – Pilares do método Ubuntu pela Academia de Líderes Ubuntu

PILARES UBUNTU Competências Socio emocionais		Breve interpretação de acordo com a ALU
Pilares Individuais	Autoconhecimento	Viagem interior para o conhecimento de si próprio: medos, paixões, motivações, reconhecimento de forças e potencialidade.
	Autoconfiança	“A autoconfiança é fortalecida na medida em que, dotado de estratégias, cada um se reconheça capaz de atingir os objetivos e metas a que se propõe, cumprindo o seu desígnio no serviço ao outro” (p. 12).
	Resiliência	“A resiliência permite olhar para os contratemplos com a certeza de que, depois de ultrapassados, fortalecerão a capacidade de lutar pelos objetivos e sonhos que movem cada um” (p. 12).
Pilares sociais e relacionais	Empatia	“A empatia sintetiza a capacidade de ver e entender o mundo através do ponto de vista do outro. Implica estar disponível para reconhecer a outra pessoa na sua singularidade, para se colocar no lugar do outro” (p. 13)
	Serviço	“Após o conhecimento de si mesmo e das suas características específicas, acreditando em si mesmo, naquilo que é capaz de fazer, superando e ultrapassando adversidades, sentindo e partilhando com o outro, “cada participante encontra-se pronto a servir, liderando, promovendo e restaurando a dignidade humana. O serviço é o ponto de partida, mas também de chegada de um processo de construção individual que é circular, crescente e sempre incompleto. Torno-me pessoa” (p. 13).

Nota. A presente tabela sintetiza as ideias chaves de cada um dos Pilares do método Ubuntu. As informações foram retiradas do Manual do Formador (2021a, pp 11-13), da autoria do IPAV.

De modo a contribuir para o desenvolvimento pessoal e social dos participantes, apesar do especial enfoque para estas cinco competências socioemocionais, o projeto ALU promove, ainda, a aprendizagem de outras competências como o trabalho colaborativo, o pensamento crítico e autorreflexivo, a resolução de problemas e a escuta ativa, entre outras (Neves, 2019).

Considerando que o presente método procura proporcionar a oportunidade aos participantes de aprenderem e, conseqüentemente, desenvolverem este conjunto de competências sociomocionais, torna-se relevante definir e esclarecer o que se entende por aprendizagem de competências socioemocionais, antes de aprofundar cada um dos Pilares Ubuntu.

2.2.1. APRENDIZAGEM DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

De forma a facilitar a compreensão do conceito de competência socioemocional, nesta primeira fase, optou-se por apresentar separadamente o conceito de competência social e competência emocional, de acordo com a perspectiva de vários autores.

Para Canha e Neves (2008), conforme apresentado por Carvalho et al. (2016), competência social abrange competências e processos próprios do comportamento interpessoal, nomeadamente, "a empatia e a assertividade, a gestão da ansiedade e da raiva, e as competências de conversação; e os que dizem respeito ao desenvolvimento e manutenção de relações íntimas, envolvendo a comunicação, resolução de conflitos e competências de intimidade" (p. 18). Ainda segundo a linha de pensamento de Carvalho et al. (2016), o conceito de competência social pode ser interpretado a partir de dois conjuntos abrangentes de competências e processos: (i) os que dizem respeito ao comportamento interpessoal, tal como a empatia e a assertividade, a gestão da ansiedade e da raiva e as competências de conversação; (ii) os que dizem respeito ao desenvolvimento e manutenção de relações íntimas, envolvendo a comunicação, resolução de conflitos e competências de intimidade. Na perspectiva de Goleman (1995), apresentada pela autora Fernandes, R, (2020), verifica-se que quando uma pessoa controla as suas emoções e se relaciona com os outros, esse momento é marcado pelo amadurecimento de aptidões emocionais, nomeadamente o autocontrole e a empatia. Assim, essas aptidões pessoais transferem-se para a esfera de competências sociais.

Relativamente à noção de competência emocional, para Denham (2007), citado por Carvalho et al. (2016), esta envolve o desenvolvimento de habilidades relacionadas com a expressão de emoções, a regulação social e o conhecimento emocional. Segundo o autor, o desenvolvimento de competências emocionais está relacionado com a identidade, as experiências pessoais e com o desenvolvimento moral e social do indivíduo. As competências emocionais são, ainda, referidas como sendo competências de base e centrais no desenvolvimento da criança. Uma vez que são fundamentais para que os indivíduos consigam ser capazes de “interagirem, autorregulem-se e estabelecerem relações gratificantes com os outros, na gestão do afeto no início e na continuidade do envolvimento evolutivo com os pares” (Carvalho et al., 2016, p. 18). Seguidamente, apresentada uma breve noção dos conceitos de competência social e emocional, é possível relacioná-los e refletir sobre o que são competências socioemocionais.

Os autores Nielsen, Meilstrup, Nelausen, Koushede e Holstein (2015), citados por Fernandes, R. (2020), fundamentam o conceito de competência socioemocional como uma capacidade que possibilita os indivíduos de gerirem as suas vidas com o intuito de participarem e envolverem-se na vida da sociedade que os rodeia. Carvalho et al. (2016), evidenciam que a aprendizagem socioemocional,

consiste no processo de desenvolvimento de competências sociais e emocionais pelas crianças, jovens e adultos, correspondendo aos conhecimentos, atitudes e competências que cada um/a precisa consolidar para fazer escolhas coerentes consigo próprio/a, ter relações interpessoais gratificantes e um comportamento socialmente responsável e ético (p. 19).

De facto, a presente definição corrobora os princípios da Academia de Líderes Ubuntu, na tentativa de “acordar” o lado humanista de cada um.

Com esta contextualização, é possível perceber a relevância das cinco competências chave do método Ubuntu e, ainda, o porquê de serem consideradas como os “pilares” que permitem sustentar esta filosofia, sempre com o intuito de capacitar e conscientizar os participantes para estabelecerem relações positivas e cuidar das mesmas, assim como incentivá-los a colocar as suas melhores competências ao serviço dos outros. De

seguida, serão apresentados os cinco Pilares Ubuntu, de acordo com o método em análise.

2.2.2. CINCO PILARES UBUNTU – COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

Considera-se que os cinco Pilares são interligados e interdependentes e que o seu conhecimento possibilita fazer uma viagem do “eu” para o “tu” e, ainda, para o “nós”, permitindo reconhecer o relacionamento como sendo vital e construtivo (Marques, 2020, p.12).

Autoconhecimento

O método reconhece que, para se dar uma transformação de vida, primeiramente é necessário realizar uma viagem interior ao conhecimento de si mesmo (ALU, 2021a). Conforme exposto por Gonçalves, Fernandes e Rogowski (2020), o “autoconhecimento desafia cada um de nós a conjugar “conhece-te a ti mesmo”, “dá-te a conhecer ao outro” e “conhece o outro”, num processo permanente, numa caminhada a ser feita e refeita.” (p. 34). Assim, o autoconhecimento desenvolve-se na relação com o outro. Tal pressupõe estar aberto para a comunicação e o diálogo (*idem*). O autoconhecimento implica consciência realista de si mesmo, ou seja, das forças e fragilidades. Este processo, realizado em relação com o outro, é fundamental, uma vez que é na relação com o outro que o ser humano se desenvolve (ALU, 2021a). Por fim, este pilar impulsiona a construção do pilar seguinte, a autoconfiança (Marques, 2020).

Autoconfiança

Uma das consequências do desenvolvimento do autoconhecimento é o fortalecimento da autoconfiança. À medida que cada participante vai reconhecendo e interiorizando o seu próprio potencial e capacidade para atingir os seus objetivos e metas, a autoconfiança vai sendo fortalecida. Assim, confia e reconhece as suas competências/habilidades individuais que pode colocar ao serviço dos outros - Ética do Cuidado e Liderança Servidora (ALU, 2021a). De acordo com Oliveira (2020), a autoconfiança está relacionada com a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo. John Volmink (2019), aborda a autoconfiança através da ideia de determinação e coragem, isto é, determinação no caminho que se quer trilhar e coragem para trilhá-lo, apesar dos obstáculos, das críticas, das dificuldades (pp. 64-65).

Resiliência

Para Anzini, Forte e Santos (2020), resiliência traduz-se na “capacidade que o indivíduo tem de sobreviver e de se recuperar de experiências difíceis e traumáticas” ou, ainda, num sentido mais social, na capacidade “de uma Comunidade se adaptar após uma adversidade ou catástrofe” (p. 82). No método Ubuntu, esta competência é interpretada pela capacidade de converter as situações difíceis em oportunidades para evoluir. Qualquer obstáculo, simples ou complexo, é considerado como um incentivo para que o participante se possa desafiar, superar e crescer (ALU, 2021a). A capacidade de superar obstáculos é considerada a “arte de continuar a acreditar, dando sentido às vivências (Anzini, Forte & Santos, 2020, p. 82),

Empatia

Por empatia entende-se a capacidade de interpretar o mundo através do ponto de vista do outro, colocando-se no seu lugar. Tal processo implica a disponibilidade para o reconhecimento da singularidade do outro, ou seja, a procura em compreender as perspetivas e os sentimentos dos outros. (ALU, 2021a). Alarcão e Fonseca (2020, p. 110), apresentam a definição de empatia recorrendo às palavras de Spreng (2009) "capacidade de um indivíduo entender e responder de forma adequada às emoções dos outros, de comunicar emocionalmente e promover um comportamento pró-social.". As mesmas autoras afirmam que esta competência é um dos ingredientes-chave dos relacionamentos interpessoais de sucesso. Nas palavras de Rui Marques (2020), a empatia é o pilar mais óbvio de um método que surge de um conceito estruturado a partir do “*relaciono-me, logo existo*” e liga-se intimamente ao próximo pilar, o serviço (p. 12)

Serviço

Por fim, o serviço envolve uma forma concreta de ser e estar em relação com o outro. Pretende-se que os envolvidos, ao reconhecerem a responsabilidade que têm com o outro e com o que o rodeia e após a aquisição de competências humanas, tornem-se líderes servidores, motivados pela possibilidade de contribuírem por um mundo melhor. Depois de reconhecerem na relação a individualidade de cada um (autoconhecimento), de acreditarem nas suas habilidades (autoconfiança) para a superação das adversidades (resiliência), de valorizarem o sentir com o outro (empatia), considera-se que os participantes estão aptos para o exercício de uma liderança servidora em prol do bem

comum (serviço). O pilar “serviço” representa o compromisso do próprio com a comunidade em prol do bem comum. (ALU, 2021a). Montenegro e Gaspar (2020) apresentam a noção de líder servidor como "aquele que é convocado a estimular cada homem a ser líder de si mesmo, na exata medida em que cada pessoa tem o direito e, simultaneamente, o dever de assumir as suas responsabilidades sociais, de escrever a sua própria história e de restaurar a sua dignidade humana.” (p. 133). Assim, o serviço dá sentido e destino a todos os outros Pilares.

Para Rui Marques (2020, p. 12), os Pilares querem-se sólidos e bem assentes, permitindo sustentar o edifício, pois, só assim é possível prosseguir o trabalho sobre o terreno de implantação. Na sua perspetiva, com base na aprendizagem e desenvolvimento destes Pilares é possível construir um edifício Ubuntu onde existem três espaços interligados: a liderança servidora, a ética do cuidado e a construção de pontes. Para a identificação destes Pilares, destacam-se três influências; (i) a figura de Nelson Mandela, forte inspiração e exemplo dentro deste método; (ii) os trabalhos de Daniel Goleman relativos à compreensão dos mecanismos da inteligência emocional e social, (iii) as vidas dos participantes da ALU, especialmente os que superaram grandes desafios (Marques, 2020). A figura 1 procura espelhar a articulação entre os cinco Pilares Ubuntu e os três eixos que regem a filosofia Ubuntu.

Figura 1 – Método Ubuntu

Método Ubuntu



Nota. Imagem adaptada da apresentação do Conselho de Diretores de Escolas Ubuntu, realizado em Dezembro de 2022. IPAV.

O programa Academia de Líderes Ubuntu – Escolas Ubuntu surge com o intuito de disseminar a filosofia Ubuntu a partir da construção de um método com base nos cinco Pilares e do reconhecimento dos três eixos estruturantes da filosofia Ubuntu. O programa, recorrendo a uma metodologia própria e estratégias específicas, compromete-se a contribuir para a transformação dos seus participantes em agentes de mudança ao serviço da comunidade, colaborando para a construção de uma sociedade mais justa e solidária (ALU, 2021d, p. 8).

2.2.3. *ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO MÉTODO UBUNTU*

Antes de apresentar as estratégias que materializam o presente método, é relevante referir que se trata de um método em permanente evolução e adaptação, no sentido de acompanhar as mudanças atuais. Contudo, conforme será apresentado, trata-se de um método fiável, suportado e inspirado em recursos científicos e referenciais teóricos. Atualmente, este método é testado/avaliado em contextos reais (avaliação dos resultados e avaliação de impacto) e validado/consolidado com o apoio do Conselho Científico da Academia de Líderes Ubuntu (Marques, 2020; ALU, 2022c). Só assim é possível a replicação do método pelos vários AE, através do PEU.

O documento não publicado “Estratégias pedagógicas no método Ubuntu” (2022c), da ALU é a base para a informação contida neste ponto e consiste num referencial para os Educadores Ubuntu¹. Por estratégias pedagógicas entende-se o conjunto de ações que os Educadores Ubuntu devem operacionalizar para alcançarem com sucesso o objetivo do ensino/aprendizagem do PEU, ou seja, “como fazer” ou executar o processo educativo relativo ao método Ubuntu (ALU, 2022c. p3).

Sendo diversas as estratégias pedagógicas que permitem sustentar este método, serão aqui apresentadas apenas aquelas que melhor representam o método no contexto escolar, nomeadamente, as estratégias pedagógicas relacionadas com a dinamização das

¹ Educador Ubuntu, em contexto escolar, compreende todo aquele que está envolvido na missão de educar/orientar os jovens para a filosofia Ubuntu. Este é responsável por executar o registo pedagógico próprio do projeto. Para se ser Educador Ubuntu é obrigatório frequentar a “Formações de Educadores Ubuntu” disponibilizada pelo PEU. A nível de exemplo, nas escolas, as equipas de Educadores Ubuntu podem englobar professores, diretores, pessoal não docente, técnicos especializados como Educadores Sociais e Psicólogos, e ainda elementos da comunidade.

SU e do Clube Ubuntu. De um modo geral, as estratégias caracterizam-se por serem participativas, experienciais e relacionais, onde a aprendizagem entre pares é valorizada.

No campo teórico, o presente método, inspira-se em Carl Rogers e no seu *método não-diretivo*. Do ponto de vista deste autor, trata-se de uma abordagem estruturada, centrada no participante. Este é tido como agente voluntário e ativo no processo de aprendizagem, que acontece pela própria experiência e pela descoberta pessoal que ele proporciona. (ALU, 2022c). A *aprendizagem socio-constructivista* de Vygotsky é outra visão que sustenta este método. Esta teoria de aprendizagem realça que o desenvolvimento humano é “socialmente contextualizado e o conhecimento é construído na interação com os outros” (Vygotsky, 1978, p. 57, citado em ALU, 2022c, p. 4). Ainda dentro desta visão, o método inspira-se na importância dos processos de aprendizagem colaborativa, da relevância do conhecimento do meio que nos rodeia e a interpretação que cada indivíduo faz das regras e normas sociais e culturais, com base nas suas próprias vivências. Para terminar esta exposição sobre os principais referenciais teóricos que regem o método Ubuntu, importa referir que este se inspirou, ainda, nos fundamentos apresentados no relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, elaborado para UNESCO, que deu origem ao livro “Educação: um tesouro para descobrir” (2020). Para o método Ubuntu são referidas as seguintes duas áreas de aprendizagem como sendo fundamentais: “aprender a viver juntos” e “aprender a ser” (ALU, 2022c, pp. 4 -5).

Relativamente à metodologia adotada no terreno, a metodologia Ubuntu situa-se no domínio da Educação Não-Formal (ENF). A ALU define ENF como “qualquer atividade educacional organizada e sistemática, desenvolvida fora do enquadramento do sistema formal, sobre determinadas aprendizagens para subgrupos particulares de população, sejam adultos, sejam crianças” (Coombs & Ahmed, 1974, p. 8, citado em ALU, 2022c, p. 7). Por sua vez, Garcia (2015), citado em Carvalho (2022), apresenta a ENF como uma ação que procura dar resposta a diferentes preocupações como formação integral do ser humano. Neste contexto, a ALU enquadra-se na promoção de aprendizagens para a vida (competências socioemocionais), procurando capacitar os indivíduos para a ação de uma cidadania ativa e humanizada. A participação na sociedade é ativa e de cariz voluntário. É dada especial importância ao processo de

aquisição de aprendizagens realizado pelos participantes que ocorre com base na experimentação e ação (ALU, 2021a; ALU, 2021c; ALU, 2022c).

De acordo com o Memorando de Aprendizagem ao Longo da Vida (Comissão Europeia (2000), a aprendizagem formal ocorre nas instituições de ensino e formação e conduz a diplomas e qualificações reconhecidos. Para Rodrigues (2016), ambas as modalidades de educação, formal e não-formal, caracterizam-se por processos resultantes de aprendizagens de conteúdos considerados valiosos. Contudo, na Educação Formal (EF), estes conteúdos estão vinculados a um currículo e programas oficiais, com o objetivo de atribuir uma qualificação ou graduação. Por sua vez, na ENF, não há vínculo curricular ou programas oficiais, nem a obrigatoriedade de atribuir uma qualificação ou graduação. Segundo Oliveira e Rodrigues (2020), pode e deve-se fomentar a conexão entre a EF e ENF, num processo de construção integrado, no qual o conhecimento circula ativamente entre os dois tipos de educação. Nesse sentido, a ENF pode ocorrer fora da escola, mas também dentro dela “coexistindo com a educação não formal”, tornando o ensino mais atraente e aumentando a sua eficácia (Rodrigues, 2016, p. 20).

Outra dimensão relativa às estratégias pedagógicas é o Ciclo de aprendizagem experiencial conceptuada por Kolb. Este assume que “aprender é o processo pelo qual o conhecimento é criado através da transformação da experiência” (Kolb, 1984, p. 38, citado em ALU, 2022c, p. 11). Nesta vertente, mais do que os conteúdos, valoriza-se o processo de adaptação e aprendizagem. Acresce, ainda, a ideia do conhecimento ser um processo em constante transformação, assumindo que o indivíduo construa e reconstrua conhecimento ao invés de ser apenas um transmissor de conhecimento tal e qual o adquiriu (*idem*). Assim, conclui-se que a aprendizagem é vista como um processo contínuo e em círculo, no qual interagem dimensões como: “a experiência concreta, a observação reflexiva a conceptualização abstrata e se repercute depois novamente na experimentação ativa, reiniciando e aprofundando o ciclo.” (*idem*). A seguinte imagem representa processo aqui descrito (p. 13).

Figura 2 – Representação do Ciclo de Aprendizagem de Kolb (1984)



Nota. Imagem retirada do documento Estratégias pedagógicas do método Ubuntu (ALU, 2022c, p. 13)

Como última estratégia pedagógica apresenta-se o sistema simbólico que a ALU estruturou nos últimos dez anos de projeto. Bourdieu (2021), refere que “os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação” (p. 4). Para que os participantes se identifiquem com o conceito Ubuntu, a ALU definiu um conjunto de símbolos com a função de identidade, pertença e inspiração. Estes símbolos pretendem ser o elo com a capacidade de gerar sentimentos de pertença a uma determinada comunidade (ALU, 2022c), neste caso concreto a chamada “família Ubuntu”.

Principais elementos que compõem o sistema simbólico da ALU (ALU, 2022c, pp. 24-34):

- “**Ser Ubuntu**” – Ubuntu não representa apenas um conceito de filosofia e ética social, mas também uma identidade para os seus participantes. É fazer parte de uma comunidade global “a família Ubuntu”, constituída por “Ubuntus” dos diversos países nos quais a ALU está presente;
- **466/64** – Esta sequência de números, está na camisola vestida pelos participantes do projeto. Enquanto prisioneiro, em Robben Island, este foi o

número de Nelson Mandela, líder de referência dentro do método Ubuntu. Apenas quem passa pelo processo imersivo de uma SU recebe e utiliza esta camisola que simboliza honrar o legado de Mandela. Inspirado pelo seu exemplo, os Ubuntu são chamados a serem agentes ativos dos valores da filosofia Ubuntu;

- **Mão aberta/Cinco pilares** – A mão aberta representa simultaneamente ação (“colocar as mãos na massa”), receber e colaborar com o outro, o valor da transparência (não ter nada a esconder) e, por fim, a cada dedo está associado a um dos Pilares Ubuntu;
- **Modelos de Referência** – Uma outra estratégia pedagógica traduz-se na aprendizagem através de modelos de referência (*role models*). Na ALU, consideram-se três tipos de modelos:
 - Líderes Ubuntu de projeção mundial - Demonstram a aplicabilidade da filosofia Ubuntu e os princípios da liderança servidora, como Nelson Mandela, Martin Luther King, Malala, Desmond Tutu, entre outros;
 - Líderes comunitários - Através das suas histórias de vida, partilhadas na primeira pessoa, inspiram os jovens a serem também eles veículos de mudança. Por norma, é dada voz àqueles que todos os dias são “heróis” nos seus contextos. Os convidados são líderes da comunidade envolvente dos alunos participantes que, no seu dia a dia, passam despercebidos e, ao serem convidados, mostram novas realidades e vivências;
 - Os próprios participantes - Através de dinâmicas de reflexão e de *Personal Storytelling*, ganham consciência de que o seu próprio percurso de vida pode ser uma fonte de inspiração para o próximo;
- **Frases Inspiradoras** – Recorrendo a excertos de filmes, a citações de líderes ou versos de poemas, os Ubuntu vão interiorizando algumas frases que suscitam inspiração, sentimento de pertença e identidade, tais como - “Eu sou porque tu és.”, “Eu sou o senhor do meu destino, capitão da minha alma.” (Poema *Invictus*); “Tudo parece impossível até que seja feito.” (Nelson Mandela); “Todos podem ser grandes, porque todos podem servir” (Martin Luther King); “Sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele o oceano seria menor” (Madre Teresa de Calcutá).

Por fim, o conjunto destas estratégias permite conduzir os participantes ao propósito da ALU: capacitar os participantes jovens a serem agentes de mudança ao serviço de uma comunidade mais justa e solidária, promovendo o desenvolvimento integrado de competências com enfoque nas capacidades para a liderança servidora (ALU, 2021b; Gonçalves & Alarcão, 2022).

2.3. ACADEMIA DE LÍDERES UBUNTU | PROGRAMA ESCOLAS UBUNTU NO TERRENO

O projeto ALU, tem por base Ubuntu, enquanto conceito, filosofia e ética social e o método Ubuntu, enquanto operacionalizador no terreno. É através do PEU, que a ALU tem inspirado adultos e jovens a serem socialmente mais participativos e a contribuem para o bem-estar relacional, dentro e fora dos seus contextos educativos. Seguidamente, será apresentada, de forma mais detalhada, a operacionalização do PEU no contexto educativo português.

De acordo com o site da ALU, este projeto foi concebido pelo Instituto Padre António Vieira (IPAV) em 2010, que é uma associação cívica portuguesa, sem fins lucrativos. Tem como missão restaurar e promover a dignidade humana através da dinamização de uma cultura colaborativa assente na promoção da unidade na “diversidade” (IPAV, 2020). É, ainda, a entidade responsável pelo desenvolvimento do Método Ubuntu.

Atualmente a ALU encontra-se em 58 países, desde a península Ibérica até a África, América Latina, estendendo-se pelo Oriente e abrangendo ainda Timor-Leste, Camboja e Filipinas (Gonçalves & Alarcão, 2022, p. 3). A ALU é um projeto de ENF que pretende capacitar jovens elevando o seu potencial de liderança. O principal foco é “acompanhar, facilitar, enriquecer e consolidar o desenvolvimento de cada participante enquanto líder ao serviço da comunidade, promovendo competências humanas e técnicas relevantes para o seu percurso de vida” (ALU, 2022b).

Atualmente, o projeto ALU, chega às escolas através do Programa Escolas Ubuntu (PEU) que pretende capacitar jovens entre os 12 e os 18 anos. Como já referido, a sua metodologia caracteriza-se pelo recurso a uma abordagem participativa, experiencial e relacional inserida no campo da ENF. Serve-se de recursos lúdico-pedagógicos como dinâmicas de grupo, reflexões, filmes e *Personal Storytelling* e privilegia a educação

entre pares (ALU, 2021d, p. 9). Inspirando-se em figuras como Nelson Mandela, Martin Luther King ou Malala, procura disseminar uma cultura democrática e competências socioemocionais. Permite aos jovens construírem-se enquanto agentes de mudança, ao serviço de uma comunidade mais justa e solidária, promovendo o desenvolvimento integrado de competências com enfoque nas capacidades para a liderança servidora (Gonçalves & Alarcão, 2022; ALU, 2021b). Em simultâneo, este projeto visa envolver os professores, pessoal não docente (PND) e toda a comunidade escolar, para que, em conjunto, possam construir projetos pedagógicos que promovam o diálogo e a paz em volta dos três eixos basilares da filosofia Ubuntu (ética do cuidado, construir pontes e liderança servidora), contribuindo para que as escolas sejam espaços mais justos, coesos e inclusivos (ALU, 2021b; Gonçalves & Alarcão, 2022).

Este programa assume os seguintes objetivos (ALU, 2021d, p. 8)

- “Capacitar jovens, enquanto agentes de transformação ao serviço das suas comunidades, promovendo o desenvolvimento integrado de competências socioemocionais, com especial enfoque nas suas capacidades para a liderança ao serviço das comunidades, desde logo da própria comunidade educativa;
- Fortalecer a cultura democrática e a participação cívica de estudantes, através da metodologia Ubuntu de capacitação para a liderança servidora;
- Trabalhar com os educadores, capacitando-os para a promoção da cidadania, do diálogo, da promoção da paz e justiça social, desenvolvendo competências de resolução de conflitos e construção de pontes, entre e dentro das comunidades, contribuindo para o desenvolvimento de sociedades mais inclusivas, coesas e justas.”

O PEU está enquadrado no Plano 21/23 Escola+. Este Plano é uma iniciativa governamental com origem num conjunto de medidas integradas que visam a recuperação das aprendizagens dos alunos do ensino básico ao secundário “procurando garantir que ninguém fica para trás” (DGE, 2021a). De acordo com a informação proveniente da DGE, enviada para as escolas a julho de 2021, a concretização do PEU é realizada através da ação específica 1.6.2 – Programa para competências sociais e emocionais (DGE, 2021c), detentora dos seguintes objetivos “Contribuir para o desenvolvimento de competências socioemocionais em linha com o Perfil dos Alunos à

Saída da Escolaridade Obrigatória; Promover o sucesso educativo e o combate ao abandono escolar; Formar cidadãos ativos e de liderança servidora” (DGE, 2021b). Além disso, “visa proporcionar a cada Agrupamento de Escolas aderente a realização da Academia de Líderes Ubuntu, tendo em vista o desenvolvimento de competências socio-emocionais, como o autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e sentido de serviço” (DGE, 2021c, p. 1). No ano letivo 2021/2022, o programa chegou a cerca de 350 escolas, ou seja, 50 % das escolas do sistema educativo português (Agência Lusa, 2021).

Para a concretização dos seus objetivos, O PEU é dinamizado através de três grandes ações (ALU, 2021d):

- Capacitação de professores no método Ubuntu: Formação de Educadores - Educação para a Cidadania através de Ubuntu (50h);
- Realização de Semanas Ubuntu;
- Implementação do Clube Ubuntu com a missão de criação e execução de um plano de atividades que concretize a ética do cuidado, a liderança servidora e a construção de pontes.

2.4. CLUBE UBUNTU | O DISSEMINAR DA FILOSOFIA UBUNTU

“O Clube Ubuntu é a possibilidade que nós temos de dar continuidade e de seguir um caminho que a escola definiu neste sentido da relação com as pessoas.”

(Luís Novais, Diretor do AEB)

O Clube Ubuntu “é a forma de poder manter a dinâmica Ubuntu durante todo o ano letivo” (ALU, 2021c, p. 1). Trata-se de uma estrutura de carácter voluntário que permite reforçar o trabalho dos participantes a nível das competências socioemocionais. Também permite colocar em prática os cinco Pilares do método Ubuntu e os três eixos basilares da ALU (*idem*), trabalho esse iniciado nas SU.

Através da SU, os alunos têm o primeiro contacto com a filosofia Ubuntu. Durante estes cinco dias, iniciam o seu percurso de autodescoberta e propósito através de uma proposta de ENF estruturada e de estratégias específicas (ALU, 2021a). Diversos

estudos de caso relativos à implementação das SU em escolas de Portugal (Gonçalves & Alarcão, 2023), realizados sob a orientação do Conselho Científico da ALU, apresentam resultados muito positivos. Estes observam-se não só a nível de impactos/potencialidades em relação aos alunos/grupo-turma, mas também noutras dimensões como professores/educadores, impactos familiares/comunidade educativa e escola. A título exemplificativo, Fonseca (2023), no seu estudo de caso “Academia de Líderes Ubuntu na escola: Diretora e assistentes operacionais identificam os impactos no Agrupamento de Escolas Professor Agostinho da Silva”, refere que o programa demonstra um envolvimento direto de toda a comunidade educativa, desde alunos e professores, a técnicos e assistentes operacionais e, ainda, um envolvimento indireto da comunidade envolvente. Particularizando os resultados relativos à dinamização das SU junto dos alunos, o estudo relata impactos positivos, nomeadamente, a nível do relacionamento interpessoal e desenvolvimento pessoal. Por sua vez, Marques e Caires (2023), no seu estudo de caso “Ubuntu na Escola de Segunda Oportunidade de Matozinhos”, demonstram, também, os impactos significativos verificados nos alunos participantes, especialmente na relação com o outro (mais empatia e tolerância) e em termos intrapessoais (mais autoconfiança e autoestima). Por fim, ambos os estudos evidenciam a mais-valia da articulação do método Ubuntu com o currículo escolar, assim como a necessidade de dar continuidade ao trabalho iniciado nas SU, nomeadamente no Clube Ubuntu, de forma a consolidar as aprendizagens e a dar seguimento a adoção da filosofia Ubuntu no dia-a-dia.

De forma a disseminar os valores inerentes à filosofia Ubuntu na comunidade, dentro e fora da escola, e no sentido de dar continuidade ao seu percurso de auto-descoberta, os alunos tornam-se responsáveis pela continuidade do próprio programa através do Clube Ubuntu. Neste espaço, onde a participação é de cariz voluntária, os alunos propõem-se a desenvolver atividades tais como: programação de encontros, replicação de dinâmicas Ubuntu com outros alunos, realização de ações de voluntariado e de sensibilização na comunidade, representação das escolas em eventos, planeamento e implementação de projetos e ações dentro e fora da comunidade escolar (ALU, 2021c). Procuram, de alguma forma, melhorar os relacionamentos em contexto educativo e envolver ativamente os vários atores comunidade educativa. O Clube é o único espaço que dissemina a filosofia Ubuntu ao longo de todo o ano letivo e envolve toda a comunidade escolar, pois proporciona aos alunos um espaço onde podem dar continuidade ao

trabalho iniciado na SU, quer na aplicação dos cinco pilares (autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia, serviço) e na colocação em prática dos eixos fundamentais do método Ubuntu (ética do cuidado, liderança servidora e construção de pontes).

Apesar de cada Clube Ubuntu ter liberdade para elaborar o seu Plano de Atividades, a ALU disponibiliza um manual de apoio o “Manual Clubes Ubuntu” (ALU, 2021c). Neste manual estão presentes sugestões de atividades a serem dinamizadas de modo a aprofundar os cinco Pilares Ubuntu, a colocar em prática a liderança servidora e a garantir a continuidade do espírito Ubuntu durante o ano letivo (ALU, 2021c). Neste mesmo documento referem-se as seguintes categorias de iniciativas a concretizar (ALU, 2021c, p. 5):

- **Dias Ubuntu** – Organização de eventos que celebrem datas de reconhecimento de líderes Ubuntu ou dias oficiais de causas relevantes (Diversidade, Paz, Liberdade, África, Cooperação, etc.);
- **Mãos na massa** – Iniciativas relacionadas com o serviço e voluntariado, na comunidade escolar e comunidade envolvente;
- **Multiplicando** – Replicação de dinâmicas da SU com outros atores da comunidade educativa (alunos, professores, PND, Encarregados de Educação);
- **Em campanha** - Dinamização de campanhas de sensibilização por uma determinada causa eleita.

2.5. PERTINÊNCIA DO PROGRAMA ESCOLAS UBUNTU NO CONTEXTO ESCOLAR

Sobre a educação escolar, Gonçalves e Alarcão (2023) alegam que “na maior parte das vezes, ainda é unidimensional e excessivamente focada na aquisição de conhecimentos / competências individuais e não tanto na construção da pessoa inteira na sua relação com os outros e o mundo” (p. 14). Os mesmos autores sustentam que a ALU, através do seu método, proporciona aos participantes estratégias diferenciadoras de potenciar aprendizagens que permitem interpretar a humanidade a partir das relações, sem descorar o conhecimento cognitivo (*idem*).

Neste último tópico referente ao Enquadramento teórico, pretende-se evidenciar a pertinência do PEU nas escolas, nomeadamente a sua ação através do Clube Ubuntu.

Assim, após a fundamentação do método Ubuntu, a explanação das suas estratégias pedagógicas e a apresentação da operacionalização do PEU, considera-se relevante demonstrar de que forma pode a ALU, através do Clube Ubuntu, ser um complemento para o sistema educativo, assim como uma inovação pedagógica. Para tal, parte-se da premissa, já fundamentada, da possibilidade de coexistência entre a EF e a ENF (Rodrigues, 2016).

Atualmente, existem diversos documentos oficiais, estudos científicos e iniciativas ou programas, devidamente validados, que defendem e comprovam que a escola deve promover o desenvolvimento integral dos jovens, não só a nível de conhecimentos académicos/cognitivos, mas também a nível das aprendizagens inter e intrapessoais, (como é o caso das competências socioemocionais), assim como a necessidade de cultivar valores éticos e morais nos jovens. De seguida, analisa-se alguns dos documentos basilares que espelham esta noção, direcionados para o sistema educativo.

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) é o principal referencial normativo das políticas educativas em Portugal. O primeiro princípio geral da LBSE indica que “todos os portugueses têm direito à educação e à cultura” (Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, 1989, art.º 2.º). Observa-se, assim, que é missão do sistema educativo não só educar como aculturar, missão essa refletida na forma como está organizado o Sistema Educativo enfatizando a necessidade de incorporar, entre outros, os “valores sociais” e “assegurar a formação cívica e moral dos jovens”, para o pleno desenvolvimento da personalidade dos alunos (art.º 3.º-b e c). Nesse sentido, a LBSE é bem clara ao referir que o sistema educativo pretende assegurar a formação integral e os valores sociais de cada criança e jovem, nomeadamente “Contribuir para a realização pessoal e comunitária dos indivíduos” (art.º 3.º-f). Por fim, a presente lei no seu art.º 2.º, apresenta os seguintes princípios gerais que coincidem com interesses do método Ubuntu: contribuir “ para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários” (art.º 2.º- 4) e ainda:

A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo

o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva (art.º 2.º- 5).

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) (Martins et al. 2017), é um documento base orientador das escolas, uma das referências atuais na organização do sistema educativo português, uma vez que abrange todos os indivíduos ao longo da escolaridade obrigatória. No PASEO são consideradas dez áreas de competências que os alunos devem desenvolver: Linguagens e textos; Informação e comunicação; Raciocínio e resolução de problemas; Pensamento crítico e pensamento criativo; Relacionamento interpessoal; Desenvolvimento pessoal e autonomia; Bem-estar e saúde; Sensibilidade estética e artística, Saber técnico e tecnologias e Consciência e domínio do corpo. Como forma de evidenciar a pertinência da dinamização do PEU em contexto escolar, parte-se da premissa que, segundo o PASEO, a escola passa a ter um papel preponderante na formação global de cada aluno, não apenas como aluno aprendiz de conteúdos, mas como ser social interventivo. Assim, não basta saber ler, escrever e fazer contas, mas, cumulativamente, saber relacionar-se, ou seja, ser detentor das dimensões já apresentadas da filosofia Ubuntu. Para enfatizar esta ideia, o documento PASEO apresenta que,

(...) os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista. Para tal, mobilizam valores e competências que lhes permitem intervir na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas, e dispor de uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável (Martins et al. 2017, p. 10).

Torna-se relevante relembrar que, no PASEO a DGE identificou a importância dos princípios e do método estruturado do PEU, possibilitando que este chegasse a cerca de 350 AE, através da ação específica 1.6.2 – Programa para competências sociais e emocionais do Plano 21/23 Escola+ (DGE, 2021c). Estipulou como objetivos “Contribuir para o desenvolvimento de competências socioemocionais em linha com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória; promover o sucesso educativo e o combate ao abandono escolar; formar cidadãos ativos e de liderança servidora (DGE, 2021b). Assim, torna-se evidente o reconhecimento do PEU, e consequentemente do

Clube Ubuntu, como uma ferramenta auxiliadora da implementação dos princípios do PASEO, nomeadamente através da aprendizagem de competências socioemocionais, de valores como a tomada de consciência de si mesmo e o ser sensível e solidário para com o próximo. A cidadania e participação, também explicitas nos objetivos do PEU, são fomentadas no método Ubuntu através do eixo da Liderança Servidora e executadas através das ações desenvolvidas pelos alunos no Clube Ubuntu. Este é outro aspeto considerado pelo PASEO, pois pretende-se que os alunos demonstrem respeito pela diversidade humana e cultural, que atuem de acordo com os princípios dos direitos humanos e que negociem soluções em prol da solidariedade e da sustentabilidade ecológica, sendo socialmente interventivos, empreendedores e com iniciativa (Martins et al. 2017).

Por fim, um documento mais recente “Reimaginar os nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação (UNESCO, 2022), lança pistas para repensar na Educação face às mudanças e evolução da sociedade e consequentes desafios que estas acarretam. O documento defende a necessidade do modelo educativo ser repensado, planeado e executado, considerando uma perspetiva mais social e relacional, representado por outras palavras a essência Ubuntu: valorizar a necessidade de interdependência com o outro “eu sou porque tu és” ou “eu só posso ser pessoa através das outras pessoas” (ALU, 2022a):

Um dos principais papéis da educação é formar cidadãos que promovam os direitos humanos. Isso implica desenvolver as capacidades que tornam os estudantes pensadores e realizadores autónomos e éticos. Significa equipá-los para colaborar com os outros e desenvolver a sua capacidade de ação, responsabilidade, empatia, pensamento crítico e criativo juntamente com uma ampla gama de habilidades sociais e emocionais (UNESCO, 2022, p. 45).

Da observação destes três documentos, verifica-se que os mesmos emanam diretrizes comuns sobre: (i) promover aprendizagens de competências socioemocionais, (ii) potenciar o sucesso educativo e a inclusão; (iii) capacitar cidadãos participativos socialmente. Estas diretrizes, por sua vez, coincidem com os três objetivos do PEU: “Contribuir para o desenvolvimento de competências socioemocionais em linha com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória; promover o sucesso educativo e

o combate ao abandono escolar; formar cidadãos ativos e de liderança servidora” (DGE, 2021b). De facto, (i) promover a aprendizagem de competências socioemocionais influencia o (ii) sucesso educativo, pois aprender implica a aquisição de conhecimentos através de métodos de ensino, experimentação e vivência de situações (Fernandes, R., 2020), podendo estes serem de cariz formal ou não-formal, ou preferencialmente de forma articulada entre estes dois tipos de Educação (Rodrigues, 2016; Oliveira e Rodrigues, 2020). A aprendizagem de competências socioemocionais, tem um “impacto positivo no ambiente escolar e promovem uma série de benefícios académicos, sociais e emocionais para os/as alunos/as” (Carvalho et al., 2016, p. 23) pois apresentam “menos problemas de comportamentos, menos stress emocional e melhores resultados escolares” (*idem*). Jones e Bouffard (2012) citado por Fernandes, R. (2020, p. 23), alegam que os resultados escolares estão dependentes e/ou associados às competências socioemocionais. Acrescentam ainda, que estas podem ser desenvolvidas por múltiplos caminhos e estratégias dentro da escola. Desta forma, pode-se concluir que as competências sociais, emocionais e académicas são interdependentes, ou seja, dependem umas das outras para se desenvolverem e potenciarem o sucesso educativo dos alunos.

Por fim, (iii) capacitar cidadãos participativos socialmente, ou seja, de liderança servidora, tem-se relevado uma finalidade que torna a ALU singular. O conceito de participação surge no sentido de potenciar, nos jovens, a vontade de intervir e gerar transformações significativas nas suas comunidades. Hart (1992) apresenta o conceito de participação como um o processo no qual a partilha de decisões que influencia a o percurso de vida de uma pessoa e, conseqüentemente, influencia a comunidade em que que a pessoa está inserida (p. 5). De forma a complementar esta ideia, Carvalho (2022, p.11), apresenta a ideia de Menezes (2003), na qual refere que a participação é uma dimensão essencial da cidadania, uma vez que proporciona o desenvolvimento de “recursos pessoais e sociais fundamentais para a sobrevivência e expansão da democracia”. Para Hart (1992) as escolas, enquanto espaços integrantes da comunidade, são espaço privilegiados para o incentivo da participação, rumo a sociedades mais inclusivas, respeitadoras e solidarias. Paralelamente, o exercício da participação comunitária, permite que os cidadãos desenvolvam competências pessoais e sociais, estimulando sentimentos de “empoderamento” ao intervirem positivamente no bem-estar das suas próprias vidas e das suas comunidades (Menezes, 2003, p. 432). Por sua

vez, a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania proposta pela DGE² (DGE, 2016), que se encontra a ser dinamizada nas nossas escolas, defende que é crucial investir na promoção “da formação do indivíduo como cidadão participativo, iniciando o caminho do exercício da cidadania ao longo da vida”.

Atualmente, pretende-se uma “escola para todos” (Vieira, 2013, p. 38), um espaço de relações sociais e culturais com a função não só de instruir, mas também de promover a socialização e integração. Os alunos apresentam-se com particularidades singulares, interagindo e convivendo com base nas características pessoais, na diversidade de saberes e culturas distintas, expondo as suas opiniões e crenças, diferentes uns dos outros, acabando por viver de “encontros e desencontros” (*idem*). Assim, torna-se fundamental a existência de processos que propiciem a convivência e interdependência “entre sujeitos, mundos e saberes” (Vieira, R., 2011, p. 180), o que faz parte dos objetivos da ALU.

A ALU, através da operacionalização do PEU, contribui para que as escolas sejam espaços mais justos, coesos e inclusivos (ALU, 2021; Gonçalves e Alarcão, 2022). Viabiliza a oportunidade de, através de estratégias diferenciadoras, levar os alunos a vivenciarem um processo de autoconhecimento e desenvolvimento de consciência relacional. Segundo Rui Marques, “Uma escola Ubuntu será sempre, por natureza, relacional” (Marques, 2022, p. 9), na qual os intervenientes procuram promover capacidades para se conhecerem a si mesmos e aos outros, desenvolvendo-se seres humanos com humanidade.

Gonçalves e Alarcão (2023) demonstram a pertinência da implantação do método ubuntu em contexto escolar:

Numa educação holística, da qual o desenvolvimento da dimensão socioemocional é parte integrante, escolher-se uma abordagem pedagógica que

² A Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania consiste num documento de referência da autoria DGE. Esta estratégia ainda hoje vigente no sistema educativo, teve início no ano letivo 2017/2018, “nas escolas públicas e privadas que integram o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, em convergência com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e com as Aprendizagens Essenciais.” <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>

faz da descoberta do propósito da vida a mola propulsora da aprendizagem parece ser uma proposta que faz sentido para os diferentes elementos da comunidade educativa (Gonçalves e Alarcão, 2023, p. 13).

2.5.1. PROGRAMA ESCOLAS UBUNTU ENQUANTO INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Para Huberman (1973), citado por Jesus e Azevedo (2021), a inovação é definida como sendo “deliberada, voluntária e planeada em vez de espontânea” (p.26). Os mesmos autores explanam o contributo de Tavares (2018), que nos mostra que para interpretar a inovação em educação é necessário ter em consideração quatro perspetivas: (i) por norma, a inovação é algo positivo; é entendida (ii) "como sinónimo de mudança e reforma educacional, (iii) “como alteração de propostas curriculares” e (iv) “como alteração de práticas educacionais habituais num determinado grupo social” (Jesus & Azevedo, 2021, p.26). Relacionando o presente estudo com o mestrado do qual o mesmo surge, Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica, vários são os factores inerentes ao PEU que nos permitem caracterizá-lo enquanto programa de inovação pedagógica.

A DGE, ao possibilitar que os AE portugueses fossem capacitados para a implementação da presente filosofia, considerou que este seria um modelo positivo e necessário para a promoção de competências socioemocionais. Tratou-se de uma estratégia para permitir que um elevado número de escolas colmatasse a ausência de ferramentas de modo a contribuir para a recuperação das aprendizagens dos alunos do ensino básico ao secundário “procurando garantir que ninguém fica para trás” (DGE, 2021a), especificamente, no que concerne ao desenvolvimento de competências socioemocionais. O Método Ubuntu, sustentado nos seus cinco pilares, promove a aprendizagem de competências socioemocionais, inerentes ao PASEO (Martins et al. 2017). Costa e Almeida (2019), evidenciam que o desenvolvimento de competências transversais pode ser uma dimensão a considerar nos projetos de inovação pedagógica, pois “preparam os alunos para as exigências do mundo atual e do futuro” (p.28).

Rodrigues e Oliveira (2020), ao mencionarem a necessidade dos “processos, atividades, aprendizagens se cruzem e entrecruzem, proporcionando, desta forma, a construção de conhecimentos de diferente natureza, de forma integrada e integradora” dos saberes (p. 76), consideram que, o conceito de integração é o conceito-chave. Na realidade do PEU,

a integração pode verificar-se através de uma contaminação entre os ambientes de educação formal ou não formal (Martins, 2015, citado em Rodrigues & Oliveira, 2020). Para as autoras, esta visão de articulação e integração é uma característica inovadora. Esta pode observar-se, por exemplo, através da articulação de ações entre o Clube e a Educação para a Cidadania e Desenvolvimento (AEB, 2023).

Conforme analisado no ponto estratégias pedagógicas do método Ubuntu, este recorre a estratégias que se caracterizam por serem participativas, experienciais e relacionais, onde a aprendizagem entre pares é valorizada (ALU, 2022c). Em simultâneo, o Clube recorre à metodologia de trabalho por projeto na qual o aluno é colocado no centro de todo o processo (ALU, 2021c). Assim “os alunos são incentivados a sugerir atividades que vão sustentar a ação do Clube com a escola e com a comunidade envolvente” (ALU, 2021c, p. 3). Poderá dizer-se que, através das escolhas que os alunos fazem ao vivenciar diferentes formas de resolver o mesmo problema, os alunos são colocados no centro do processo de aprendizagem/ensino, saído da esfera de meros “consumidores de conhecimento” para desempenhar um papel de “produtores de conhecimento”, sendo esta uma forma de inovação em educação (Findikoglu & Ilhan, 2016, citado em Jesus & Azevedo, 2021, p.28). Ainda em relação às estratégias pedagógicas utilizadas no PEU, como referido anteriormente, estas estão em permanente evolução e adaptação no sentido de acompanhar as mudanças atuais (ALU, 2022c). Considera-se, assim, que há uma preocupação e investimento deliberado, voluntário e planeado na forma como as aprendizagens chegam aos destinatários. Também há uma constante procura em apresentar novos processos “a nível da organização, método, estratégia, desenvolvimento, procedimento, treino e técnica”. Entende-se esta dinâmica de planeamento e apresentação dos programas, como uma característica de inovação em educação, segundo Vincent-Lancrin et al. (2017, 2019) e Ramírez-Montoya e Lugo-Ocando (2020) (citado em Jesus e Azevedo, 2021, p.26).

Na revisão de literatura sobre Inovação Educacional, Jesus e Azevedo (2021), apresentam a visão de Caldwell e Spinks (2013), na qual referem que a inovação educacional pode ser apresentada como “a introdução de algo novo” ou como “uma nova ideia, método ou dispositivo” (p.26). Isto demonstra a importância do contexto onde acontece a inovação, “pois o que é inovação num contexto pode ser rotina noutro” (*idem*). Pintassilgo e Andrade (2019), reforçam esta ideia expondo o conceito de

inovação como sendo o resultado da combinação e/ou recombinação de coisas antigas, uma vez que a inovação não acontece pontualmente, mas é um processo que está relacionado com o seu contexto, pelo que a contextualização temporal das iniciativas é muito importante. De facto, algo pode não ter sido uma inovação no seu tempo, mas ser inovação noutra tempo. No PEU, os referenciais teóricos que sustentam o método Ubuntu, assim como as estratégias adotadas, não são uma novidade. Contudo, na realidade atual das escolas, a forma como o método compila os vários referenciais teóricos que estão na sua génese, como este chega até aos seus destinatários e como trabalha os objetivos a que se propõe, é uma inovação.

Em suma, o PEU e conseqüentemente o Clube Ubuntu, podem ser considerados como objetos de inovação “onde vive-se a inovação não como um produto, mas como um processo” (Jesus & Azevedo, 2021, p.29) para a promoção do desenvolvimento integral dos alunos enquanto jovens de cidadania ativa e participativa.

2.5.2. SÍNTESE

A Escola, enquanto espaço privilegiado propõe-se efetuar a formação dos jovens preparando-os para uma cidadania ativa e participação efetiva. (Hart, 1992). Sendo assim, é fundamental que os princípios inerentes ao método Ubuntu estejam cada mais presentes nos projetos e nas dinâmicas das escolas. O PEU, através de ferramentas como as SU e o Clube Ubuntu, apresenta-se como sendo uma resposta cujos objetivos permitem trabalhar em contexto escolar, através de, por exemplo, o Projeto Educativo, Planos Anuais de Atividades, Planos Estratégicos de Ação da Comunidade. É essencialmente devido a esta integração do método Ubuntu dentro das estruturas formais da escola, que o mesmo pode ser considerado objeto de inovação pedagógica. Segundo Day (2001), “inovar é uma rutura e uma mudança na forma de estar na escola e na ética da educação” (Cabral & Alves 2018, p. 122). De facto, o longo da sua operacionalização, através de estratégias ativas de aprendizagem, o Clube Ubuntu tem a capacidade de estimular os alunos a serem cidadãos ativos e participativos. Convida-os a explorarem as suas emoções e valores, proporcionando a oportunidades de se descentrarem de si mesmos e de construir pontes significativas com colegas, amigos e comunidades.

Reconhece-se que a inclusão efetiva de iniciativas com os pressupostos do PEU não é um processo simples, pois exige de todos os agentes da educação (professor, escola, governo) uma grande vontade de agir, colaboração e entrega. Nesse sentido, de forma a dar algumas respostas relativamente às vantagens e benefícios do Clube Ubuntu, o próximo capítulo descreve como se desenvolveu o presente estudo, desde a sua idealização, planificação e implantação, à recolha e análise de dados.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentados os conceitos teóricos que fundamentam este estudo, torna-se essencial descrever o percurso metodológico adotado para a concretização da presente investigação que tem como cerne o Clube Ubuntu enquanto ferramenta de implantação do método Ubuntu dentro da comunidade escolar.

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

No ano letivo 2021/2022, através do protocolo da DGE, o PEU passou a estar integrado no Plano 21/23 Escola+, abrangendo cerca de 300 Agrupamentos de Escolas/Escolas não Agrupadas. Este programa insere-se na ação específica 1.6.2 – Programa para competências sociais e emocionais (DGE, 2021c), cujos objetivos já foram analisados no Capítulo 2. As Escolas, ao aderirem a este programa, passam a ter a possibilidade de incorporar a ALU dentro da sua dinâmica educativa. A ALU, através da formação/capacitação de Educadores Ubuntu (recursos humanos dos próprios AE), prossupõe a dinamização de SU e a consequente implementação do Clube Ubuntu nas escolas (DGE, 2021c).

Segundo os dados provenientes do Conselho Científico da Academia de Líderes Ubuntu (2023), têm surgido diversas investigações e estudos de caso em torno do impacto sentido pelos alunos e comunidade educativa, após a sua participação nas diversas atividades/dinâmicas inerentes às Semanas Ubuntu. Esses estudos têm evidenciado resultados positivos, nomeadamente a nível do relacionamento interpessoal e do desenvolvimento pessoal dos alunos. Contudo, sendo o Clube Ubuntu uma “forma de poder manter a dinâmica Ubuntu durante todo o ano letivo” (ALU, 2021c, p. 1), é escasso o conhecimento científico relativo ao papel e impacto do Clube Ubuntu dentro da comunidade escolar, como estratégia para a disseminação da filosofia Ubuntu e concretização dos objetivos do PEU: Capacitar jovens enquanto agentes de transformação ao serviço das suas comunidades; construção de pontes, entre e dentro da comunidade escolar e desenvolver uma ética do cuidado. Considerando a escassez de conhecimento científico relativo ao papel do Clube Ubuntu em prol da Filosofia Ubuntu definiu-se a seguinte pergunta de partida:

- Pode o Clube Ubuntu contribuir para a construção de agentes de mudança?

3.1.2. *Objetivos*

Em função da contextualização apresentada, formularam-se os seguintes objetivos de estudo como elo entre a questão de partida e a metodologia adotada:

Objetivo geral

Analisar de que forma o Clube Ubuntu contribui para a transformação dos alunos em agentes de mudança, nomeadamente a nível da formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora.

Objetivos específicos

1. Perceber se, através das ações desenvolvidas pelos jovens no seio do Clube, os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu (ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora) são materializados;
2. Avaliar a satisfação dos jovens face ao PEU, especificamente o Clube Ubuntu;
3. Analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar.

3.2. METODOLOGIA

Para Fortin (2009, p. 372) “a metodologia é o conjunto dos métodos e das técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica”. Por sua vez, Freixo (2012), mostra que o método traduz-se no caminho traçado para se alcançar o fim. Este caracteriza-se pela definição de procedimentos inequívocos, passíveis de serem replicados, que visam a compreensão de fenómenos para a construção de conhecimento válido. Por fim, na perspetiva de Sousa e Baptista (2011, p. 52), “a metodologia de investigação consiste num processo de seleção da estratégia de investigação, que condiciona, por si só, a escolha das técnicas de recolha de dados que devem ser adequadas aos objetivos que se pretendem atingir”.

De seguida será apresentada a metodologia de investigação definida para o presente estudo.

3.2.1. *TIPO DE ESTUDO E PARADIGMA*

A presente investigação perspetiva-se como sendo um estudo de caso inserido no paradigma interpretativo com uma abordagem essencialmente qualitativa.

Segundo Fortin (2009), nesta abordagem o sujeito é entendido como sendo produtor/possuidor de experiências e saberes pertinentes sobre as quais o investigador, em interação, “observa, descreve, interpreta e aprecia” facultando-lhes assim sentido (p. 148). Bogdan e Biklen (1994) referem que a investigação qualitativa não procura testar teorias ou definir variáveis. Para estes autores, uma abordagem qualitativa baseia-se em objetivos que visam escrutinar fenómenos em contexto natural com vista ao conhecimento do social de forma a compreender comportamentos, atitudes e valores na ótica dos sujeitos e permitindo ao investigador a construção das suas ideias. Os autores apresentam cinco características do estudo qualitativo: (i) a fonte direta da recolha de dados é o ambiente natural e o investigador é o instrumento principal; (ii) trata-se uma investigação descritiva; (iii) o interesse do investigador foca-se no processo e não unicamente pelos resultados ou produtos; (iv) a análise dos dados efetuada pelo investigador tende a ser realizada de forma indutiva (v) o significado é de importância vital (pp. 47-51).

O investigador tem um papel decisivo para que o próprio atinja os objetivos compreensão de fenómenos e definição de padrões, uma vez que, através da análise dos dados, retira ideias e obtém conclusões (Sousa & Baptista, 2011). Segundo Sousa e Baptista (2011), tratando-se de realidades pouco objetivas e estando as conclusões sujeitas à ideia do investigador, a subjetividade pode traduzir-se num problema. Para uma condução eficaz deste tipo de estudo, é essencial o rigor na validação interna conferido pelo investigador através da descrição cuidadosa e pormenorizada dos processos em análise, sobre os quais procura conclusões, assim como é importante o feedback resultante da interação com os sujeitos. Bogdan e Biklen (1994) afirmam que a objetividade do investigador é alcançada ao tratar todas as informações recolhidas de forma imparcial e ao adquirir uma posição neutra em relação à sua pesquisa. De acordo com Sousa e Baptista (2011), escolher as técnicas e ferramentas adequadas para a recolha de dados é fundamental para alcançar informações consistentes e consequentes conclusões válidas. As autoras acrescentam, ainda, que a triangulação de dados provenientes de outras fontes ou investigações, bem como a validação por outros pesquisadores, são fatores que contribuem para a credibilidade e validade da pesquisa.

O estudo de caso possibilita ao investigador uma pesquisa empírica focada numa situação específica, no contexto natural de uma instituição em particular e num

determinado tempo e espaço (Bogdan & Biklen, 1994). Segundo Fortin (2009), esta forma de investigação é aplicada para dar respostas às “interrogações sobre um acontecimento ou fenómeno contemporâneo sobre o qual existe pouco ou nenhum controlo” (p. 164).

3.2.2. PARTICIPANTES

A seleção da população alvo e da respetiva amostra dos participantes realizou-se considerando o tema central e os objetivos do estudo (Fortin, 2009):

1. População alvo – jovens matriculados no ensino secundário/profissional frequentadores de um Clube Ubuntu, após participação numa SU no decorrer dos anos letivos entre 2021 e 2023.
 - 1.1. Participantes - Aquando da definição do estudo, a investigadora encontrava-se a exercer a sua atividade profissional enquanto Técnica Especializada coordenadora do Clube Ubuntu num Agrupamento de Escolas da zona centro. Nesse sentido, optou-se por selecionar uma amostra dos jovens participantes no referido Clube Ubuntu. Mantendo as características definidas para a população alvo e considerando a relação da investigadora já estabelecida com os envolvidos do Clube Ubuntu e com a Direção da escola, selecionou-se uma amostra não aleatória por conveniência (Sousa & Baptista, 2011) ou intencional (Silva, Veloso, e Keating, 2014) ou seja alunos/jovens (intervenientes diretos) que à partida se pressupõe capazes de produzir discussões mais produtivas.
 - 1.2. Considerando os objetivos do presente estudo e de forma a obter diferentes perspetivas sobre o mesmo assunto, optou-se, ainda, por abranger outros intervenientes indiretos, nomeadamente, Educadores Ubuntu que colaborem na dinamização do Clube Ubuntu, PND que vivenciam e participam de perto nas dinâmicas implementadas em contexto escolar pelo Clube Ubuntu e Encarregados de Educação (EE) de alunos/jovens envolvidos no Clube e Direção do Agrupamento de acolhe o Clube Ubuntu em estudo.
 - 1.2.1. Jovens/alunos – Foram selecionados 8 jovens do ensino secundário regular e profissional, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos. Dois dos critérios específicos para este processo de seleção, além dos já mencionados, foi o facto de serem elementos com participação assídua no

Clube Ubuntu entre os anos letivo de 2021 a 2023 e que tenham realizado a SU no decorrer do ano letivo 2021/2022.

- 1.2.2. Educadores Ubuntu - Professores do AE que realizaram a Formação de Educadores Ubuntu - Educação para a Cidadania através de Ubuntu, no ano letivo 2020/2021, formação obrigatória para a dinamização de Semanas Ubuntu. Os dois Educadores Ubuntu participantes, além de dinamizarem SU, acompanharam e participaram, de forma ativa, na dinâmica do Clube Ubuntu. Tendo estado presentes desde o início da implementação da filosofia Ubuntu no AE, são conhecedores do processo de evolução do Clube Ubuntu.
- 1.2.3. Pessoal não Docente (PND) - Considerou-se pertinente, conhecer a perspetiva do PND, nomeadamente as Assistentes Operacionais, uma vez que assistem à implantação da filosofia Ubuntu no AE. Contactam de perto com os alunos num contexto mais informal e participam de forma ativa nas diversas ações do Clube dinamizadas em contexto escolar podendo partilhar a perspetiva da escola com e sem Filosofia Ubuntu. Selecionou-se uma assistente operacional que exerce a sua atividade profissional há vinte e três anos neste AE.
- 1.2.4. Encarregados de Educação (EE) - Aos jovens/alunos referidos no ponto 1.1., solicitou-se que auscultassem, junto dos seus EE, a possibilidade de estes participarem no presente estudo. O critério de seleção foi a facilidade de conciliar os horários para a aplicação do instrumento de recolha de dados, tendo sido selecionado um EE.
- 1.2.5. Direção do AEB - Como representante do AEB e devido às suas funções de “administração e gestão do agrupamento nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial” (AEB, 2022, art. 16º), convidou-se o Diretor para integrar o grupo de amostra do presente estudo.

3.2.3. *MEIO*

O presente estudo investigativo decorreu no ano letivo 2022/2023, no Agrupamento de Escolas da Batalha, no distrito de Leiria, zona centro. Este agrupamento abrange “todos os jardins de infância e todas as escolas públicas dos 1.º, 2.º e 3º CEB e do ensino secundário do concelho, incluindo, ainda, um programa vocacionado para a formação e qualificação de adultos (Programa Qualifica)” (AEB, 2020a, p. 3). Caracteriza-se por

ser uma escola “com currículos diversificados e pluralidade de oferta formativa vocacionada para a educação básica e secundária, incluindo o ensino profissional, mas também para dar resposta à formação de adultos” (*idem*). É uma instituição escolar aberta às necessidades da comunidade envolvente com o intuito de prestar um serviço público “com vista à formação de cidadãos autónomos e interventivos, capazes de se adaptar a novos desafios sociais, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida”. A sua missão assenta em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (AEB, 2020a, p. 11).

A nível da ENF, o AEB tem acreditado na articulação entre esta e a EF. Tal se verifica através do vasto leque de iniciativa que tem abraçado dentro deste âmbito, tais como: Desporto Escolar, Erasmus+, eTwinning, Academia de Líderes Ubuntu, Projeto Like Saúde e Rede de Escolas Associadas da UNESCO (AEB, 2022).

A ligação entre a filosofia Ubuntu e o AEB teve início no ano letivo 2019/2020 com a participação do Diretor na Academia de Liderança Colaborativa destinada às direções escolares. Por sua vez, o método Ubuntu encontra-se a ser implementado neste Agrupamento desde o ano letivo 2020/2021, mais concretamente na escola-sede, onde se encontra o ensino secundário/profissional. Neste mesmo ano letivo, deu-se o primeiro ciclo de formação para Educadores Ubuntu. Foram formados os primeiros oito Educadores Ubuntu (dois psicólogos e seis professores), realizadas as primeiras seis SU direcionadas para alunos do 10º ao 12º ano (cada SU neste AE é direcionada para um grupo-turma) e dinamizadas ações pontuais do Clube Ubuntu. É de referir que, desde o primeiro ano da dinamização do PEU, o AEB optou por recorrer a um Técnico Especializado a tempo inteiro para a coordenação do Clube Ubuntu, ao abrigo do Plano de Desenvolvimento Pessoal, Social e Comunitário (PDPSC), do Plano 21|23 Escola+.

No ano letivo 2021/2022, segundo ano do PEU no AEB, foi definido um espaço próprio dentro das instalações da escola-sede para funcionamento do Clube de forma a proporcionar melhores condições para a prossecução dos objetivos do Clube Ubuntu. Trata-se de uma sala bem localizada, uma vez que está num local de passagem dos alunos. Esta sala é um ponto de encontro para Educadores Ubuntu e alunos operacionalizarem projetos e iniciativas (AEB, 2022b). No relatório de coordenação do Clube Ubuntu (2022) consta a informação que, neste ano letivo, foram realizadas seis

SU direcionadas para alunos do 10º e 11º ano, abraçando um total de 134 alunos e formados seis novos Educadores Ubuntu, cinco docentes e um Técnica Superior de Educação Social. De um modo geral, através da dinamização de sessões de reflexão, da apresentação de iniciativas e da organização de ações, os participantes do clube estiveram envolvidos em vinte e duas atividades abrangendo várias temáticas: voluntariado, participação em eventos da ALU, trabalho por projeto, sinalização/celebração de datas e dinamização de dias Ubuntu para EE e PND. (*idem*). Ainda neste ano letivo (2021/2022), o ABE deu os primeiros passos na dinamização da Academia de Líderes Ubuntu Júnior (ALUJ), programa que se rege pelos mesmos princípios e método Ubuntu, mas direcionado para alunos do terceiro e quarto ano do 1º Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB). Para tal, usufruíram da capacitação de Educadores Ubuntu cinco docentes do 1ºCEB e a técnica responsável pela coordenação do Clube. Em maio de 2022, foi, ainda, implementada uma SU Júnior (AEB, 2022b). O Clube Ubuntu do AEB é também responsável pela dinamização das ações inerentes à ALUJ, no entanto, estas não foram consideradas alvo de análise pelo estudo em questão.

No ano letivo 2022/2023, ano de realização do presente estudo, foram dinamizadas sete SU, três SU Júnior e formados seis novos Educadores Ubuntu. As ações do Clube surgiram de propostas dos alunos e de outros departamentos da escola, como Educação para a Cidadania e Desenvolvimento, tendo sido implementadas um total de 35 ações que têm como foco melhorar os relacionamentos em contexto escolar envolvendo a comunidade educativa. Exemplo de atividades desenvolvidas: programação de encontros; intervenções em grupo-turma (educação entre pares); realização de ações de voluntariado e de sensibilização na comunidade, representação das escolas em iniciativas da comunidade Ubuntu e planeamento e implementação de projetos e ações dentro e fora da comunidade escolar (AEB, 2023)

Durante os três anos em que o PEU se encontra no terreno, entre 2020 e 2023, o AEB conta com um total de dezanove SU realizadas (dezanove grupos-turma), formando assim um total de cerca de 410 jovens líderes Ubuntu entre 2021 e 2023. Atualmente, 17 turmas do 10º ao 12º ano participam no PEU, o que faz um total de 358 alunos envolvidos direta e/ou indiretamente nas dinâmicas do Clube Ubuntu. Quando à ALUJ, foram realizadas três semanas e diversas ações no âmbito do Clube Ubuntu. (AEB, 2023).

Relembrando a essência do Clube Ubuntu referida no capítulo anterior, este deverá ser um espaço onde os jovens líderes Ubuntu têm a oportunidade, não só de aprofundar as vivências experienciadas na SU, mas, também, de projetar na comunidade escolar, de forma criativa, as aprendizagens relativas aos três eixos estruturantes do conceito Ubuntu com que foram inspirados e que se propuseram desenvolver no decorrer da Semana Ubuntu. Paralelamente, o Clube, permite a promoção da participação cívica e o reforço do trabalho das competências socioemocionais (nomeadamente os cinco Pilares Ubuntu) (ALU, 2021c). Quanto ao funcionamento do Clube no AEB, como este possui um espaço exclusivo dentro da escola secundária, encontra-se em permanente atividade, exceto quando a Técnica responsável se encontra a desempenhar funções em trabalho externo (dinamização de SU, intervenções em turmas, reuniões...). No Clube são agendadas sessões de trabalho com os alunos envolvidos para planeamento de ações, preparação de implementação, articulação de informações, avaliação de atividades. É importante referir que todas as ações que surgem do seio do Clube Ubuntu fazem parte do Plano de Atividades do AEB. As sessões de trabalho são agendadas consoante a disponibilidade do horário dos alunos, no entanto, diversas questões são trabalhadas no decorrer dos intervalos e horas de almoço dos jovens (AEB, 2022b e 2023). Conforme sugerido pela ALU, o Clube recorre à metodologia de trabalho por projeto na qual o aluno é colocado no centro de todo o processo. Assim “os alunos são incentivados a sugerir as atividades que vão sustentar a ação do Clube com a escola e com a comunidade envolvente” (ALU, 2021c, p. 3). Cabe aos alunos, com o apoio dos Educadores Ubuntu, serem responsáveis por planear, concretizar e avaliar os projetos/ações (AEB, 2022b e 2023).

Como já referido, o Clube conta com a participação de 17 turmas no ano de execução da presente investigação. No entanto, o cerne do Clube são cerca de cinquenta alunos com uma participação mais ativa e regular, concretizando a maioria das ações que são implementadas na comunidade escolar (AEB, 2023). Todas as outras turmas/alunos são sempre convidadas a participar e a colaborar com tarefas de responsabilidades, uma vez que, por vezes são projetos de grande dimensão levados a cabo para toda a comunidade escolar. Desta forma, consegue-se o envolvimento direto e indireto de um universo mais alargado de jovens líderes ubuntu do AEB.

3.2.4. INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Para a operacionalização do presente estudo definiu-se um conjunto de procedimentos metodológicos. Sousa e Baptista (2011) mencionam as técnicas de recolha de dados como “o conjunto de processos operativos que nos permite recolher os dados empíricos que são uma parte fundamental do processo de investigação.” (p. 70). Numa investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), o próprio investigador é quem recolhe os dados com base numa relação direta com os sujeitos em análise no seu ambiente natural.

De acordo com Coutinho et al. (2009), quando o professor/investigador recolhe informações sobre sua própria atuação, torna-se fundamental a preocupação em direcionar o seu olhar para os objetivos do seu estudo e selecionar os instrumentos mais adequados que permitam uma recolha de dados mais completa e precisa. Os autores mencionam, ainda, que o professor/investigador deve afastar-se da sua prática e “refinar de um modo sistemático e intencional o seu olhar sobre os aspetos acessórios ou redundantes da realidade que está a estudar” proporcionando uma análise de dados mais objetiva e uma fase de reflexão mais facilitada (p. 372).

Sousa e Baptista (2011), relativamente às fontes de pesquisa de dados, apresentam dois níveis: dados primários – aqueles que são obtidos de forma direta, com base na aplicação de entrevistas, inquéritos e observações; e dados secundários – obtidos através da análise documental. Para Coutinho et al. (2009), os instrumentos de recolha de dados apresentam-se organizados em três grupos: técnicas baseadas na observação – o investigador observa em direto e presencialmente a situação alvo de estudo; técnicas com base na conversação – o investigador recolhe as informações com base no diálogo e na interação com os participantes do estudo; análise documental – o investigador obtém dados através da pesquisa e leitura de documentos escritos.

De acordo com a questão de partida formulada para o presente estudo e de forma a obter dados objetivos e ricos em detalhes, optou-se por utilizar como técnicas de recolha de dados a análise documental (documentos internos da escola; documentos da DGE; Documentos e publicações provenientes do IPAV e Academia de Líderes Ubuntu e relatórios de coordenação do Clube Ubuntu) e técnicas baseadas na conversação,

nomeadamente, entrevista individual semiestruturada e *focus group* (grupos de discussão focalizada).

A análise documental é caracterizada como sendo uma técnica relevante na investigação de cariz qualitativo. Esta poderá permitir o encontro de novas informações relativas ao tema /problema em estudo. Poderá, ainda, complementar informações adquiridas através de outras técnicas (Sousa & Baptista, 2011).

Segundo Fortin (2009), “a entrevista é um modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objetivo de colher dados relativos às questões de investigação formuladas” (p. 245). A entrevista pode ser: estruturada – o entrevistador tem total controlo no conteúdo e dinâmica da entrevista através do guião de perguntas fechadas; não estruturada - entrevista sem guião conferindo maior grau de liberdade de resposta ao entrevistado; semiestruturada - o entrevistado mantém a liberdade de resposta, contudo o entrevistador orienta a entrevista (Fortin, 2009; Sousa & Baptista, 2011).

Na entrevista semiestruturada é previamente elaborado um guião de entrevista onde constam um conjunto de tópicos orientadores ou questões a realizar no decorrer da realização da entrevista. Não existe uma obrigatoriedade de seguir rigorosamente os tópicos/questões definidos. O entrevistado também usufrui de alguma liberdade, no entanto, o entrevistador deve tentar mantê-lo focado no tema em estudo (Sousa & Baptista, 2011).

Relativamente à definição de *focus group* Morgan (1996, 1997), citado por Silva, Veloso, e Keating (2014, p. 177) apresenta este conceito como “técnica de investigação que visa a recolha de dados, através da interação do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador”. O autor acrescenta, ainda, a noção que este recurso de pesquisa qualitativa focaliza a interação na discussão do grupo como fonte de obtenção de dados num determinado assunto e que o investigador necessita de ter um papel ativo na moderação da discussão. A estas características, Krueger e Casey (2009) acrescentam o contributo da aplicação desta técnica para a compreensão do tema em análise e o facto dos participantes que constituem o grupo possuírem característica em comum e relevantes face ao assunto em análise (Silva, Veloso, e Keating, 2014). Ao comparar com outros instrumentos de investigação os *focus groups* têm como objetivo

compreender a problemática em questão oferecendo uma visão mais social do que individual. O resultado obtido é mais uniforme e o processo é mais adaptável do que padronizado, uma vez que se baseia nas palavras usadas pelos participantes durante as discussões.

Considerando a necessidade de utilizar várias técnicas de recolha de dados, um dos procedimentos adotados foi a triangulação de dados, sendo feita a análise de dados recolhidos através da aplicação das várias técnicas de recolha de informação. A triangulação de dados, segundo Bogdan e Biklen (1994), é definida como “uma colheita de dados junto de diversas fontes de Informação” (p. 323) com o propósito de estudar o mesmo fenómeno, permitindo obter conclusões válidas.

3.2.5. PROCEDIMENTOS

Considerando que “um procedimento é a forma de progredir em direção a um objetivo” (Campenhoudt e Quivy, 1992, p. 22), escolhida a área a investigar e já com o sustento de pesquisas bibliográficas e leituras realizadas, foi elaborado um projeto de investigação que, de um modo preliminar, reuniu as primeiras reflexões relativas à pesquisa bibliográfica, objetivos e motivações do estudo em causa e consequentes linhas metodologias a seguir. Após a seleção da escola, tendo em conta os princípios da ética profissional e o direito à não participação, à privacidade e ao anonimato (Freixo, 2012), realizou-se, em janeiro de 2023, um pedido formal de consentimento para a aplicação da investigação, dirigido ao Sr. Diretor do Agrupamento (Anexo 1). Este documento foi acompanhado pela apresentação detalhada do projeto de investigação e pela autorização a ser entregue aos EE de modo a permitirem ou não a participação dos seus educandos no estudo em questão (Anexo 2). A autorização para aplicação do estudo foi concedida e publicada na ata do Conselho Pedagógico do mesmo mês.

Posteriormente procedeu-se à construção dos guiões de entrevista e *focus group* a serem aplicados junto dos elementos que constituem a amostra (Anexo 3), e à disponibilização do documento de pedido de autorização aos alunos envolvidos de modo a obter o consentimento dos respetivos EE.

A aplicação das entrevistas e realização dos *focus group*, com gravação de áudio, decorreu entre abril e maio e, paralelamente, foram sendo realizadas as transcrições do tipo não-naturalistas das mesmas. Para Azevedo et al. (2017), de acordo com Davidson

(2009) “as transcrições constituem-se como um processo que é teórico, seletivo, interpretativo e representativo” (p.1 61). Assim, segundo os autores, torna-se razoável interpretar que o processo de transcrição “está longe de ser uma tarefa objetiva, impessoal e mecanizada, consistindo antes na apreensão do que é dito e da forma como é dito de modo a compreender os significados” (*idem*). A transcrição naturalista é aquela que é realizada de forma minuciosa “exatamente como é dito e preconiza a preservação dos diferentes elementos da entrevista para além do conteúdo verbal, tais como a linguagem não-verbal, aspetos contextuais e de interação entre o entrevistador e o entrevistado” (Azevedo et al., 2017, p. 162). Por sua vez, a transcrição não-naturalista omite do discurso elementos idiossincráticos “tais como gaguez, pausas, vocalizações involuntárias e linguagem não-verbal, apresentando-se, por isso, como uma transcrição mais polida e seletiva” (*idem*).

Efetuada a recolha empírica, procedeu-se à análise de conteúdo referente ao conjunto de dados reunidos. Posteriormente, efetuou-se a análise dos mesmos de forma a alcançar conclusões que fornecem resposta aos objetivos do estudo e à questão de partida.

Na figura 3 é possível observar o processo cronológico dos vários procedimentos de deram origem ao presente estudo.

Figura 3 – Cronograma do projeto de investigação

Fase	Tarefas	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Fase conceptual	Pesquisa bibliográfica	█	█	█													
	Revisão de literatura pertinente	█	█	█									█	█	█		
	Leituras exploratórias sobre o tema	█	█	█													
	Elaboração da fundamentação tórica/ Clarificação do tema				█	█	█							█	█	█	
	Revisão dos objetivos/questões de investigação/hipóteses				█	█	█										
Fase metodológica	Definição do desenho de investigação						█	█									
	Identificação da amostra						█	█									
	Pedidos de autorização aos diversos participantes para a realização de entrevistas							█	█								
	Elaboração de instrumentos de recolha de dados								█	█							
Fase empírica	Recolha de dados										█	█					
	Análise de dados											█	█				
	Interpretação dos resultados											█	█				
	Resposta às questões de investigação												█	█			
	Redação do relatório da investigação													█	█		
	Revisão do trabalho														█	█	
	Comunicação dos resultados															█	

Nota. Figura elaborada pela autora.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Partindo da premissa que os dados são “materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar” (Bogdan & Biklen 1994, p. 149), no presente capítulo pretende-se analisar os conteúdos resultantes da aplicação dos instrumentos de recolha de dados. Com base na análise de conteúdo e posterior reflexão sobre a informação obtida, espera-se encontrar significados relevantes para dar resposta à questão de partida que originou a presente investigação.

4.1. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS | ANÁLISE DE DADOS

Para Bogdan e Biklen (1994) a análise de dados consiste num “processo de procura e de organização sistemática das informações obtidas através dos vários materiais produzidos e utilizados no processo de investigação “com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (p. 205). Para Sousa e Baptista (2011), o primeiro passo do processo de análise de dados, é verificar os requisitos desses mesmos dados: a validade, a relevância, a especificidade, a clareza, a profundidade e a extensão. O passo seguinte consiste na organização e estruturação dos dados. Após estes dois passos procede-se à análise dos dados propriamente dita.

Na presente investigação, como já referido no ponto “3.2.5. Procedimentos”, do capítulo anterior, primeiramente todas as entrevistas e *focus group* foram transcritas. À medida que as entrevistas iam sendo transcritas, procedeu-se a uma pré-análise de conteúdo das mesmas de modo a verificar os dados (sublinharam-se ideias e anotadas informações temáticas), à codificação dos participantes e deu-se início à organização das informações. Por codificação dos participantes, entende-se a designação atribuída a cada participante no processo de análise de dados. Na tabela 2 observa-se a codificação atribuída.

Tabela 2 - Codificação dos participantes no processo de análise de dados

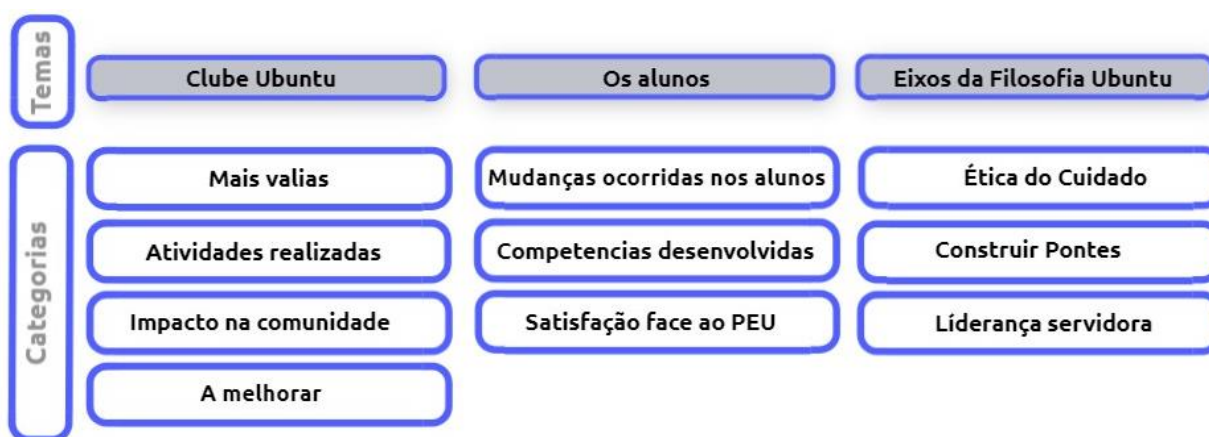
Instrumento de Recolha de dados	Designação dos participantes	
Entrevista	Representante do Pessoal Não Docente (Assistente Operacional)	E1
	Educador Ubuntu 1	E2
	Educador Ubuntu 2	E3
	Aluno 1	E4
	Encarregada de Educação	E5
	Diretor do Agrupamento de Escolas da Batalha	E6
<i>Focus group</i>	Grupo1 Aluno 1 ao 4	A1 – A4
	Grupo2 Aluno 5 ao 7	A5 – A7

Nota. A presente tabela indica a correspondência entre os participantes e designação/codificação que lhes foi atribuída no processo de análise de dados.

No decorrer deste processo de análise, realizou-se a organização dos dados numa tabela, a sua pré-análise e procurou-se a definição de temas e respetivas categorias de análise. Para a definição das categorias e análise, considerou-se a semelhança/agrupamento de significados e significados divergentes/pessoais (Sousa & Baptista, 2011).

Do processo descrito de análise de conteúdo resultou uma grelha (Anexo 4). A grelha agrega excertos considerados relevantes das entrevistas individuais e dos dois *focus group*, organizados por temas e conseqüentes categorias. No total foram identificadas 154 unidades de significado distribuídas em torno de 3 temas centrais: (i) Clube Ubuntu, (ii) alunos e (iii) ações desenvolvidas. Na figura 4 apresenta-se o esquema de categorização resultante da análise de conteúdo com as categorias identificadas em cada tema.

Figura 4 - Esquema de categorização



Nota. Elaborado pela autora.

De seguida serão apresentados os resultados dos dados recolhidos e respetiva análise.

4.1.1. TEMA: CLUBE UBUNTU

No primeiro tema, *Clube Ubuntu*, a análise de conteúdo evidenciou quatro categorias: Mais valias, Atividades realizadas, Impacto na comunidade; A melhorar.

Categoria – Mais valias

A categoria *mais valias* compreende os benefícios identificados pelos participantes resultantes da dinamização do Clube Ubuntu. Nesta dimensão foi enfatizado que o Clube é uma iniciativa que tem trazido “uma abertura maior, à mente das pessoas” (E1), procurando despertar e expandir a forma de pensar. Ao promover atividades contínuas,

o Clube torna-se um verdadeiro “motor do desenvolvimento” (E2), no sentido de que estão sempre a ser dinamizadas ações “nunca deixamos de estar sem atividades” (E2) dentro da lógica Ubuntu, que envolvem a comunidade educativa.

Um dos maiores ganhos reconhecidos pelos entrevistados está na construção de relações significativas entre os membros (E2, E3, E6 e A2). Alguns jovens entrevistados, que antes de frequentar o Clube não se sentiam capazes de criar relações de proximidade na comunidade escolar, passaram a construir novas relações com os colegas e laços de confiança, inclusive com os professores e educadores. Relativamente a este dado, E2 e A3 referem que: “eu ando a fortalecer algumas amizades por causa disso [participação no Clube].” (A3)

(...) perceberem que podem estar bem com o outro se o ouvirem e se partilharem, porque aquilo que os define e os problemas que têm, muitas vezes também são os problemas do outro. Com isto, ganharem ferramentas de autoconfiança, ferramentas no sentido de valorização própria, para depois estarem mais prontos para lidar com as adversidades. (E2)

O foco do Clube é dar continuidade ao trabalho iniciado na SU, promover o autoconhecimento, a valorização pessoal e a empatia, ao entenderem que os seus problemas muitas vezes são partilhados pelos outros. Essa vivência também contribui para o desenvolvimento de habilidades de liderança servidora onde o líder é aquele que estimula a participação e ouve a opinião dos seguidores, organizando o trabalho em conjunto:

“Acho que o Clube Ubuntu, de certa forma, fortaleceu e mostrou-nos que há pessoas ainda com o mesmo pensamento que nós... de ajudar e sentirmo-nos gratos por isso, de certa forma.” (A2)

“É uma forma de estar e de ser, e ser, acima de tudo” (E5)

“o Ubuntu ajuda-nos a crescer [enquanto pessoas] e o crescimento é sempre positivo.” (A6)

“Eu acho que é um sítio em que nós tentamos ajudar e ajudamos. Não é qualquer sítio em que tentamos ajudar e acabamos por não ser criticados.” (A4)

O impacto do Clube Ubuntu não se restringe apenas aos seus membros, mas estende-se para além da comunidade escolar, abrangendo toda a comunidade educativa e envolvente. O trabalho em grupo, a partilha, a reflexão e a resiliência são pilares que sustentam as atividades promovendo um ambiente seguro e livre de críticas, onde todos podem se expressar e ajudar mutuamente:

É mais um sítio onde nós podemos estar na boa e à vontade e temos sempre aquela cena do... Não temos de ter a preocupação de estar a fazer as coisas 100% bem ou com aquela pressão escolar porque estamos todos no mesmo e podemos ajudar-nos caso alguma coisa esteja a correr mal ne? (A5)

O trabalho do Clube Ubuntu, na disseminação da sua filosofia, transcende os muros da escola sendo partilhado com as famílias dos participantes junto da qual dissemina valores de união, gratidão e crescimento pessoal. Como refere a EE entrevistada:

Conheço a filosofia Ubuntu desde o primeiro dia, desde o primeiro dia que ela própria [a filha] ouviu falar. Ela contagiou-me também com esta filosofia. A qual eu já faço, ou tento fazê-la, e passá-la aos meus filhos, não lhe dando este nome, porque depois cada um dá o nome às coisas. É uma forma de estar e de ser, e ser, acima de tudo (E5).

Embora haja o desejo de atrair mais participantes e realizar atividades ainda mais diversificadas, a verdadeira essência do Clube Ubuntu é, através das ações dos Educadores Ubuntu e dos Jovens Ubuntu, promover uma transformação positiva na comunidade unindo pessoas em prol do bem-estar comum. O projeto tem o poder de impactar não somente os que dele participam, mas também toda a comunidade que tem a oportunidade de se identificar com os seus valores.

Categoria – Atividades realizadas

A categoria *atividades realizadas* diz respeito às ações/projetos que surgem no seio do Clube Ubuntu, projetados para a comunidade escolar e comunidade envolvente, com a finalidade de melhorar os relacionamentos escolares (AEB, 2023). Foi referido que o Clube Ubuntu é caracterizado por ser um “trabalho contínuo” (E1), onde cerca de 25 a 30 alunos estão sempre envolvidos nas atividades (E2). Entende-se por trabalho contínuo, as ações do Clube Ubuntu, cuja execução se realiza ao longo do tempo (uma

semana, mês, semestre ou ano letivo). De facto, estando o Clube muitas vezes a dar resposta a necessidades/problemáticas identificadas, não é possível realizar a função apenas através de ações pontuais (um dia, uma tarde, uma hora) (AEB, 2023).

Foram várias as atividades referidas pelos participantes, entre as quais: a “Celebração do Dia da Gratidão” (E1), que envolveu os alunos na divulgação da Academia de Líderes Ubuntu e do Clube Ubuntu; o “Dia dos Direitos Humanos” (E2), os “Dia de Nelson Mandela, a Semana da Gratidão e o Dia da Felicidade” (E3); a “Receção aos alunos do quinto ano” (E6) e a “Comemoração do Dia do Professor” (E6); a “Criação do projeto Red_Line” (A7).

Os alunos participam voluntariamente no Clube. De facto, “são envolvidos e desafiados a conceber, implementar e avaliar ações ou projetos” (AEB, 2023, p. 1) executando, assim, diversas atividades como, por exemplo, a “criação de cartazes relacionados aos Direitos Humanos e igualdade de género” (E2). O envolvimento é direto e perceptível nas várias ações e etapas, como, por exemplo, ações de solidariedade, intervenções relacionadas com os Direitos Humanos, sinalização de dias oficiais de causas relevantes e ações de envolvimento da comunidade educativa.

Relativamente à forma como as atividades surgem no Clube, é relevante a seguinte informação contida no respetivo relatório de coordenação onde menciona que, para cada projeto, “através de estratégias de *design thinking*, os alunos organizados em grupos apresentam e discutem, até chegarem a consenso, ideias relativas a ações que pretendem desenvolver. Consequentemente, todos são conhecedores e protagonistas do projeto e sentem-se parte integrante do mesmo” (AEB, 2023, p. 2). Quanto a esta situação, os alunos mencionaram o seguinte: “acho que não estou em erro quando digo que a maior parte dos projetos são da nossa autoria e onde a [nome da dinamizadora do Clube Ubuntu ocultado] ajuda a desenvolver e a construir as nossas ideias” (A2) e, ainda, “São eles [os alunos] que tomam as rédeas da situação e vão dinamizar.” (E3).

É de referir que os alunos, ao envolverem-se nas ações do Clube, estão a colocar em prática o pilar do serviço. Os entrevistados destacam aspetos significativos como as experiências emocionais e o sentimento de gratidão, disponibilizando-se ativamente para contribuir para o melhoramento das relações, corroborando a informação do Capítulo 2 (Gonçalves, 2019; ALU, 2021b; Gonçalves & Alarcão, 2022).

Face a todas as atividades elencadas pelos entrevistados, surgiu a categoria seguinte: *impacto na comunidade*.

Categoria – Impacto na comunidade

Da análise realizada, pôde-se observar diversos aspetos e resultados positivos alcançados pelo Clube Ubuntu e a sua filosofia na comunidade escolar. Os participantes fizeram várias referências à boa receptividade e crescimento, mencionando que o Clube teve uma “boa receptividade desde o início” (E2), com um aumento significativo de membros envolvidos, direta e indiretamente, incluindo não só alunos, mas também professores, PND e até mesmo EE (E3, E5). Referiram, ainda, que o Clube trouxe uma maior abertura e uma perspetiva diferente para as pessoas envolvidas na escola (E1).

Simultaneamente, o Clube promoveu a interação entre alunos mais velhos e mais novos, entre professores e PND, bem como entre a escola e a comunidade envolvente (E2, E3, E4, E6, A6, A8). Assim, o conceito Ubuntu espalhou-se não apenas dentro da escola, mas também junto dos EE, Conselho Geral outras entidades externas (E3, E4, E6). É, ainda, reconhecido que as atividades têm promovido não só o relacionamento entre alunos como também um bom relacionamento e colaboração entre funcionários e professores, criando um ambiente de apoio mútuo (E2). Além das atividades, o foco nas emoções e nos sentimentos das pessoas é valorizado (E5). Apresentam-se algumas transcrições que transmitem esta ideia:

“Até porque a minha mãe não está na comunidade escolar e (...) porque eu levo para casa a filosofia Ubuntu, ela acaba por vivê-la. É um bocado isso.” (A6).

“(...) nós acabamos por levar os ensinamentos que acabamos por adquirir aqui no Ubuntu e vamos para as ruas, e mostramos isso a todos” (A8).

O sucesso das atividades e projetos do Clube Ubuntu gerou convites para partilhar as experiências com outras instituições e membros da comunidade (E6). Um exemplo da situação descrita, é o facto de, “no âmbito do projeto Escolas Ubuntu, o Clube Ubuntu do AEBatalha foi convidado a dar o seu testemunho enquanto exemplo de boas práticas” (AEB, 2023, p. 6). Ainda a título de reconhecimento, E4 refere que “vamos receber as escolas Ubuntu da Região de Leiria e isso vai ser importante porque já estamos a mostrar que nossa escola consegue... que estamos a evoluir em termos do Ubuntu.”

De facto, o Clube consegue unir a escola em torno de projetos e atividades comuns, promovendo a convivência e o trabalho em equipa (A2, A6). Os dados analisados demonstram o impacto positivo que o Clube Ubuntu teve na comunidade escolar, fomentando valores como a solidariedade, o respeito, a empatia e a colaboração, num sentido de estimular a noção de interdependência tão presente no conceito Ubuntu. O crescimento e expansão da filosofia Ubuntu, reconhecidas pelos participantes entrevistados, sugerem que as práticas e o método Ubuntu estão a ser bem recebidos e interiorizados pelos membros da comunidade, gerando um ambiente mais inclusivo e colaborativo. A nível de impactos, é, ainda, referida a mudança que o Clube tem vindo a provocar dentro da AEB, nomeadamente na visão que se pretende para a escola.

À pergunta “Através da intervenção do Clube Ubuntu, o que significa para a vossa comunidade educativa, de uma forma geral, participar no Programa Escolas Ubuntu?” colocada ao Diretor do AEB (E6), obteve-se a seguinte resposta:

Em termos globais, eu acho que significou uma mudança de orientação (...) eu acho que a grande mudança que está a acontecer é aquela (...) em que o foco deixa de ser o resultado, em que o foco passa a ser a pessoa e cada uma das pessoas que está dentro da nossa escola e dentro do nosso Agrupamento. Eu acho que é essa a grande mudança, porque se nós trabalharmos as pessoas, se ajudarmos as pessoas, depois tudo o resto acontece de uma forma natural.

Ao longo da mesma resposta, são dadas outras referências sobre o facto da filosofia Ubuntu ter ajudado a inculcar a ideia do aluno ser, em primeiro lugar, uma pessoa e não apenas a súmula dos resultados escolares.

Categoria – Aspetos a melhorar

A última categoria para análise diz respeito aos aspetos a melhorar relativamente ao funcionamento Clube Ubuntu. Assim, os entrevistados apresentaram algumas das sugestões do funcionamento do Clube Ubuntu para atrair mais participantes:

- Abrir espaço a mais participantes - “Chamar mais gente” para se envolverem nos projetos, especialmente considerando as turmas Ubuntu, para que mais estudantes possam ter uma experiência única como os atuais membros (A2).

- Melhor comunicação e incentivo - Criar “uma maneira diferente de chamar pessoas”, incentivando-as com atividades mais diversificadas e divulgando essas atividades nas turmas para despertar o interesse dos outros estudantes (A3).
- Oferecer atividades diferentes - Proporcionar atividades mais inovadoras e diversas para tornar o clube ainda mais atrativo e interessante (A3).
- Ajustar os horários - “Conciliar melhor os horários” para facilitar a participação de mais pessoas (A6).

Essas sugestões enfatizam a importância de divulgar/comunicar de maneira eficaz as atividades e os objetivos do clube de forma a atrair mais membros, visando promover a expansão do Clube Ubuntu, aumentar a adesão de participantes e permitir que mais elementos da comunidade escolar possam vivenciar, interiorizar e praticar os valores da filosofia Ubuntu.

4.1.2. TEMA: OS ALUNOS

O segundo tema definido, *os alunos*, foi dividido em 3 categorias: mudanças ocorridas nos alunos, competências desenvolvidas e satisfação face ao PEU.

Categoria - Mudanças ocorridas

A categoria *mudanças ocorridas* engloba as alterações que os entrevistados percebem neles próprios e nos outros, derivadas do envolvimento no Clube Ubuntu. Relativamente aos alunos, verificou-se que são vários os entrevistados que referem o quanto importante é para eles a sua envolvimento no Clube. Mesmo que não haja a mesma envolvimento por parte de todos, “há sempre sementes” que são deixadas no decorrer da SU (E1) levando a que haja também sempre alguma mudança na pessoa (E6).

E4, A6 e A7 reconhecem que houve um melhoramento nas relações entre colegas, havendo um maior cuidado na forma como comunicam entre si e olham para o outro. São da opinião que “as (...) relações, uns com os outros, mudaram imenso.” (A7) e que houve evolução nas competências socioemocionais, nomeadamente “em termos de como falar com os outros, como dar a entender que os outros podem estar a passar por algo e meter-nos nos sapatos dos outros.” (E4).

É defendido que as mudanças que ocorrem se devem a momentos intensos de partilha dado que “aquilo que nos fica da escola, não é a matemática, não as fórmulas (...) Aquilo que nos fica da Escola, geralmente são aqueles momentos de partilha muito intensos.” (E2). Os alunos reconhecem o impacto e a mudança como sendo positiva e favorável, pois, “com as várias atividades que nós dinamizamos, nós conseguimos ter impacto em imensa gente e o impacto foi bastante positivo porque começaram a mostrar mais respeito, mais união, mais carinho, mais empatia, mais amor e mais tudo de bom.” (A7).

Também E6 expressa a sua certeza de que “o Clube consegue cumprir com a sua missão de contribuir para a construção de jovens que sejam agentes de mudança na sociedade”, esperando que esse impacto se estenda para o futuro. É enfatizada a grande mudança promovida pelo Clube Ubuntu, sendo que A6 observa “uma melhoria em termos pessoais, em termos como nos relacionamos com os outros”, ou seja, uma melhoria geral nas relações interpessoais e crescimento pessoal em todos os participantes do Clube Ubuntu.

E1 expressa esperança numa escola melhor com base na aplicação dos valores expressos pela filosofia Ubuntu, pois “se começarem a fazer aos bocadinhos, quando chegar ao 12º ano, nós temos... Uma escola melhor? Eu Acredito que sim!”

Categoria – Competências desenvolvidas

A categoria *competências desenvolvidas* diz respeito às competências que os jovens Ubuntu referiram como tendo desenvolvido em consequência da sua participação no Clube. São também mencionadas as competências que os entrevistados adultos (Direção, Professores, PND e EE) reconhecem que o Clube propicia no desenvolvimento dos jovens.

De um modo geral, a empatia é a competência mais mencionada nas entrevistas. E1 reconhece que há um “desenvolvimento da empatia e compreensão do ponto de vista dos outros” e “(...) esse calçar o sapato do outro, vai ficando”. A3 refere que “aumentou essa maneira de entender o outro”. Por sua vez, E5, além da empatia, refere o cuidado e a atenção ao outro referindo “isso não é uma fragilidade nem para ela, nem para o outro, mas uma empatia”.

Paralelamente, a aprendizagem dá-se, também, a nível de competências e habilidades essenciais, tais como "a capacidade discursiva, organização de trabalho. A capacidade crítica, de análise" (E2). A8 corrobora esta ideia ao afirmar que "Nós temos reuniões e apresentamos ideias. Por vezes a [nome da coordenadora do Clube oculto] lança um tema ou uma data e nós em conjunto discutimos as ideias até chegar a um consenso de uma ideia a implementar." A promoção de um trabalho colaborativo em grupo, com reuniões para apresentação e discussão de ideias até chegar a um consenso sobre as atividades a serem realizadas promove o desenvolvimento de competências como escuta ativa, comunicação, trabalho em equipa e espírito crítico.

Outra das competências mencionada pelos participantes é o fortalecimento das relações interpessoais e o desenvolvimento da relação de cada um com as emoções. E5 refere a importância de se poder "mostrar as emoções, não tanto no confiar, mas no ela [referência a um determinado elemento do PND] poder ser ela própria". O Clube, por ser espaço propício à promoção da convivência e partilha, tem impactando positivamente a forma de estar na escola e a visão sobre os vários alunos (E2).

O Clube Ubuntu parece proporcionar um ambiente propício para o desenvolvimento de diversas competências, permitindo aos alunos crescer pessoal e socialmente, além de incentivá-los a assumir um papel ativo na construção de iniciativas e projetos significativos para intervir na comunidade que os rodeia.

Categoria - Satisfação face ao PEU

A última categoria do tema *Os alunos, satisfação face ao PEU*, reúne dados sobre a opinião dos entrevistados relativamente à dinamização do PEU na escola. Ao referir PEU estão englobadas três grandes ações propostas para a concretização dos objetivos do próprio PEU: Capacitação de professores no método Ubuntu, Realização de SU e Dinamização do Clube Ubuntu.

De um modo geral, nesta categoria os entrevistados expressam que o Clube Ubuntu e a SU geram entusiasmo e encantamento, com um impacto significativo e positivo sobre os alunos e a comunidade escolar (E1, E2, E3, E6). É ainda referida que essa satisfação se reflete em "felicidade" (A6), "união" (A7) ou "crescimento" (A6).

Relativamente às SU destaca-se:

“a Semana Ubuntu acaba por ter um grande impacto sobre eles. Talvez seja das semanas mais felizes de frequência escolar” (E2) e ainda, “perceber que nós não somos os únicos a ter problemas e que todos também têm aqueles problemas que às vezes acabam por ocultar.” (A4)

O ambiente proporcionado pelo Clube Ubuntu fortalece laços e relações interpessoais, resultando em momentos de partilha intensa e aproximação entre os jovens (A3). De facto, o Clube é visto como um “espaço seguro” para expressão de ideias e projetos colaborativos com outras faixas etárias o que permite a “construção de pontes uns com os outros” (E4). A importância do papel do Clube Ubuntu dentro do PEU é reconhecida por A2 da seguinte forma: “O clube é uma forma de manter viva esta energia. Este querer ajudar o outro, que se calhar ficaria não perdido por completo, mas um pouco perdido, se o clube não existisse.” (A2). A experiência no Clube Ubuntu é ainda vista como uma oportunidade de crescimento pessoal, permitindo o autoconhecimento e a descoberta de novas capacidades.

Um dos entrevistados adultos (E6), ressalva a importância da formação no método Ubuntu para que professores entendam o impacto que este programa tem nos alunos e apoiem o desenvolvimento dos alunos no que também diz respeito ao conceito Ubuntu. E6 deixa a mensagem que é necessário envolver ainda mais pessoas, “por isso é que eu acho que é cada vez mais importante desafiar os colegas professores a entrarem dentro desta dinâmica”.

Em geral, o PEU é reconhecido pelas suas iniciativas transformadoras que promovem o crescimento pessoal, fortalecem relações e estimulam a empatia e o cuidado com o outro. “Esta mudança [de acolher a filosofia Ubuntu na escola] permitiu aqui relações de confiança entre as pessoas, que estavam um bocadinho esquecidas”(E6).

4.1.3. TEMA: EIXOS DA FILOSOFIA UBUNTU

Este último tema foi dividido em três categorias: *ética do cuidado*, *construção de pontes* e *liderança servidora*. Cada categoria representa um dos três eixos que suportam esta filosofia. Pretende-se perceber se, de facto, o trabalho do Clube cultiva os três eixos nos jovens.

Categoria – Ética do Cuidado

Quanto à primeira categoria, *ética do cuidado*, percebeu-se que o Clube Ubuntu dissemina o olhar atento ao outro e ao que nos rodeia. De acordo com E3, *Ética do cuidado* consiste em “não estarmos centrados em nós; de que existem pessoas à nossa volta; de que precisamos de construir pontes; que precisamos de estar ao serviço do outro.”

As dinâmicas do clube promovem a reflexão sobre a importância de estar atento ao próximo, aceitá-lo e trabalhar em equipa cultivando respeito e apoio mútuo, sendo que “não há melhor forma de cultivarmos o respeito pelo outro e o apoio ao outro do que trabalhar com ele de mãos dadas.” (E2).

A inclusão é também um dos valores que se fomenta nos jovens Ubuntu, pois o clube proporciona um espaço inclusivo de convivência e aprendizagem:

Apesar de terem dificuldades motoras, dificuldades cognitivas, o facto de poderem participar, nem que seja em alguns momentos, porque é verdade que não... não conseguem participar em tudo, mas conseguem participar em alguns momentos e isso é essencial (E3).

A empatia, competência fundamental nas relações, foi ressaltada pela grande maioria como sendo um valor essencial, ajudando os alunos a entenderem os outros, construírem pontes e preocuparem-se com o bem-estar de todos, “(...) posso ajudar a vida da pessoa e posso ter algum impacto e ter sempre empatia com os outros.” (E4)

Ajudou-me bastante a querer ser empática e a sentir mais amor pelos outros e a vir para este clube, porque aí está, o amor move tudo e mim moveu-me a vir para este clube para ajudar os outros. (A6)

(...) sabermos colocar no lugar do outro. O saber estar disponível para poder ajudar, tal como está no filme do Patch Adams, saber olhar para além daquilo que é óbvio, não é? É isto que a filosofia Ubuntu nos traz e que tem vindo a ser difundida no agrupamento com o apoio da ação do Clube Ubuntu. (E6)

A filosofia Ubuntu contribui para a melhoria das relações interpessoais, tornando o dia a dia da escola mais harmonioso e facilitando a resolução de problemas. O envolvimento no Clube Ubuntu motiva os alunos a preocuparem-se com a escola, os seus colegas e a comunidade.

Temos cada vez mais alunos a preocuparem-se com o dia a dia da escola, a preocuparem-se com os seus colegas, a terem a iniciativa de participar ativamente nos órgãos onde podem estar, nomeadamente o Conselho Geral e a própria Associação de Estudantes (E6).

Em resumo, o Clube Ubuntu proporciona e transmite aos outros um ambiente acolhedor onde os alunos percebem e aplicam o valor da empatia, o cuidar do próximo e o desenvolver de competências socioemocionais para uma convivência harmoniosa e enriquecedora em interdependência.

Categoria – Construir de pontes

Nesta categoria, procura-se analisar se o trabalho realizado pelas ações do Clube estão, de facto, a promover e manter relações saudáveis entre os vários atores da comunidade escolar e fora desta.

Relativamente à categoria *construção de pontes*, verifica-se que, através das dinâmicas Ubuntu que procuram envolver toda a comunidade escolar, os relacionamentos estão a ser estreitados “Entre todas as pessoas” (A8), nomeadamente entre “Alunos - alunos, alunos-funcionários, alunos-professores, professores-funcionários” (A7). Há uma valorização da necessidade de interdependência, pois, “antes da existência do projeto (...) ela criava, se calhar uma barreira, e não deixava tanto transparecer aquilo que ela é. E, portanto, o ser, porque o outro, é está aqui.” (E5)

O “espalhar” a filosofia Ubuntu está a estreitar o relacionamento entre as pessoas (E1). De facto, a construção de pontes relacionais tem sido percebida na escola, verificando-se amizades e relacionamentos mais próximos entre colegas “A proximidade mais com o outro, eu acho que sim, pelo menos eu sinto isso.” (E1).

Contudo, o Clube proporciona a criação de pontes não apenas dentro da escola, mas também fora dela e de forma sempre inclusiva. Uma evidência deste facto é a referência às atividades como o Red_Line e o Carinho por Correspondência têm ajudado a construir pontes entre alunos, professores, PND e toda a comunidade extraescola:

(...) no Carinho por Correspondência, ainda mais, porque construímos pontes com as pessoas de idade e construímos ali uma ligação entre os 2. No Red_Line, também entre os alunos das escolas e professores. Porque toda a gente, todo o

staff da escola, todos os professores, dançaram a Macarena e então mostrou que criou pontes entre professores, alunos e toda a escola (A3).

No Red_line, nós conseguimos dar um exemplo e dizer que somos todos iguais e que não há uma diferença entre nós. Dizer que não é necessário haver aquele do “Eu sou o melhor” e “eu e eu sei fazer melhor”. Somos todos diferentes, mas iguais, temos que respeitar-nos (E4).

Há outra atividade que me recordo que participamos com a sala (sala de Educação Especial). No dia das Acessibilidades, estavam alunos pertencentes ao Clube que acolheram os nossos alunos e os acompanharam nas atividades, não é? E no fundo são pares, não são professores, são pares! Eu acho que isto, para além de ser bonito para quem está de fora ver, para os alunos sentir que é um colega que os está a ajudar, sentir que o outro está a ajudar outro colega, há aqui um ganho dos dois lados (E3).

Por fim, a filosofia Ubuntu promove a união e permite que as pessoas se conheçam melhor contribuindo para o respeito e colaboração. Os participantes incorporaram a ideia de a felicidade de um é a felicidade do outro: “Estamos todos no mesmo barco, a Felicidade do outro, faz-nos feliz.” (E5)

Categoria - Liderança Servidora

É através liderança servidora que o PEU reconhece que os jovens se tornam socialmente interventivos, ou seja, agentes de mudança. Nesta categoria, verifica-se que a liderança servidora está presente no dia a dia do Clube.

A liderança servidora verifica-se através dos sentimentos demonstrados por estes jovens Ubuntu em intervirem na comunidade de forma a promoverem o bem-estar no próximo e melhorarem os relacionamentos. Analisando o relatório de coordenação do Clube Ubuntu, constata-se um conjunto de 35 ações pensadas e dinamizadas pelos jovens, cujos objetivos passam por: melhorar comportamentos, promover relacionamento saudáveis, dinamizar situações de convívio e participar em ações de voluntariado, etc... Estas ações promovem alterações positivas na realidade em que são implementadas (AEB, 2023). Acrescentando a esta realidade o facto dos alunos se disponibilizarem voluntariamente, já demonstra a existência de um “espírito” de liderança servidora.

Paralelamente, os resultados da análise de conteúdo das entrevistas evidenciam que há um reconhecimento desta vontade em estar ao serviço do outro: “Eu fico feliz (...) por ajudar (...) eu fico grato, foi tão bom” (A3)

É através das diversas ações do Clube que os alunos são incentivados a “exercitar” o eixo da liderança servidora “(...) porque nós realizamos muitas atividades em prol da comunidade local e comunidade envolvente” (E2). Como já referido, de forma a motivar os jovens, as ideias de ações a implementarem são da autoria dos mesmos:

[São os alunos] que tomam as rédeas da situação e vão dinamizar (...) São os alunos que são ouvidos. Ou seja, há este dia, o que é que podemos fazer para comemorar, para fazer para fazer diferente? Há outros projetos em que são eles próprios a dar sugestões, do que é que se pode fazer, o que é que não se pode fazer? Eles têm sempre voz, voz ativa em todas as atividades, quer aquelas que são mais orientadas, mas eles podem... orientadas no sentido sugeridas, nomeadamente os tais dias comemorativos, não é? Mas depois há sempre, eles têm sempre opinião a dar e podem e sugerem diversas atividades... para desenvolver eles próprios (E3).

O facto de os jovens mostrarem iniciativa em participarem ativamente desde a fase de conceção até a fase de implementação, releva a vontade de intervirem positivamente disseminando os princípios do método Ubuntu.

Uma das questões colocadas a alguns alunos foi “O que te move para continuares ativo no Clube?” e “O que é para ti um líder servidor?”. As respostas obtidas para esta questão evidenciam que o Clube é uma estratégia para cultivar nos jovens os três Pilares Ubuntu, nomeadamente a Liderança Servidora. De seguida são apresentadas algumas respostas.

- O desejo interior de fazer a diferença na vida do próximo:

“(...) o que me move é simplesmente saber que posso ajudar os outros, porque costumam dizer, quando nós ajudamos os outros, eles também nos podem ajudar, podem nos vir a ajudar um dia. Então eu sinto que neste preciso momento, não necessita ajuda, então posso ajudar os outros, disponibilizar o meu tempo para isso e quando eu necessitar, pensar que talvez haja alguém que eu ajudei, que me possa ajudar.” (A8).

- Liderar pelo exemplo e cuidar do outro:

[ser líder ubuntu] É darmos o exemplo aos outros e tentar-nos dar a conhecer uns aos outros porque, embora a gente possa achar que já sabemos muito, na realidade não sabemos assim tanto como achamos. Então tentarmos conhecer uns aos outros ajuda-nos a relacionarmo-nos de uma maneira positiva e boa (E4).

- Reconhecer que se é um líder servidor porque tentam ajudar e melhorar o bem-estar do outro:

“Eu acho que esse cargo simboliza que nós já fizemos, ou pelo menos tentamos fazer, o bem, para tentar ajudar a melhorar as outras pessoas.” (A4)

- Gerar sentimentos de pertença e de identificação na comunidade:

“(…) um ajudante, tipo ajudante das pessoas, agregar as pessoas em prol de um bem” (A3).

Em suma, considerando os resultados desta categoria, ser líder servidor é notar a existência do outro, dar o exemplo, ajudar e relacionar-se de maneira positiva. A atitude de ajudar os outros traz gratidão e a consciência de que, ao ajudar, também se pode ser ajudado. Assim, ser líder servidor é agir em benefício de todos, é estar próximo da comunidade, seguindo o princípio "Eu sou porque tu és", pois, “aquilo que a nossa sociedade precisa é de boas pessoas. Acima de tudo, pessoas que estejam disponíveis para serem resilientes, para serem empáticas e não servirem-se mas estarem ao serviço.” (E6).

4.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De seguida será realizada uma discussão relativa aos resultados obtidos através de uma síntese da análise de dados apresentada anteriormente. A presente discussão irá procurar dar resposta aos objetivos que pautaram a investigação.

Atendendo a que o estudo objetivava analisar de que forma o *Clube Ubuntu contribui para a transformação dos alunos em agentes de mudança, nomeadamente a nível da formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora*, identificaram-se várias formas pelas quais é possível afirmar que Clube Ubuntu contribui para a transformação dos alunos em agentes de mudança,

especialmente no que diz respeito à formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora.

Primeiramente, o Clube Ubuntu promove a ética do cuidado ao incentivar os alunos a desenvolverem empatia e compreensão em relação aos outros. A filosofia Ubuntu enfatiza a importância de colocar-se no lugar do outro e preocupar-se com o bem-estar de todos. Como refere ALU, a empatia “Implica estar disponível para reconhecer a outra pessoa na sua singularidade, para se colocar no lugar do outro” (ALU, 2021a, p.13). Essa abordagem incentiva os alunos a importarem-se com as necessidades dos outros e a trabalharem em equipa para servir à comunidade (Alarcão e Fonseca, 2020). Verifica-se que no Clube, o cuidado com o próximo é valorizado, criando um ambiente de respeito e apoio mútuo dentro da escola e estendendo-se à comunidade envolvente.

Resultados semelhantes foram encontrados por Nzimakwe (2014) que reforça que Ubuntu é uma filosofia e modo de vida que tem mantido a sociedade unida devido às suas crenças e práticas, que consequentemente colocaram a pessoa no centro de todas as coisas. O Ubuntu tem valores que dizem respeito tanto ao carácter quanto ao comportamento de uma pessoa.

Depois, observou-se que o Clube Ubuntu atua como um catalisador para a construção de pontes entre alunos, funcionários, professores e a comunidade escolar em geral (ALU, 2021c). Através de atividades colaborativas e projetos comunitários, os alunos aprendem a trabalhar em conjunto, superando barreiras e construindo relações interpessoais mais fortes. A filosofia Ubuntu encoraja a formação de amizades e relacionamentos mais próximos entre as pessoas, promovendo um ambiente harmonioso e inclusivo. Carvalho (2022, p. 62) vai no mesmo sentido, o estudo da autora permitiu concluir “que existe um estilo particular de participação, um pouco difuso, contudo, com aspetos em comum”, com a conduta impulsionada pelo Sistema Simbólico do “Ser Ubuntu”, preconizado no método Ubuntu. Os jovens assumem que deverão descentrar-se do eu para um nós, com o intuito de servir para contribuir positivamente para a sua comunidade, fazendo, segundo os entrevistados, os outros felizes (Podlasek-Ziegler, 2019). Através destas atividades, sempre inclusivas, os jovens colocam em prática as suas competências socioemocionais, inerentes aos cinco Pilares e, consequentemente, os

três eixos estruturantes desta filosofia. Paralelamente, são exemplo, são inspiração e são difusores desta forma de estar na vida.

Por último, o Clube Ubuntu fomenta a liderança servidora ao dar aos alunos a oportunidade de tomar a iniciativa e dar sugestões para atividades do clube e "onde os líderes servidores tenham um papel cada vez mais relevante" (Neves, 2019, p. 184). Os alunos têm voz ativa nas decisões e são incentivados a liderar com o exemplo, conhecendo e ajudando os outros de maneira positiva. A liderança Ubuntu é vista como uma forma de ajudar e agregar as pessoas em prol do bem comum. Os líderes Ubuntu são empáticos, determinados e resilientes, agindo em benefício de todos e promovendo uma cultura de apoio e cuidado. As atividades do Clube Ubuntu são essenciais para a concretização do seu propósito de enraizar a filosofia Ubuntu nos jovens e nos contextos onde atua. A dinamização do Clube Ubuntu tem a "missão de criação e execução de um plano de atividades que concretize a ética do cuidado, a liderança servidora e a construção de pontes" (ALU, 2021d). É através das ações do Clube que os alunos sentem e visualizam o eixo da liderança servidora. Os Ubuntu, enquanto promotores destas ações, envolvem-se desde a sua idealização até à sua implementação, de forma voluntária, movidos pelo desejo de contribuir para o bem-estar do outro "(...) o que me move é simplesmente saber que posso ajudar os outros" (A8). A ALU, no seu Manual do Formador (2021a), apresenta o líder servidor como aquele que se move pela necessidade interior de procurar fazer a diferença na vida dos outros e da realidade que o rodeia.

Em resumo, o Clube Ubuntu é uma iniciativa que vai além das atividades regulares da escola, procurando transformar os alunos em cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, capazes de construir pontes e exercer liderança servidora. Ao enfatizar valores como empatia, colaboração e respeito, o Clube Ubuntu contribui para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, capacitando-os a serem agentes de mudança positiva na escola e na comunidade envolvente, nomeadamente no que diz respeito aos relacionamentos escolares. É de realçar, que pelas entrevistas, os alunos são movidos pela vontade de contribuir para o bem do próximo.

Para concluir, como forma de evidenciar o cumprimento deste objetivo por parte do Clube Ubuntu, quando colocada ao Diretor do AEB (E6) a questão "considera que o

Clube a consegue cumprir com a sua missão de contribuir para a construção de jovens que sejam agentes de mudança na sociedade?” O mesmo respondeu:

Não tenho dúvidas sobre isso. Eu sinto, e espero que isto não seja só uma coisa de agora, que seja uma coisa para o futuro, mas eu sinto que neste último ano e meio, a intervenção dos próprios alunos na escola mudou e mudou de uma forma positiva. (E6)

Atendendo ao primeiro objetivo específico, perceber se, *através das ações desenvolvidas pelos jovens no seio do Clube, os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu* (ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora) *são materializados*, o mesmo veio a confirmar-se.

Com base nas informações fornecidas nas entrevistas e nos *focus group*, é possível perceber que as ações, desenvolvidas pelos jovens no seio do Clube Ubuntu, colocam em prática os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu: ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora.

O Clube Ubuntu promove a ética do cuidado ao enfatizar a importância da empatia e da preocupação com o bem-estar dos outros. Os jovens são incentivados a entender e valorizar o ponto de vista dos outros, calçando "os sapatos dos outros" (E4) para compreender as suas perspetivas e necessidades (como mencionado por um dos entrevistados). As atividades do clube, como ações de solidariedade e intervenções relacionadas aos Direitos Humanos, demonstram o compromisso dos jovens em cuidar dos outros e provocar transformações positivas na comunidade. Mayaka e Truell (2021) salientam que, independentemente da cultura, nacionalidade ou ambiente, acreditam que as aprendizagens relativas à filosofia Ubuntu podem ter significado positivo para o bem a promoção de sociedades mais respeitadoras e onde as relações são valorizadas. Naturalmente, como todas as culturas diferem em alguns aspetos, a forma como as pessoas demonstram ou expressam também cuidado também pode ser diferente. Os mesmos autores consideram que o Ubuntu é filosofia e prática que ressoa com muitas culturas ao redor do mundo, focando as relações humanas, tornando-as mais holísticas, não apenas para o indivíduo, mas também para o que todo indivíduo precisa. Estes jovens disponibilizarem-se, ao intervirem na comunidade, com o foco de melhorar, de

alguma forma, o bem-estar do outro. Preocupam-se com o cuidar do outro e em disseminar esta forma de estar na vida.

A filosofia Ubuntu promove a construção de pontes ao valorizar a união e a interação entre os membros do clube, além de estender-se para além da comunidade escolar, envolvendo toda a comunidade educativa e envolvente. Os jovens trabalham juntos em atividades contínuas, criando um ambiente seguro e livre de críticas, onde todos podem expressar-se e ajudar-se mutuamente. Além disso, o Clube e a filosofia que o rege já é conhecida por EE, por outras instituições e membros da comunidade, a partilhando experiências e valores relativos aos cinco Pilares Ubuntu. É importante salientar as pontes relacionais, através das atividades do Clube são também construídas e estreitadas entre elementos (alunos, professores PND) que não frequentaram a formações Ubuntu.

O Clube Ubuntu incentiva a liderança servidora ao dar aos jovens a oportunidade de tomar a iniciativa e liderar com o exemplo. Os alunos são encorajados a serem líderes que estimulam a participação e ouvem a opinião dos outros, organizando o trabalho em conjunto. Os jovens do Clube Ubuntu são descritos como aqueles que ajudam e agregam as pessoas em prol do bem comum, atuando como agentes de mudança na sociedade. Tal como apontado por Brubaker (2013), entendeu-se que a ênfase na ética do cuidado e na construção de pontes também está alinhada com a ideia de liderança servidora, já que os líderes são capacitados a cuidar dos outros e trabalhar em colaboração com toda a comunidade.

Em suma, o Clube Ubuntu promove a materialização dos três eixos estruturantes do conceito Ubuntu, permitindo que os jovens desenvolvam a ética do cuidado, construam pontes entre si e com a comunidade, e exerçam uma liderança servidora, preocupando-se com o bem-estar coletivo e agindo em benefício dos outros. Essas ações contribuem para o crescimento pessoal dos jovens e para a formação de cidadãos comprometidos em criar um ambiente mais acolhedor, colaborativo e empático na escola e além dela.

Depois, quanto ao segundo objetivo específico, *avaliar a satisfação dos jovens face ao PEU, especificamente o Clube Ubuntu*. Através dos dados recolhidos, é possível perceber que a satisfação dos jovens face ao PEU e em particular ao Clube Ubuntu, é boa, pois “mantém viva a energia” (A2). Várias citações e depoimentos de participantes do Clube Ubuntu destacam a felicidade, a união e o crescimento pessoal que

experimentam através da sua participação no clube. Além disso, eles sentem-se entusiasmados e orgulhosos com as atividades do clube dos quais são promotores e com o impacto positivo que têm na comunidade escolar. Eles percebem e observam o impacto positivo que as suas ações têm na comunidade escolar e além dela. Aqui, os resultados cruzam-se com os encontrados por Carvalho (2021), onde se entende que os alunos se sentem gratos ao saber que as suas iniciativas estão a ajudar os outros e a promover uma mudança positiva na comunidade: “Eu fico feliz (...) por ajudar (...) eu fico grato, foi tão bom” (A3).

Os jovens destacam o fortalecimento das relações interpessoais e o crescimento pessoal que experimentam no Clube Ubuntu. Eles sentem-se unidos como uma equipa e valorizam o espaço seguro para expressão e partilha que o clube proporciona. Sentem-se ouvidos e valorizados no Clube Ubuntu. Tal como apontado por Brubaker (2013), os envolvidos têm voz ativa nas decisões e são incentivados a contribuir com as suas ideias e sugestões para as atividades do clube.

Esses aspetos demonstram que os jovens têm uma experiência positiva e gratificante ao participar do Clube Ubuntu, e que a filosofia Ubuntu e as suas ações estão alinhadas com os seus valores e necessidades. A satisfação dos jovens com o PEU, especialmente o Clube Ubuntu, é um indicador importante do sucesso e relevância dessas iniciativas para o desenvolvimento pessoal e social dos participantes.

Quanto ao último objetivo, o objetivo específico *analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar*, entendeu-se que tem um impacto muito positivo na comunidade escolar. Através das suas atividades e filosofia, o clube promove uma série de mudanças e benefícios que se estendem para além dos seus membros.

O clube promove a construção de relações significativas entre os seus membros, incluindo alunos, professores e educadores. Muitos jovens aumentaram as suas relações de confiança. Tal como verificado por Carvalho (2022), o foco na empatia e no entendimento partilhado dos problemas ajuda a melhorar o ambiente escolar e as relações entre todos os membros da comunidade.

O clube proporciona um espaço acolhedor e livre de críticas, onde todos os membros se sentem à vontade para expressar as suas ideias e ajudar-se mutuamente. Essa atmosfera

de respeito e colaboração torna a escola um lugar mais agradável para aprender e crescer.

Através da filosofia Ubuntu, o clube estimula valores como solidariedade, respeito, empatia e colaboração. Além disso, as atividades e projetos realizados pelo clube desenvolvem habilidades essenciais, como liderança, trabalho em equipa, comunicação e organização. O clube partilha a filosofia Ubuntu com a comunidade escolar e também com as famílias dos seus participantes. Isso dissemina valores de união, gratidão e crescimento pessoal, ampliando o impacto positivo do clube para além dos seus limites físicos.

Por fim, o clube atua como um agente de mudança positiva na comunidade escolar. Ao incentivar a ética do cuidado, a construção de pontes e a liderança servidora, o clube capacita os jovens a tornarem-se cidadãos comprometidos em melhorar o bem-estar comum e criar um ambiente mais harmonioso e colaborativo.

Em resumo, o Clube Ubuntu tem um impacto muito significativo na comunidade escolar ao fortalecer relações, promover valores e habilidades importantes e contribuir para uma transformação positiva do ambiente escolar. Através da sua filosofia e ações, o clube cria um espaço seguro e inspirador para os jovens desenvolverem-se como indivíduos conscientes e comprometidos com o cuidado e o bem-estar do próximo.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES

Pode o Clube Ubuntu contribuir para a construção de agentes de mudança?

“Não tenho dúvidas sobre isso. Eu sinto, e espero que isto não seja só uma coisa de agora, que seja uma coisa para o futuro, mas eu sinto que neste último ano e meio, a intervenção dos próprios alunos na escola mudou e mudou de uma forma positiva”

(Luís Novais, Diretor do AEB)

A presente investigação visou responder à pergunta de partida "Pode o Clube Ubuntu contribuir para a formação de agentes de mudança?" Na procura da resposta, foi necessário um processo dividido em três fases.

Numa primeira fase, exploraram-se os conceitos mais relevantes da filosofia Ubuntu e do método Ubuntu, proporcionando uma compreensão aprofundada do PEU. Analisou-se a sua relevância para as escolas com base nos documentos fundamentais da Educação em Portugal e evidenciando, simultaneamente, a sua componente enquanto instrumento de inovação pedagógica. A reflexão sustentada sobre a relevância do PEU permitiu perceber que este procura desenvolver competências socioemocionais desejáveis nos alunos, (como a empatia, competência essencial do programa), capacitando-os como participantes sociais ativos e líderes servidores.

A segunda fase concentrou-se na implementação da metodologia de pesquisa: um estudo de caso com abordagem interpretativa e ênfase qualitativa. Este estudo ocorreu no Clube Ubuntu do Agrupamento de Escolas da Batalha. A recolha de dados envolveu a análise de documentos, entrevistas individuais semiestruturadas e *focus group*. Estas técnicas foram aplicadas a alunos do Clube Ubuntu, Educadores Ubuntu, um membro do Pessoal não Docente e o Diretor do Agrupamento.

Na terceira fase, os dados recolhidos foram analisados e discutidos, levando à resposta da pergunta: "Pode o Clube Ubuntu contribuir para a formação de agentes de mudança?"

O método Ubuntu é introduzido nas escolas por meio do PEU e requer a existência de Clubes Ubuntu para produzir resultados confiáveis e concretos a longo prazo, evidenciando o papel do Clube na formação de jovens como agentes de mudança. O Clube promove a disseminação do método, incentivando uma cultura de construção de

pontes, ética do cuidado e liderança servidora. Os jovens que participam voluntariamente no Clube Ubuntu, desempenham o papel de agentes de mudança. Através da implementação de ações estruturadas, estes jovens desenvolvem características de líderes servidores. O Clube permite que eles participem ativamente no meio que os envolve, procurando contribuir para o bem-estar dos outros e fomentando uma cultura democrática e cívica. Consequentemente, a noção de interdependência relacional, expressa na frase "Eu sou porque tu és", é valorizada.

Verifica-se que é essencial implementar programas como o PEU nas escolas, com metodologias validadas e estruturadas, para capacitar jovens conscientes, responsáveis e participativos na comunidade, capazes de gerar mudanças positivas. O percurso pedagógico da ALU promove abordagens participativas e relacionais, permitindo que os jovens atribuam significado à sua experiência. Esta metodologia associada à aprendizagem de competências socioemocionais dentro da realidade educativa, ao recurso a metodologias ativas de aprendizagem e à interligação entre a ENF e a EF, fazem do PEU um programa possuidor de características inovadoras a nível pedagógico.

A filosofia Ubuntu tem repercussão com aqueles que procuram construir uma sociedade civil coesa e valorizar relações comunitárias. Paralelamente, a participação ativa dos alunos no Clube Ubuntu é crucial para a formação de agentes de mudança que ambicionam criar sociedades mais inclusivas, respeitosas e humanizadas. A atividade do Clube tem impacto na comunidade escolar, fortalecendo relacionamentos e promovendo a ética do cuidado.

Assim, respondendo à pergunta inicial, pode-se concluir que o Clube Ubuntu, por ser uma iniciativa transformadora que contribui consideravelmente para o desenvolvimento de jovens cidadãos comprometidos com valores, tais como a ética do cuidado, a construção de pontes e a liderança servidora, capacita os jovens para a promoção de transformações positivas, tornando-os em agentes de mudança. De facto, o Clube desempenha um papel fundamental na promoção da participação ativa na cidadania dos jovens, componente crucial da cidadania, capacitando os jovens a serem líderes servidores hoje e promotores de mudanças para um futuro mais humanizado.

5.1. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Considera-se uma limitação da presente investigação a especificidade da escola estudada. Tratando-se de um estudo de caso, os dados adquiridos, dizem respeito a um contexto específico, determinado no tempo e no espaço (Bogdan & Biklen, 1994). De modo a validar e ampliar de forma segura os resultados, torna-se relevante estudar a realidade de outros Clubes Ubuntu, noutras escolas e zonas do país.

Uma segunda limitação diz respeito à amostra, nomeadamente a nível dos alunos. Os jovens auscultados são participantes ativos do Clube. Seria interessante complementar os resultados investigando os alunos que têm conhecimento da filosofia Ubuntu, porque realizaram as SU, mas que não se sentem motivados para dar continuidade ao processo de crescimento interior de acordo com o método da ALU.

5.2. SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS

Quanto a estudos futuros, sugere-se a resposta a uma das limitações: estudar outras realidades dos Clubes Ubuntu. A dinamização de cada Clube, apesar de ter uma linha condutora, fica à responsabilidade de cada AE e sofre adaptações consoante o contexto e os recursos existentes (humanos, financeiros e espaciais). O Clube Ubuntu em análise beneficia de um conjunto de fatores favoráveis, do conhecimento da investigadora, mas não comuns a todos os Clubes/Escolas. Exemplo destes fatores são: ter um espaço próprio que os alunos sentem como deles, o AE possuir uma Técnica Especializada afeta ao PEU, todos os elementos da Direção participaram na formação relativa ao método Ubuntu. Deste modo, seria interessante perceber como estes fatores podem influenciar a operacionalização o método Ubuntu e também conhecer a realidades de outros Clubes. Por fim, a medida do Plano 21/23 Escola+ que possibilitou o PEU chegar a cerca de 350 AE, irá terminar em novembro de 2023. Sendo a capacitação das escolas/professores uma das premissas do PEU para a sua autonomia na replicação do método Ubuntu, seria interessante analisar de que forma, autonomamente, as escolas conseguem operacional esta filosofia sem o apoio das medidas do Plano 21/23 Escola+.

Para concluir, a título pessoal, foi para mim gratificante desenvolver esta investigação no local onde todos os dias desempenho a minha profissão. Possibilitou-me ter consciência, pela voz dos participantes, do percurso e do impacto do trabalho que o AEB tem vindo a realizar ao aderir ao PEU. De facto, o envolvimento e o trabalho

colaborativo da Direção, Educadores Ubuntu e jovens Ubuntu, tem permitido, não só alcançar os resultados propostos pelo PEU, mas, principalmente, aproximar os vários atores da comunidade escolar e construir uma escola mais relacional, onde o “eu” descentraliza para o “nos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEB. (2020). *Projeto Educativo 2020-2023*. Agrupamento de Escolas da Batalha. <https://agbatalha.pt/aeb/index.php/sitedocs/9-projeto-educativo>
- AEB. (2022a). *Regulamento Interno*. Agrupamento de Escolas da Batalha. <https://agbatalha.pt/aeb/index.php/sitedocs/44-regulamento-interno>
- AEB. (2022b). *Relatório de Coordenação do Clube Ubuntu 2021-2022* [Relatório não publicado].
- AEB. (2023). *Relatório de Coordenação do Clube Ubuntu 2022-2023* [Relatório não publicado].
- Alarcão, M., & Fonseca, S. (2020). Empatia. In Gonçalves, J.L. & Alarcão M. (orgs) *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 109-130). IPAV.
- ALU. (2021a). *Manual do formador*. IPAV.
- ALU. (2021b). *Saber Mais*. Escolas Ubuntu. <https://www.escolasubuntu.pt/>
- ALU. (2021c). *Manual Clubes Ubuntu*. IPAV.
- ALU. (2022a). *O método Ubuntu*. <https://www.academialideresubuntu.org/pt/o-ubuntu/metodo-ubuntu>
- ALU. (2022b). *O projeto*. <https://www.academialideresubuntu.org/pt/academia-de-lideres-ubuntu/o-que-e>
- ALU. (2022c). *Estratégias pedagógicas no método Ubuntu*. IPAV [Documento não publicado].
- Azevedo, V., Carvalho, M., Fernandes-Costa, F., Mesquita, S., Soares, J., Teixeira, F., & Maia, Â. (2017). Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(14), 159-167. <https://doi.org/10.12707/RIV17018>
- Anzini, P., Forte, A. C., & Santos, J. (2020). Resiliência. In Gonçalves, J.L. & Alarcão M. (orgs) *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 82-103). IPAV.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P. (2021). *O Poder simbólico*. (2ª Edição). Edições 70.
- Brubaker, T. (2013). Servant Leadership, Ubuntu, and Leader Effectiveness in Rwanda. *Emerging Leadership Journeys*, 6(1), 114 – 147.
- Campenhoudt, L. Van, & Quivy, R. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Comissão Europeia (2000). *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*. Bruxelas.
- Conselho Científico da Academia de Líderes Ubuntu. (2023) *Ubuntu: Revista de Ciências Sociais*. IPAV.
- Carvalho, Á., Amann, P. V., Almeida, T. D., Pereira, F., Ladeiras, L., Lima, R. & Lopes, I., C. (2016). *Saúde mental em saúde escolar: Manual para a promoção de competências socioemocionais em meio escolar*. Lisboa, DGS.
- Carvalho, C. (2022). *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens – Estudo de caso*. [Dissertação de Mestrado]. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/3219>
- Chigangaidze, R., Matanga, A. & Katsuro, T. (2021). Ubuntu Philosophy as a Humanistic–Existential Framework for the Fight Against the COVID-19 Pandemic. *Journal of Humanistic Psychology*, 1–15. <https://doi.org/10.1177/00221678211044554>
- Conselho Científico da Academia de Líderes Ubuntu (2022). *Jornadas Científicas – Academia de Líderes Ubuntu: Estudos em desenvolvimento*. IPAV.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J. R. C., & Vieira, S. R. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação E Cultura*, XIII(2), 455–479.
- Costa, E., & Almeida, M. (2019) *Estudo de avaliação do Projeto-Piloto de Inovação Pedagógica*. Universidade de Lisboa. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/AFC/relatorio_de_avaliacao_e_xterna_do_ppip.pdf
- DGE. (2021a). *Mensagem inicial*. Escola+21/23. <https://escolamais.dge.mec.pt/mensagem>
- DGE. (2021b). *1.6. 2-programa-para-competencias-sociais-e-emocionais*. Escola+21/23. <https://escolamais.dge.mec.pt/acoes-especificas/162-programa-para-competencias-sociais-e-emocionais>
- DGE. (2021c). *Nota informativa Programa Escolas Ubuntu*. Ministério da Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/informacoes_escolas/programa_escolas_ubuntu.pdf
- DGE. (2016). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Direção-Geral da Educação. <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>
- Fernandes, R. (2020). *Práticas de Ensino e Aprendizagem Socioemocional* [Dissertação de mestrado]. ISEC Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.26/35463>
- Fonseca, S. (2022). *Academia de Líderes Ubuntu na escola: Diretora e assistentes operacionais identificam os impactos no Agrupamento de Escolas Professor*

- Agostinho da Silva. *Ubuntu: Revista de Ciências Sociais 1*, 131-161.
https://issuu.com/ipavieira/docs/ubuntu_revista_de_ciencias_sociais_n1_digital
- Freixo, M. J. V. (2012). *Metodologia Científica: Fundamentos, métodos e técnicas* (4ª). Lisboa: Instituto Piaget.
- Fortin, M.-F. (2009). *O Processo de Investigação: da Concepção à Realização*. (5ª). Loures: Lusociência.
- Gonçalves, J.L. (2019). Liderança servidora: uma inspiração em contracorrente cultural. In *Construir Pontes Ubuntu – Para uma Liderança Servidora* (pp. 105-111). Consórcio “Ubuntu Building Briggest for Peace”.
- Gonçalves, J. L., Fernandes, J. L., & Rogowki, A. (2020). Autoconhecimento. In Gonçalves, J.L. & Alarcão M. (orgs) *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 17-26). IPAV.
- Gonçalves, J.L. & Alarcão M. (2022). Introdução. In Concelho Científico da Academia de Líderes Ubuntu (org.) *Jornadas Científicas – Academia de Líderes Ubuntu: Estudos em desenvolvimento* (pp.3-5). IPAV.
- Gonçalves, J. L., & Alarcão, M. (2023). Editorial. *Ubuntu: Revista de Ciências Sociais 1*, 9-1.
https://issuu.com/ipavieira/docs/ubuntu_revista_de_ciencias_sociais_n1_digital
- Hailey, J. (2008). *Ubuntu: A Literature Review*.
<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=5af48f144b75fd4662b36934e26b52bdf0629e97>
- Hart, R. A. (1992). *Children's participation: From tokenism to citizenship*. UNICEF.
<https://www.unicef-irc.org/publications/100-childrens-participation-from-tokenism-to-citizenship.html>
- IPAV (2020). *O IPAV*. <https://www.ipav.pt/index.php/pt/>
- Jesus, P., & Azevedo, J. (2021). Inovação educacional. O que é? Porquê? Onde? Como?. *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, (20), 21-55.
<https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2020.9683>
- Lastikova, M. (2023). *Context-Specific Peace Education Initiatives within local communities in Western Cape, South Africa: Lessons from Ubuntu*. [Dissertação de Mestrado]. <http://lnu.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2:1770154>
- Lei n.º 46/86 de 14 de outubro: Lei de Bases do Sistema Educativo. Pub. L. No. Diário da República N.º 237-I Série (1986). Lisboa: Assembleia da República.
https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1744&tabela=leis&o_miolo
- Marques, E. & Cairns, S. (2023). Ubuntu na Escola de Segunda Oportunidade de Matozinhos. *Ubuntu: Revista de Ciências Sociais 1*, 95-130.
https://issuu.com/ipavieira/docs/ubuntu_revista_de_ciencias_sociais_n1_digital

- Marques, R., (2009). Caminho para uma escola relacional (Prefácio à edição portuguesa). In Forns, J. Q., Chávez, A. C., (2018). *Educação Relacional – Dez chaves para uma pedagogia do reconhecimento* (pp. 8-9). IPAV.
- Marques, R. (2020). Introdução. In Gonçalves, J.L. & Alarcão M. (orgs) *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 17-26). IPAV.
- Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J, Carrillo, J, Silva, L., Encarnação, M., Horta, M., Calçada, M, Nery, R., & Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Mayaka, B. & Truell, R. (2021). Ubuntu and its potential impact on the international social work profession. *International Social Work*, 1–14.
<https://doi.org/10.1177/00208728211022787>
- Menezes, I. (2003). Participation experiences and civic concepts, attitudes and engagement: Implications for citizenship education projects. *European educational research journal*, 2(3), 430-445. <https://doi.org/10.2304/eeerj.2003.2.3.8>
- Montenegro, E., & Gaspar, J. P. (2020). Serviço. In Gonçalves, J.L. & Alarcão M. (orgs) *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 1317-156). IPAV.
- Msengana, N. W. (2006). *The significance of the concept " Ubuntu" for educational management and leadership during democratic transformation in South Africa* [Dissertação de Doutoramento]. University of Stellenbosch.
- Neves, T. (2019). Academia de Líderes Ubuntu. In *Construir Pontes Ubuntu – Para uma Liderança Servidora* (pp. 183-193). Consorcio “Ubuntu Building Briggest for Peace”.
- Nzimakwe, T. (2014). Practising Ubuntu and leadership for good governance The South African and continental dialogue. *African Journal of Public Affairs*, 7(4), 30-41.
- Oliveira, A. (2020). Autoconfiança. In Gonçalves, J.L. & Alarcão M. (orgs) *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 55-80). IPAV.
- Oliveira, D. & Rodrigues, A. (2020). Centro integrado de educação em ciências: um conceito inovador de ensino formal e não formal de ciências. *APeDuC Revista- Investigação e Práticas em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia*, 1(1), 72-86.
- Podlasek-Ziegler, M. (2019). Construindo Pontes. In *Construir Pontes Ubuntu – Para uma Liderança Servidora* (pp. 115-122). Consorcio “Ubuntu Building Briggest for Peace”.
- Rodrigues, A. (2016). *Perspetiva Integrada de Educação em Ciências: Da teoria à prática*. Universidade de Aveiro.
- Rodrigues, A. & Oliveira, D. (2020). Centro integrado de educação em ciências: um conceito inovador de ensino formal e não formal de ciências. *Apeú Revista-*

Investigação e Práticas em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia, 1(1), 72-86. Doi: APEDuC Revista/ APEDuC Journal (2020), 01(01),72-86

Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação, (26), 175-189.*

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34931782012>

Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, tese e relatórios segundo Bolonha (5ª. Ed).* Lisboa: Pactor.

Tomás, C., & Gama, A. (2011). Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. *Educação, Território e (Des)Igualdades - II Encontro de Sociologia da Educação* (pp. 1-22). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<http://hdl.handle.net/10400.21/1116>

UNESCO. (2022). *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação.*

Vieira, A., (2013). Da complexidade da escola contemporânea, Vieira, A. *Educação Social e Mediação Sociocultural.* Porto: Profedições, pp.37-63.

Vieira, R. (2011). Diversidade cultural e mediação sociopedagógica, Vieira, R. *Educação e Diversidade Cultural,* Porto: Afrontamento, pp.179-193.

Volmink, J. (2019). Ubuntu: Filosofia de vida e ética social. In *Construir Pontes Ubuntu – Para uma Liderança Servidora* (pp. 47-68). Consórcio “Ubuntu Building Briggest for Peace”.

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Pedido de consentimento	2
Anexo 2 – Pedido de Autorização para Encarregados de Educação	4
Anexo 3 - Guiões de entrevistas individuais e focus group	5
Anexo 4 - Grelha resultante da análise de conteúdo dos instrumentos aplicados para a recolha de dados	10

Anexo 1 – Pedido de consentimento

O presente pedido consentimento foi direcionado ao Sr. Diretor do Agrupamento com o intuito de obter autorização formal, por parte do Conselho Pedagógico, para a realização do estudo investigativo.

Pedido de consentimento

Leiria, janeiro de 2023

Exm. Sr. Diretor Diretor Luís Novais

Assunto: Pedido de autorização para a realização de investigação

Eu, Ivânia Quintino Alexandre, na qualidade de aluna da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, no âmbito do 2º ano de Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica, venho por este meio solicitar autorização para desenvolver uma investigação no Agrupamento de Escolas da Batalha, denominada de “A construção de agentes de mudança através do Clube Ubuntu - um estudo de caso no ensino secundário”, cujos objetivos são:

1. Analisar de que forma o Clube Ubuntu contribui para a satisfação dos princípios do programa Escolas Ubuntu relativamente aos alunos, nomeadamente a nível da formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado e com uma liderança servidora;
2. Avaliar a satisfação dos jovens face ao programa Escolas Ubuntu, especificamente o Clube Ubuntu;
3. Analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar.

Tratando-se de um estudo de caso, que se insere no paradigma interpretativo com uma abordagem essencialmente qualitativa, para a sua operacionalização prevê-se o recurso a um conjunto de procedimentos metodológicos nomeadamente:

- Análise documental (documentos da DGE; Documentos e publicações provenientes do IPAV e Academia de Líderes Ubuntu e documentos internos do AEB);
- Realização de entrevistas semiestruturadas individuais e grupais.

A amostra pretende-se que seja constituída por intervenientes diretos e indiretos no processo dinamização do Clube Ubuntu:

- Alunos envolvidos no clube com participação assídua (do 11º ano e 12º ano)

- Alunos participantes em SU, envolvidos no clube esporadicamente (do 11º ano e 12º ano)
- Professores do AEB
- Direção do AEB
- Técnicos Especializados do AEB
- Encarregados de Educação
- Pessoal não Docente

Os dados recolhidos e a identidade dos elementos constituintes da amostra serão mantidos confidenciais. Os Encarregados de Educação dos alunos envolvidos, serão informados da realização do projeto de investigação e será solicitada a sua autorização para que o seu educando possa participar. Por fim, o processo de recolha de dados está previsto decorrer entre fevereiro e maio de 2023.

Agradeço desde já a sua atenção

A MesAssinado por : **Ivânia Quintino Alexandre**
Num. de Identificação: B113616076
Data: 2023.01.08 02:22:51+00'00'

(Ivânia Alexandre)

Anexo 2 – Pedido de Autorização para Encarregados de Educação

Pedido de autorização

Exmo. Encarregado de Educação,

Eu, Ivânia Quintino Alexandre, na qualidade de aluna da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, no âmbito do 2º ano de Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica, encontro-me a desenvolver uma investigação no Agrupamento de Escolas da Batalha, denominada de “A construção de agentes de mudança através do Clube Ubuntu - um estudo de caso no ensino secundário” cujos objetivos são:

1. Analisar de que forma o Clube Ubuntu contribui para a satisfação dos princípios do programa Escolas Ubuntu relativamente aos alunos, nomeadamente a nível da formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado e com uma liderança servidora;
2. Avaliar a satisfação dos jovens face ao programa Escolas Ubuntu, especificamente o Clube Ubuntu;
3. Analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar.

Assim, venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando possa participar neste estudo através da realização de uma entrevista. Durante este processo a identidade do aluno será salvaguardada e os dados recolhidos serão mantidos confidenciais.

Agradeço desde já a sua compreensão

A Mestranda

(Ivânia Alexandre)



Eu, _____ encarregado(a) de educação do/a aluno/a _____ **autorizo / não autorizo** (riscar o que não interessa) que o meu educando participa no trabalho de investigação da Mestranda Ivânia Alexandre, aluna da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, no âmbito do 2º ano de Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica.

Data: ____/____/2023

Anexo 3 - Guiões de entrevistas individuais e *focus group*

Nota: Os guiões de entrevista foram adaptados de Carvalho, 2022.

Guião de entrevista - alunos envolvidos no Clube com participação assídua (individual/ *focus group*)

Categoria	Objetivo Específico	Proposta de Questão	Descrição
Legitimar a Entrevista	Dar a conhecer a finalidade e objetivos da entrevista. Motivar o entrevistado.	1. Pedir informações para caracterização: género, idade, ano de escolaridade, tempo de projeto.	Informar sobre as características do estudo; Garantir a confidencialidade do estudo; Solicitar informações de caracterização dos participantes.
Narração da participação do jovem no PEU	Narrar a história do percurso de envolvimento do Clube Ubuntu, desde a perspetiva individual à grupal	2. O que significou para vocês participar na semana Ubuntu? 3. Já sentiram, no vosso dia-a-dia, o impacto do que têm aprendido através PEU? (dá exemplos concretos) 4. Há um antes e um depois da semana Ubuntu para vocês? O que ficou diferente? 5. O que consideram que este projeto vos dá em termos de desenvolvimento pessoal?	Permitir que os jovens reflitam e descrevam o percurso pelo PEU enquanto membros do Clube Ubuntu, desde a realização da SU, até aos dias de hoje.
Envolvimento no Clube Ubuntu – Perspetiva do participante	Narrar a história de envolvimento no Clube Ubuntu. Identificar os indicadores que apontem eficácia e eficiência do Clube Ubuntu.	6. Há quanto tempo participam no Clube Ubuntu? 7. Que motivações vos movem para continuarem a participar no Clube Ubuntu? 8. O que consideram que deve ser melhorado no funcionamento do Clube Ubuntu? 9. Em poucas palavras o que significa ser um Líder Ubuntu?	Compreender o percurso realizado no Clube enquanto participantes. Perceber as motivações que levam os jovens a frequentar este espaço e qual a sua perceção em relação ao mesmo.
Conceção do Clube Ubuntu enquanto espaço de formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e com uma liderança servidora	Identificar ações realizadas pelos jovens que evidenciem os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes. Perceber se os jovens reconhecem o seu percurso de desenvolvimento enquanto líderes Ubuntu.	10. Pode o Clube Ubuntu ser uma oportunidade para colocar em prática os 3 eixos do conceito Ubuntu (ética do cuidado, liderança servidora, construção de pontes)? 11. Se sim, de que modo? Conseguem identificar os eixos em atividades dinamizadas por vocês? 12. Qual a atividade/projeto desenvolvido no Clube Ubuntu que mais vos marcou? E porquê? 13. Qual o impacto que a participação no Clube tem tido em vocês próprios? Qual o legado que gostavam de deixar à escola através do Clube?	Levar os jovens a refletir e descrever a sua experiência enquanto participantes no Clube Ubuntu Analisar o possível desenvolvimento dos jovens enquanto líderes Ubuntu, de acordo com os 3 eixos estruturantes do conceito – ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora. Perceber as representações que os jovens possuem a partir das atividades dinamizadas no clube e qual o impacto das mesmas na sua formação enquanto líderes servidores.
O Clube Ubuntu e o seu impacto na Comunidade Escolar	Analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar.	14. Como caracterizam o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar? (pedir para partilhar exemplos concretos)	Conhecer a visão dos jovens relativamente à existência de contributos do Clube Ubuntu dentro da comunidade escolar.

Guião de entrevista – Educadores Ubuntu (individual)

Categoria	Objetivo Específico	Proposta de Questão	Descrição
Legitimar a Entrevista	Dar a conhecer a finalidade e objetivos da entrevista. Motivar o entrevistado.	1. Dados de caracterização: género, idade, perfil profissional, tempo de projeto.	Informar sobre as características do estudo; Garantir a confidencialidade do estudo; Solicitar informações de caracterização do participante.
Início e desenvolvimento do Clube Ubuntu – Perspetiva do Educador	Narrar a história de desenvolvimento do Clube Ubuntu, Caracterizar o Clube Ubuntu	2. Há quanto tempo está em funcionamento o Clube Ubuntu no AEB? 3. Como tem sido a evolução desta estrutura dentro da escola? 4. Quantas turmas estão envolvidas no Clube Ubuntu? 5. Quantos jovens participam atualmente de forma ativa no Clube? 6. O que consideram que deve ser melhorado no funcionamento do Clube Ubuntu? 7. Quais as razões de ingresso ou não, dos jovens no Clube? 8. Identifica obstáculos relativos à dinamização do Clube Ubuntu nesta escola. Se sim, quais?	Permitir aos Educadores que reflitam e descrevam o percurso e dinâmica de implementação do Clube Ubuntu, até aos dias de hoje.
Conceção do Clube Ubuntu enquanto espaço de formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e com uma liderança servidora	Auscultar a perceção das educadoras face ao papel do Clube Ubuntu para a construção de líderes Ubuntu de acordo com os 3 eixos estruturantes do conceito – ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora e a nível de competências socioemocionais. Identificar ações realizadas pelos jovens que materializam os três eixos.	9. Considera que o Clube Ubuntu proporciona aos participantes a oportunidade de desenvolvimento de um perfil de líder Ubuntu através da prática dos 3 eixos da filosofia Ubuntu (ética do cuidado, liderança servidora, construção de pontes)? 10. Se sim, de que forma? Consegue exemplificar com atividades desenvolvidas pelo Clube Ubuntu? 11. Qual o nível de participação dos jovens no planeamento e dinamização dessas atividades? 12. Qual a atividade que mais gostou de participar, qual o impacto? 13. Ao participarem no Clube, o que espera que estes jovens levem para as suas vidas? 14. De que forma o Clube Ubuntu pode ser uma ferramenta para desenvolvimento destes jovens enquanto agentes de mudança?	Reflexão por parte dos Educadores do clube ubuntu enquanto ferramenta para a implementação da filosofia Ubuntu em contexto escolar. Identificar ações do Clube que espelhem os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu.
O Clube Ubuntu e o seu impacto na Comunidade Escolar	Analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar	15. Que papel e impacto o Clube Ubuntu tem vindo a ter na comunidade educativa? 16. Dentro da escola, é possível identificar transformações advindas do trabalho desenvolvido pelo Clube? 17. Se sim, que transformações?	Conhecer a visão das Educadoras relativamente à existência de contributos do Clube Ubuntu dentro da comunidade escolar. Perceber se é possível identificar situações concretas que demonstrem transformações positivas no dia-a-dia escolar advindas do trabalho desenvolvido pelo clube Ubuntu.

Guião de entrevista – Pessoal Não Docente

Categoria	Objetivo Específico	Proposta de Questão	Descrição
Legitimar a Entrevista	Dar a conhecer a finalidade e objetivos da entrevista. Motivar o entrevistado.	1. Pedir informações para caracterização: género, idade, perfil profissional, tempo de projeto.	Informar sobre as características do estudo; Garantir a confidencialidade do estudo; Solicitar informações de caracterização do participante.
Desenvolvimento do Clube Ubuntu – Perspetiva do PND	Narrar a história de desenvolvimento do Clube Ubuntu, Caracterizar o Clube Ubuntu	2. O que entende por projeto Ubuntu? E para que serve? 3. Conhece a finalidade do Clube Ubuntu? 4. Que tipo de atividades os alunos desenvolvem neste espaço? 5. Quais as atividades, dinamizadas pelo Clube Ubuntu, que mais a marcaram? Porquê?	Identificar a perceção do PND face ao Clube Ubuntu.
Clube Ubuntu enquanto espaço de formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e com uma liderança servidora	Conhecer a perspetivas das educadoras em relação ao Clube Ubuntu enquanto espaço de oportunidade para o desenvolvimento nos jovens dos 3 eixos da estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes; Identificar ações realizadas pelos jovens que operacionem estes três eixos.	6. Na sua opinião, o trabalho desenvolvido no âmbito do Clube Ubuntu contribui para o desenvolvimento socioemocional destes jovens? Se sim, de que forma? 7. Através das atividades desenvolvidas no clube, é possível reconhecer características de cuidado com outro e promoção de relacionamentos saudáveis?	Levar o PND a refletir sobre o papel das atividades desenvolvidas no clube Ubuntu, para a construção de “melhores pessoas”.
O Clube Ubuntu e o seu impacto na Comunidade Escolar	Analisar o impacto do Clube Ubuntu na comunidade escolar.	8. Que papel e impacto o Clube Ubuntu tem vindo a ter na comunidade educativa?	Conhecer a visão do PND relativamente aos contributos dos Clube Ubuntu dentro da comunidade escolar. Perceber se é possível identificar situações concretas que demonstrem transformações positivas no dia-a-dia escolar advindas do trabalho desenvolvido pelo clube Ubuntu.

Guião de entrevista – Diretor de Agrupamento

Categoria	Objetivo Específico	Proposta de Questão	Descrição
Legitimar a Entrevista	Dar a conhecer a finalidade e objetivos da entrevista. Motivar o entrevistado.	1. Pedir informações para caracterização: género, idade, perfil profissional, tempo de projeto.	Informar sobre as características do estudo; Garantir a confidencialidade do estudo; Solicitar informações de caracterização do participante.
Início e desenvolvimento do Clube Ubuntu – Perspetiva do Educador	Narrar a história de desenvolvimento do Clube Ubuntu, Caracterizar o Clube Ubuntu	2. O que significa para si a filosofia Ubuntu? 3. Porquê aderir ao projeto Ubuntu? 4. Como é que o PEU chegou ao AEB? 5. Na sua opinião, qual o papel do Clube Ubuntu, para a implantação desta filosofia em contexto escolar?	Compreender de que forma a filosofia Ubuntu chegou ao AEB. Identificar a perceção do Diretor em relação ao Clube Ubuntu.
Clube Ubuntu enquanto espaço de formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e com uma liderança servidora	Conhecer a perspetivas do diretor em relação ao Clube Ubuntu enquanto espaço de oportunidade para o desenvolvimento nos jovens dos 3 eixos da estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes;	6. É possível evidenciar, com exemplos práticos, de que forma os 3 eixos inerentes à filosofia Ubuntu são promovidos nos alunos? 7. E noutro elementos da comunidade educativa? (professores, EE, PND) 8. Relativamente aos alunos, considera que o Clube tem cumprido com a missão de contribuir para a construção de agentes de mudança? 9. Se sim de que forma?	Levar o Diretor do AEB a refletir sobre o contributo do Clube Ubuntu, para a transformação dos alunos em agentes de mudança.
O Clube Ubuntu e o seu impacto na Comunidade Escolar	Analisar o impacto do Clube Ubuntu dentro da comunidade escolar.	10. O que significa para a vossa comunidade educativa participar no projeto Ubuntu? 11. Há um antes e um depois da dinamização do Clube Ubuntu para a escola/comunidade educativa? O que ficou diferente? 12. Em que medida o projeto Ubuntu pode contribuir para transformações no sistema educativo português?	Conhecer a visão do Diretor do AEB relativamente aos contributos dos Clube Ubuntu dentro da comunidade escolar. Perceber se é possível identificar situações concretas que demonstrem transformações positivas no dia-a-dia escolar advindas do trabalho desenvolvido pelo clube Ubuntu.

Guião de entrevista – Encarregados de Educação

Categoria	Objetivo Específico	Proposta de Questão	Descrição
Legitimar a Entrevista	Dar a conhecer a finalidade e objetivos da entrevista. Motivar o entrevistado.	1. Pedir informações para caracterização: género, idade, perfil profissional, tempo de projeto.	Informar sobre as características do estudo; Garantir a confidencialidade do estudo; Solicitar informações de caracterização do participante.
Filosofia Ubuntu – Perspetiva do EE	Definição da Filosofia Ubuntu. Caracterizar o Clube Ubuntu	2. Nas suas palavras, o que é o projeto Ubuntu? E para que serve? 3. Que tipo de atividade do seu/sua educando/a desenvolve no Clube Ubuntu?	Identificar a perceção do EE face ao projeto Ubuntu e Clube Ubuntu
Clube Ubuntu enquanto espaço de formação de cidadãos comprometidos com a ética do cuidado, construção de pontes e com uma liderança servidora	Conhecer a perspetiva dos EE em relação ao Clube Ubuntu enquanto espaço de oportunidade para o desenvolvimento nos jovens dos 3 eixos estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes;	4. Para o seu filho, considera que há um antes e um depois do conhecimento da filosofia ubuntu? O que ficou diferente? 5. O trabalho desenvolvido no clube Ubuntu é importante para que os jovens participantes se tornem melhores pessoas? Justifique? 6. Na sua opinião, em que medida este projeto é diferente/inovador relativamente a outros projetos em que o seu filho/a já tenha participado? 7. Participou no dia de formação Ubuntu para pais e encarregados de educação dinamizado pelo Clube Ubuntu, que impacto teve para si?	Levar os EE a refletirem sobre o contributo do Clube Ubuntu, para a transformação dos alunos em agentes de mudança.
O Clube Ubuntu e o seu impacto na Comunidade Escolar	Analisar o impacto do Clube Ubuntu dentro da comunidade escolar.	8. Que papel e impacto o Clube Ubuntu tem vindo a ter na comunidade educativa?	Conhecer a visão dos EE relativamente aos contributos dos Clubes Ubuntu dentro da comunidade escolar.

Anexo 4 - Grelha resultante da análise de conteúdo dos instrumentos aplicados para a recolha de dados

Tema	Categoria	Unidade de referência
1.Clube Ubuntu	1.1 Mais valias	<p>“(…) veio trazer uma abertura maior, à mente das pessoas.” (E1)</p> <p>“(…) abrir algumas mentes ou pelo menos está a tentar abrir algumas mentes.” (E1)</p> <p>“(…) é motor do desenvolvimento de determinadas atividades também em contínuo. Ou seja, nós nunca deixamos de estar sem atividades” (E2)</p> <p>“Até porque há relações que se vão fazendo, vão-se construindo dentro da própria dinâmica do Clube. Miúdos que até não tinham muita confiança uns com os outros e passam a ser grandes amigos, outras vezes com os próprios professores, com a própria educadora que nós temos l” (E2)</p> <p>“(…) uma das razões que nos levou a aderir a este projeto, foi possibilidade de os miúdos se conhecerem melhor, perceberem o que é que têm de melhorar em si, perceberem que podem estar bem com o outro se o ouvirem e se partilharem, porque aquilo que os define, e os problemas que têm, muitas vezes também são os problemas do outro. Com isto ganharem ferramentas de autoconfiança, ferramentas no sentido de valorização própria, para depois estarem mais prontos para lidar com as adversidades.” (E2)</p> <p>“A experiência de fazerem uma coisa em prol dos outros, a experiência de conhecer o colega fora do espaço da sala de aula, o trabalhar com os outros. Eu acho que estas são as ferramentas mais importantes e que lhes vão ficar para o resto da vida.” (E2)</p> <p>“É uma ferramenta, ele ajuda a desenvolver esse espírito de liderança em que tu não és o líder, que tem atrás os outros. Tu és um líder que fazes com os outros. É uma forma de liderança diferente. Não é aquele líder que vai à frente e diz: "é aqui!" Não, não é essa a liderança. É a liderança do líder que se vira para os seguidores e diz: “o que é que vamos fazer? Vamo-nos sentar aqui, vamos debater, eu vou ouvir-vos. Depois vamos decidir em conjunto.” Ou seja, é um líder que organiza, mas que dá protagonismo aos seus seguidores.” (E2)</p> <p>“O Clube Ubuntu, permite mesmo essa continuação, essa... o desenvolvimento de outras de outras atividades, de outros projetos que eles tenham em mente e que vão ao encontro dos pilares e dos eixos do método Ubuntu. Envolvendo toda a comunidade educativa, mas também a comunidade envolvente,” (E3)</p> <p>“É muito trabalho de grupo, partilhar, o refletir, o justificar... Mas isso passa também para os pelos tais pilares: conhecer-se, terem confiança, não terem medo, dizer aquilo que que acham que é correto, mas depois a tal.... a resiliência, porque nem sempre conseguimos, nem sempre é tudo fácil.” (E3)</p> <p>“Conheço a filosofia Ubuntu desde o primeiro dia, desde o primeiro dia que ela própria ouviu falar. A ela contagiou-me também</p>

		<p>com esta filosofia. A qual eu já faço, ou tento fazê-la, e passá-la aos meus filhos, não lhe dando este nome, porque depois cada um dá o nome às coisas. É uma forma de estar e de ser, e ser, acima de tudo.” (E5)</p> <p>“Desde a primeira hora significa uma oportunidade e acima de tudo, a oportunidade para que a escola possa definir um caminho que não tenha só em mente um resultado, uma classificação. Mas que tenha em consideração, acima de tudo, a pessoa que está por trás desse resultado dessa classificação e que este caminho permita, em simultâneo, que que, ou seja, que o objetivo não é eu chegar primeiro, eu ter uma classificação mais alta que os outros.” (E6)</p> <p>“(…) o Clube Ubuntu também veio dar voz aos alunos, m todos os sentidos” (E6)</p> <p>“O ter as próprias pessoas que estão envolvidas no processo, a partilhar com os outros aquilo que é a sua experiência, aquilo que são as suas vivências, também tem sido uma mais-valia. Mostra aos outros que, apesar de tudo tanto trabalho que nós temos, apesar de todas as dificuldades que nós temos, apesar de sairmos daqui, temos que ir fazer 100 km para ir para casa, é possível e as coisas acontecem” (E6)</p> <p>“A boa energia. A forma de interajuda uns com os outros, sentirmo-nos assim num espaço seguro, onde não há insultos onde podemos desabafar à vontade, estar a ajudarmo-nos mutuamente e, de certa forma, ajudar o outro.” (A2)</p> <p>“(…) eu ando a fortalecer algumas amizades por causa disso [do clube].” (A3)</p> <p>“(…) Eu acho que é um sítio em que nós tentamos ajudar e ajudamos. Não é qualquer sítio em que tentamos ajudar e acabamos por não ser criticados.” (A4)</p> <p>“(…) É mais um sítio onde nós podemos estar na boa e à vontade e temos sempre aquela cena do... Não temos de ter a preocupação de estar a fazer as coisas 100% bem ou com aquela pressão escolar porque estamos todos no mesmo e podemos ajudar-nos caso alguma coisa esteja a correr mal ne?” (A5)</p> <p>“Acho que o Clube Ubuntu de certa forma, fortaleceu e mostrou-nos que há pessoas ainda com o mesmo pensamento que nós... de ajudar e sentirmo-nos gratos por isso, de certa forma.” (A2)</p> <p>“O clube Ubuntu não é tipo como as pessoas que só dizem “temos de fazer alguma coisa” mas não se faz nada. Não, o Clube Ubuntu faz” (A3)</p> <p>“Nós juntámo-nos todos (<i>alunos, professores, PND</i>) para dançar a Macarena, ninguém sabia onde é que está a parte da coordenação, mas isso, foi bom. Tipo, estava toda a gente descontraída, toda a gente a divertir-se. Eu achei que foi bom reunir a escola toda, só para esses 15 minutos,” (A3)</p>
--	--	---

		<p>“(…) o Ubuntu ajuda-nos a crescer e o crescimento é sempre positivo.” (A6)</p>
	<p>1.2. Atividades realizadas</p>	<p>“(…) é um trabalho contínuo” (E1)</p> <p>“(…) uma que marcou bastante foi a das mensagens [celebração do Dia da Gratidão]” (E1)</p> <p>“(…) cerca de 25 a 30 alunos acabam por estar em continuo sempre a participar.” (E2)</p> <p>“O simples facto de irem divulgar uma atividade e terem de explicar aos outros o que é isto da Academia de Líderes Ubuntu, o que é que se faz no Clube Ubuntu, ou seja, replicar a informação relativa ao Ubuntu, só por si já é uma atividade muito válida.” (E2)</p> <p>“(…) no dia dos Direitos Humanos e eles envolveram-se, as próprias campanhas que eles participavam desde solidariedade e assim... Também são formas de intervenção dos próprios alunos” (E2)</p> <p>“São eles [os alunos] que tomam as rédeas da situação, e vão dinamizar.” (E3)</p> <p>“Há atividades que são propostos pelos professores e atividades, por exemplo sugeridas pelos Educadores Ubuntu a pedido de professores ou grupo disciplinar, por exemplo, Educação para a Cidadania e Desenvolvimento. Por exemplo, eu estava dentro da temática dos Direitos, a apareceu a história dos Direitos Humanos por causa de ser a celebração do Dia dos Direitos Humanos. E, então propus que fizessem os tais cartazes, mas pegando um bocadinho à condição da Mulher, porque era o tema que nós estávamos a trabalhar no 12º inglês... A igualdade de gênero” (E2)</p> <p>“(…) os alunos participam voluntariamente no clube, sem ter a obrigação de participar, não é? Sem... sem ter que ter 1 hora marcada no horário. Eles sabem que o Clube está aberto das tantas às tantas horas, naqueles horários combinam com a responsável do clube e planeiam e executam determinadas atividades e projetos” (E3)</p> <p>“(…) o dia de.... Nelson Mandela, Gratidão, da Felicidade... estava a tentar lembrar do Martin Luther King... De todos esses dias que no fundo fazem parte do calendário Ubuntu, não é? Há muitas outras iniciativas e com a participação direta dos alunos, por exemplo, já se dinamizou dias para os Assistentes Operacionais e houve vários momentos dinamizados pelos próprios alunos” (E3)</p> <p>“E para quem está no lar, quem está mais afastado, eu acho que é uma alegria tão grande receber o outro lado. Saber que alguém que eles até nem conhecem, está lá e anima o dia, quebra o dia de quem está muito tempo sozinho” (E3)</p> <p>“Quanto mais cedo nós começarmos a dar-lhes ferramentas para terem ideias para planear, para desenvolver um projeto, para pensar nos outros, para o futuro deles, dá-lhes outras competências que não são as tais competências académicas, mas também, vão ao encontro das tais famosas competências do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória. No fundo vai um bocadinho, porque é: pessoas que saibam estar, saibam ser, saibam fazer.” (E3)</p> <p>“(…) principalmente agora do bullying , da atividade do bullying, que estamos a fazer do (Projeto) Red line. Provavelmente, e do carinho por correspondência, que também gostei bastante” (E4)</p>

		<p>“Olhe ela não fala propriamente das atividades, ela fala das emoções. E isso acaba por ser o que me interessa mais. Eu Não lhe pergunto quando há atividades na verdade, “o que é que fizeste?” Foi mais “o que é que sentiste?” ou é pelo menos é isso que ela me passa.” (E5)</p> <p>“(…) a comemoração do Dia do Professor, em que os alunos fazem uma recepção aos professores, esta relação professor aluno, é um mimo. Por exemplo, acho que isso é... qualquer professor que não estava à espera que isso acontecesse, e recebe esse esse mimo, fica grato por isso.” (E6)</p> <p>“(…) projeto das alunas sobre a questão do bullying e da intervenção com colegas mais novos,” (E6)</p> <p>“(…) recepção aos alunos do quinto ano no início do ano, em que depois os alunos mais velhos também fizeram acompanhamento, quer em termos daquilo que são as movimentações dentro da escola, o próprio acompanhamento na hora de almoço, portanto, são aqui 3 exemplos em como o clube um tem um papel importante e tem um espaço enorme dentro da escola para poder atuar” (E6)</p> <p>“(…) o Red_Line, o projeto Red_Line” (A2)</p> <p>“A semana da empatia, o dia da gratidão, o dia da Felicidade, o mês em que nós fizemos... em que houve o dia Dia da Paz e o mês da não violência nas escolas a...” (A7)</p> <p>“Criação do projeto Red_Line.” (A7)</p> <p>“A acho que não estou em erro quando digo que a maior parte dos projetos são da nossa autoria e onde a (nome da dinamizadora do Clube Ubuntu ocultado) ajuda a desenvolver e a construir as nossas ideias” (A2)</p>
	1.3. Impacto na comunidade	<p>“(…) passarem a darem uma palavra a terem uma abertura diferente, com todas as pessoas envolvidas, mesmo aqui na escola” (E1)</p> <p>“(…) então o clube na quarta-feira vai estar aberto de tarde, quem quiser vir ajudar...” e apareciam lá os miúdos. Teve muito boa receptividade, logo desde o início,” (E2)</p> <p>“(…) eu acho que nós estamos no caminho certo. Nós temos feito as semanas muito bem, nós temos tido muitas atividades a nível de escola, muito bem-sucedidos nessas atividades [...] Cada vez temos mais adeptos do Clube Ubuntu e da própria filosofia Ubuntu” (E2)</p> <p>“Esse bom relacionamento é transposto para dentro da sala de aula. Há professores que não eram tão adeptos do Ubuntu e este ano propuseram-se em fazer a formação.” (E2)</p> <p>“(…) algumas atividades que temos feito reverterem para a Comunidade, que é o caso dessa atividade que é feita a com a Santa Casa da Misericórdia, eu acho que é muito importante.” (E2)</p> <p>“(…) já ultrapassámos aquele grupinho de alunos. Nós já vamos na comunidade envolvente. Nós já tivemos pessoas do Município da Batalha a fazer formação. Nós já tivemos pais a fazer formação, nós já tivemos várias, formações dirigidas a funcionários. Portanto, nós já estamos numa dimensão muito maior do que aquela que tínhamos inicialmente, que eram uns</p>

		<p>alunos” (E2)</p> <p>“(…) já se vê professores irem em auxílio dos funcionários, ou os funcionários irem ajudar os professores, quando não é da competência deles e isto chama-se “um por todos e todos por um”, isto é fruto do Ubuntu”. (E2)</p> <p>“(…) como somos cada vez mais a fazer a formação e a ser Educador, tentamos chamar mais pessoas, não é? Eu acho que isso vai se espalhando e eu acho que, quanto mais espalhado estiver, são mais ramificações e mais a Comunidade fica mais rica.”(E3)</p> <p>“(…) já começa a ser um método, um conceito que vai-se espalhando pelos pais e provavelmente os pais também vão falar uns com os outros, não é? Até porque no próprio Conselho Geral também se vai falando das atividades que se vão fazendo... O facto de chegarem a terem atividades extra comunidade escolar, também vai lançando pontes. O facto de estarmos, por exemplo, realizar as Semanas Ubuntu no Mosteiro, faz com que pessoas fora da escola conheçam, nos lares...” (E3)</p> <p>“(…) Porque agora vamos receber no dia 31 de maio, vamos receber as escolas Ubuntu da Região de Leiria e isso vai ser importante porque já estamos a mostrar que nossa escola consegue... que estamos a evoluir em termos do Ubuntu.” (E4)</p> <p>“(…) ela tem repercussões lá fora através da experiência dos alunos ou dos pais dos alunos, se forem atentos e participativos, portanto, em pode ainda não ter as repercussões que se esperam, mas irá ter com toda a certeza.” (E5)</p> <p>“A prova disso [que as atividades têm impacto na comunidade] são os convites que têm surgido para partilhar várias coisas, várias experiências, com instituições e pessoas da comunidade” (E6)</p> <p>“(…) o dia da não violência e paz, o facto das relações. Acho que foi gratificante ver que toda a escola, pelo menos, tentámos que a maior parte da escola se juntasse por aquele bem. Para marcar aquele dia onde conversamos, onde nos divertimos e acho que foi bom ver toda a gente por um mesmo projeto, ou seja, trabalhamos bastante esses 3 eixos, eu acho.” (A2)</p> <p>“Na comunidade escolar, mas acho que, de certa forma desenvolvida para o exterior.” (A2)</p> <p>“Une pessoas e neste caso único consegui unir a escola toda. Porque conseguimos pôr toda a gente a dançar e isso uniu bastante enquanto comunidade. Eu acho que isso ajudou, na comunidade escolar, enquanto pessoas.” (A6)</p> <p>“Até porque a minha mãe não está na comunidade escolar e acaba por.... porque eu levo para casa a filosofia Ubuntu, ela acaba por vivê-la. É um bocado isso.” (A6)</p> <p>“(…) nós acabamos por levar os ensinamentos que acabamos por adquirir aqui no Ubuntu e vamos para as ruas, e mostramos isso a todos” (A8)</p>
	1.4. A melhorar	“(…) chamar mais gente, porque nós somos já bastante a participar nos projetos, mas tendo em conta as turmas Ubuntu, que são,

		<p>um número muito maior de estudantes. Acho que se o chamássemos eles teriam uma experiência tão única como nós estamos a ter.” (A2)</p> <p>“(…) tantas turmas que literalmente só vem à Semana Ubuntu porque “ai não sei o que... é ter uma semana de férias”. Não é uma semana de férias, apesar de não termos aulas, estamos ali a desenvolver algumas capacidades, estamos abrimo-nos e isso. E as pessoas simplesmente pensam na parte das férias e não se querem abrir mais. “Está bom por hoje, quando houver mais férias, chamem-me.” E acho que devia de haver uma maneira diferente de chamar as pessoas e incentivá-las.” (A3)</p> <p>“Tipo incentivá-las com algumas atividades que possam fazer e divulgar nas turmas para nas turmas para ver se alguém quer participar.” (A3)</p> <p>“Mas atividades um pouco mais diferentes” (A3)</p> <p>“A conciliar melhor os horários” (A6)</p>
2. Os alunos	2.1. Mudanças ocorridas nos alunos	<p>“(…) ou pela idade, ou porque isto é tudo tão acelerado na nossa vida e no dia a dia, que depois se vai... desvanecendo. As pessoas vão um bocadinho, esquece... não é esquecendo... É não cultivando essa iniciativa” (E1)</p> <p>“(…) há sempre sementes” (E1)</p> <p>“Se começarem a fazer aos bocadinhos, quando chegar ao 12º ano, nós temos... Uma escola melhor? Eu Acredito que sim!” (E1)</p> <p>“(…) aquele aluno que acabou por deixar passar um mês, dois meses, sem se envolver em nada, ele vai-se desligando de toda a filosofia Ubuntu e de toda a dinâmica.” (E2)</p> <p>“E aquela boa vontade que ela tem e a sua proatividade e a sua capacidade de liderança que é inata e também a sua capacidade de expressão, são coisas que saltam à vista e que eu acho que nem é por ter feito a formação Ubuntu. É porque elas sempre existiram ali. Podem até ter sido, a.... digamos, que estimuladas pelas atividades do Ubuntu, mas a verdade é que aquela miúda sempre foi pró-activa.” (E2)</p> <p>“Eu tenho certeza mesmo [que há mudança nos alunos], porque eu acho que, aquilo que fica da escola e agora isto pode parecer muito mau porque sou professora (risos), mas aquilo que nos fica da escola, não é a matemática, não as fórmulas (...) aquilo que nos fica da escola, geralmente são aqueles momentos de partilha muito intensos.” (E2)</p> <p>“(…) em termos de como falar com os outros, como dar a entender que os outros podem estar a passar por algo e meter-nos nos sapatos dos outros.” (E4)</p> <p>“Não tenho dúvidas sobre isso [o Clube consegue cumprir com a sua missão de contribuir para a construção de jovens que sejam agentes de mudança na sociedade]. Eu sinto, e espero que isto não seja só uma coisa de agora, que seja uma coisa para o</p>

		<p>futuro...” (E6)</p> <p>“(...) a grande mudança, que está a acontecer é aquela que eu referi no início. Em que, e esse é um objetivo, em que o foco deixa de ser o resultado. Em que o foco passa a ser a pessoa e cada uma das pessoas que está dentro da nossa escola e dentro da nosso Agrupamento. Eu acho que é essa a grande mudança, porque se nós trabalharmos as pessoas, se ajudarmos as pessoas, depois tudo o resto acontece de uma forma natural” (E6)</p> <p>“E simplesmente deixei de às vezes ajudar as pessoas de modo tipo direto, mas pprimeiro tentar perceber mais a situação, porque normalmente as coisas não são tão simples quanto parecem.” (A3)</p> <p>“(...) vemos em toda a gente que está no Clube Ubuntu uma melhoria em termos pessoais, em termos como nos relacionamos com os outros. Melhorámos desde essa semana, porque estamos a crescer bastante.” (A6)</p> <p>“(...) vemos em toda a gente que está no Clube Ubuntu uma melhoria em termos pessoais, em termos como nos relacionamos com os outros. Melhorámos desde essa semana, porque estamos a crescer bastante.” (A7)</p> <p>“(...) com as várias atividades que nós dinamizamos nós conseguimos ter impacto em imensa gente e o impacto foi bastante positivo porque começaram a mostrar mais respeito, mais união, mais carinho, mais empatia, mais amor e mais tudo de bom.” (A7)</p> <p>“E depois desse dia, como nós parámos para pensar, para refletir, para escrever num papel, as coisas realmente escritas, costumam ser claras, tomamos conhecimento, daquilo pelo qual nós éramos gratos e daquilo pelo qual as pessoas eram gratas, que nós temos feito. E as nossas relações, uns com os outros, mudaram imenso.” (A7)</p> <p>“Por causa de terem conhecimento de tudo aquilo que foi dito no dia da gratidão, começaram a ser mais empáticos e mais respeitadores e esforçados.” (A7)</p>
	<p>2.2. Competências desenvolvidas</p>	<p>“(...)e sse calçar o sapato outro vai ficando” (E1)</p> <p>“Muitas das características, elas não são adquiridas com as Semana Ubuntu, elas são desenvolvidas. Se bem que há outros alunos que só acordaram para a vida depois de fazer a Semana Ubuntu” (E2)</p> <p>“porque também lhes exercita algumas competências, competências que são competências em termos de formação do Perfil do Aluno à Saída da Escola. A capacidade discursiva, organização de trabalho. A capacidade crítica, de análise” (E2)</p> <p>“(...) eles têm espaço para se exprimirem, para conviver, espaço para partilhar. Isso tem um impacto muito grande na forma de estarem na escola, na forma de verem os colegas sobre tudo.” (E2)</p>

		<p>“nós implementamos! Tivemos ajuda, obviamente, mas que nós é que tivemos que implementar e tivemos que participar, de fazer mesmo as coisas todas com ajuda, obviamente, de educadoras, mas foi principalmente a ideia dos alunos”. (E4)</p> <p>“E penso que as emoções são benéficas e ela sente-se bem e espero que ela também transmita isso ao estar. E portanto, eu, eu acabo por não saber propriamente o que é que fazem, embora vá sabendo aqui ele, mas é mais o que é que sentem e o que é que aconteceu e o que é que disputou a situação dela e nos outros” (E5).</p> <p>“(…) mostrar as emoções, não tanto no confiar, mas no ela poder ser ela própria, no cuidar do outro. E isso não é uma fragilidade nem para ela, nem para o outro, mas uma empatia” (E5)</p> <p>“(…) aumentou essa maneira de entender o outro.” (A3)</p> <p>“Temos grupos no WhatsApp, onde nos partilham a informação de forma a conseguirmos participar nos projetos. A acho que não estou em erro quando digo que a maior parte dos projetos são da nossa autoria e onde a (<i>nome da dinamizadora do Clube Ubuntu ocultado</i>) ajuda a desenvolver e a construir as nossas ideias” (A2)</p> <p>“Nós temos reuniões e apresentamos ideias. Por vezes a [<i>nome da coordenadora do Clube ocultado</i>] lança um tema ou uma data e nós em conjunto discutimos as ideias até chegar a um consenso de uma ideia a implementar.” (A8)</p>
	<p>2.3. Satisfação face ao PEU</p>	<p>“(…) Ai o meu filho teve no Ubuntu e veio encantado. Isto é muito bom. Será que não fazem para pais?” Isto é.....é... uma amostra de que realmente eles passam alguma coisa, nem que seja só pelo entusiasmo que eles levam depois daquela semana” (E1)</p> <p>“(…) a Semana Ubuntu acaba por ter um grande impacto sobre eles. Talvez seja das semanas mais felizes de frequência escolar.” (E2)</p> <p>“(…),acho que se estreitam laços entre as pessoas. Fortalece ali a... as relações e são esses momentos que vão.... que eu acho que ficam.” (E3)</p> <p>“os alunos apresentaram projetos mais consistentes e muitos deles foram alunos que que passaram pela Semana Ubuntu e pelo Clube Ubuntu. Ou seja, nota-se que há aqui uma construção que é feita devagarinho, que obviamente não é, não é carregar num botão. Que isso nunca será, mas, mas é um processo de avanço, não é? de construção da personalidade.” (E3)</p> <p>“(…) com o Clube Ubuntu temos aqui um lugar seguro que podemos todos fazer e dar ideias em termos que... nem que seja fazer atividades com o segundo ciclo, com o primeiro ciclo terceiro, tentarmos ali encontrar uma atividade com que interagimos com eles. Ou que temos este sítio aqui que consigamos fazer uma construção de pontes uns com os outros.” (E4)</p>

		<p>“Esta lufada do ser melhor pessoa, não só do aprender as competências escolares, mas também as outras que que são as principais, não é? Portanto, aí eu acho que é de extrema importância e devia ser quase obrigatório” (E5)</p> <p>“(…) se isto fosse implemento aqui e em outras escolas, de uma forma mais... quase como uma disciplina, seria benéfico, seria benéfico e depois cada um deles iria escolher estar ou não, não é? Mas eu penso que a maioria ficaria. Como tudo na vida é uma escolha.” (E5)</p> <p>“(…) eu fui o primeiro a fazer a formação do Ubuntu, tive a oportunidade através da Direção-Geral de Educação, de fazer uma formação com o IPAV e a forma como esta formação mexeu comigo, a forma como permitiu que eu descobrisse coisas em mim, que até aí não tinha descoberto.” (E6)</p> <p>“(…) a seguir à semana Ubuntu, se eu não tiver um mínimo de conhecimento do que é isto da filosofia Ubuntu, dificilmente vou conseguir entender determinados comportamentos e determinadas ações que os alunos podem vir a fazer depois. Não conhecendo, não consigo tirar partido do trabalho que foi feito durante essa semana. Por isso é que eu acho que é cada vez mais importante desafiar os colegas professores a entrarem dentro desta dinâmica. Sair um bocadinho fora da caixa, não é?” (E6)</p> <p>“Esta mudança permitiu aqui relações de confiança entre as pessoas, que estavam um bocadinho esquecidas” (E6)</p> <p>“(…) tivemos uma semana mais para nos abrimos, uma semana onde não há competições entre todos e só tipo uma entreajuda. Tanto entre turma. Tanto entre amigos.” (A3)</p> <p>“(…) [a SU] perceber que nós não somos os únicos a ter problemas e que todos também tem aqueles problemas que às vezes acabam por ocultar.” (A4)</p> <p>“Ajuda muito a ver, digamos que o próximo, a analisar o próximo.” (A5)</p> <p>“(…) dá uma maior facilidade de conseguir pensar e saber como é que perante um problema de alguém, consigo ajudar” (A5)</p> <p>“: (….) E dá às vezes, também dá para perceber quando é que uma pessoa precisa de ajuda ou não.” (A5)</p> <p>“O clube é uma forma de manter viva esta energia. Este querer ajudar o outro, que se calhar ficaria não perdido por completo, mas um pouco perdido, se o clube não existisse.” (A2)</p> <p>“Eu acho que foi a Semana Ubuntu. Porque foi uma semana que nos fez, tipo, aproximar mais e conhecer mais e saber que não somos os únicos que temos os problemas.” (A4)</p> <p>“[participar na semana ubuntu significou] Felicidade “ (A6)</p>
--	--	--

		<p>“[participar na semana ubuntu significou] união (A7)</p> <p>“[participar na semana ubuntu significou] crescimento (A6)</p> <p>“(…) após a semana do Ubuntu, nós tornamos uma turma completamente unida, nos apoiávamos em tudo.” (A8)</p>
3.Ações desenvolvidas	3.1. Ética do cuidado	<p>“(…) se nós não tivermos dentro da situação, é muito complicado perceber porque é que ele era assim e agora mudou, ou seja a filosofia está a ser disseminada pela escola” (E1)</p> <p>“(…) Servir ao outro e calçar o sapato do outro.” (E1)</p> <p>“A questão da ética do cuidado e do outro, porque realmente aquele realmente é um espaço de convívio, um espaço de trabalho em equipa e não há melhor forma de cultivarmos o respeito pelo outro e o apoio ao outro do que trabalhar com ele de mãos dadas.” (E2)</p> <p>“Tudo o que se possa fazer neste âmbito da Ética do cuidado, de não estarmos centrados em nós; de que existem pessoas à nossa volta; de que precisamos de construir pontes; que precisamos de estar ao serviço do outro, não é? Todas as atividades que nos levam... que nos façam refletir” (E3)</p> <p>“(…) eu acho que é importantíssimo também envolver estes meninos. Apesar de terem dificuldades motoras, dificuldades cognitivas, o facto de poderem participar, nem que seja em alguns momentos, porque é verdade que não... não conseguem participar em tudo, mas conseguem participar em alguns momentos e isso é essencial” (E3)</p> <p>“Na empatia, eu acho que sim. Houve um ano que andaram aí a tirar fotografias. Foi o ano passado, acho eu foi na... com... com os miúdos e via-se a alegria dos alunos que participavam...” (E3)</p> <p>“(…) havia muitos conflitos uns com os outros, quando acontecia alguma coisa, havia bastante conflito. Mas que acabou por ajudar, a entender que os outros também têm algo na sua vida pessoal, que pode afetar em termos escolares e então deu a perceber que, “ok temos que ter mais empatia com os outros”. (E4)</p> <p>“(…) posso ajudar a vida da pessoa e posso ter algum impacto e ter sempre empatia com os outros.” (E4)</p> <p>“E a do carinho por correspondência... óh pá. Acho que é interessante falarmos com as pessoas mais velhas e darmo-nos a conhecer a história deles e dar a conhecer a nossa história eles.” (E4)</p> <p>“É a partir deste projeto, provavelmente, ela achou que, afinal, isto pode existir, ser saudável na escola e na nossa vida.” (E5)</p> <p>“Há dias maus, mas se nós nos conhecermos melhor, se nós tivermos a capacidade de nos colocar no lugar do outro, as relações melhoram e depois, a partir desta melhoria em termos das relações, tudo o resto se torna mais fácil.” (E6)</p> <p>“Temos cada vez mais alunos a preocuparem-se com o dia a dia da escola, a preocuparem-se com os seus colegas, a terem a</p>

		<p>iniciativa de participar ativamente nos órgãos onde podem estar, nomeadamente o Conselho Geral e a própria Associação de Estudantes” (E6)</p> <p>“(…) quando temos jovens que em termos de classificação, não têm uma grande classificação, tem uma classificação normal, mas enquanto pessoas, são excelentes pessoas, porque se vêem o colega em dificuldades, estão sempre disponíveis para os ajudar, para mim, esse é melhor aluno…” (E6)</p> <p>“(…) sabermos colocar no lugar do outro. O saber estar disponível para poder ajudar, tal como está no filme do Patch Adams, saber olhar para além daquilo que é óbvio, não é? É isto que a filosofia Ubuntu nos traz e que tem vindo a ser difundida no agrupamento com o apoio da ação do Clube Ubuntu.” (E6)</p> <p>“(…) a partir dos ensinamentos do Ubuntu, acabamos por olhar com um olhar um pouco diferente para aquela situação, no sentido de ajudar, tentar compreender o que é que estaria a acontecer, de forma também para ajudar outra pessoa.” (A2)</p> <p>“Eu acho que via-se mesmo uma felicidade na cara das pessoas de ver tipo alguém "esta carta é para ti". Foi mesmo fixe.” (A5)</p> <p>“O fato de “não tenhas medo, porque muitas das vezes não está sozinho na situação que estás a passar e com certeza vais superar tudo” acho que é muito importante e esta a filosofia transmite muito isso. O fato de não estarmos sozinhos é uma Mensagem que eu gostava de passar, pois acho que foi bastante importante para mim e ajudou-me bastante” (A2).</p> <p>“(…) às vezes percebemos que certas atitudes advêm de algum sítio e como nos acabamos por conhecer, percebemos todo o impacto e o estado em que a pessoa está.” (A6)</p> <p>“(…) empatia, colocar-se no lugar do outro.” (A7)</p> <p>“O impacto podemos ter e o reflexo daquilo que as nossas atitudes vão fazer nas outras pessoas” (A7)</p> <p>“Ajudou-me bastante a querer ser empática e a sentir mais amor pelos outros e a vir para este clube, porque aí está, o amor move tudo e mim moveu-me a vir para este clube para ajudar os outros.” (A6)</p> <p>“(…) é sempre gratificante, por isso dá-nos sempre vontade de continuar, a mover-nos enquanto pessoas para que os outros tenham uma vida melhor e até nós próprios.” (A6)</p>
	3.2. Construção de pontes	<p>“(…) acho que se está a espalhar, acho que sim. É a partilha de ideias” (E1)</p> <p>“(…) quando nós olhamos com olhos de ver, encontramos já alguma diferença em... “olha o que é que se passa contigo?” A proximidade mais com o outro, eu acho que sim, pelo menos eu sinto isso.” (E1)</p>

		<p>“Consegue, consegue...[consegue trabalhar/ criar pontes fora da escola]” (E1)</p> <p>“A construção de pontes precisamente ainda há pouco falei, de colegas que nunca tinham falado e que hoje são amigos. Porque descobrimos no outro quase que a nossa metade em termos de trabalho” (E2)</p> <p>“Há outra atividade que me recordo que participamos com a sala (<i>sala de Educação Especial</i>). No dia das Acessibilidades, estavam alunos pertencentes ao Clube que acolheram os nossos alunos e os acompanharam nas atividades, não é? E no fundo são pares, não são professores, são pares! Eu acho que isto, para além de ser bonito para quem está de fora ver, para os alunos sentir que é um colega que os está a ajudar, sentir que o outro está a ajudar outro colega, há aqui um ganho dos dois lados” (E3)</p> <p>“(…) no Red_line, nós conseguimos dar um exemplo e dizer que somos todos iguais e que não há uma diferença entre nós. Dizer que não é necessário haver aquele do Eu sou o melhor e eu e eu sei fazer melhor. Somos todos diferentes, mas iguais, temos que respeitar-nos. E temos que mostrar que somos diferentes em termos de não fazer as coisas más que acontecem no dia-a-dia em muitas escolas.” (E4)</p> <p>“(…) no Carinho por Correspondência, ainda mais, porque construímos pontes com as pessoas de idade e construímos ali uma ligação entre os 2 entre. No Red_Line também entre os alunos das escolas e professores. Porque toda a gente, todo o staff da escola, todos os professores, dançaram a Macarena e então mostrou que criou pontes entre professores, alunos e toda a escola.” (E4)</p> <p>“(…) antes da existência do projeto, provavelmente ele criava, se calhar uma barreira, e não deixava tanto transparecer aquilo que ela é. E, portanto, o ser, porque o outro é está aqui.” (E5)</p> <p>“É especialmente transmitir aos jovens e aos adultos também. Quem é impossível ser-se um ser de igual para igual. Estamos todos no mesmo barco, que a Felicidade do outro, faz-nos feliz.” (E5)</p> <p>“Alunos - alunos, alunos-funcionários, alunos-professores, professores-funcionários” (A7)</p> <p>“Entre todas as pessoas” (A8).</p>
	3.3. Liderança servidora	<p>“(…) a questão da liderança servidora porque nós realizamos muitas atividades em prol da comunidade local e comunidade envolvente” (E2)</p> <p>“Fizeram uma dança e uma coreografia, que dá vida, envolve os participantes, no fundo. Acaba por criar laços, porque é estar no contexto com os adultos. Não estão habitualmente, não é? Naquele contexto, que geralmente são os alunos são orientados pelo pelos Assistentes Operacionais, pelos professores e ali não. São eles [os alunos] que tomam as rédeas da situação, e vão dinamizar.” (E3)</p> <p>“(…) são os alunos que são ouvidos. Ou seja, há este dia, o que é que podemos fazer para comemorar, para fazer para fazer</p>

		<p>diferente? Há outros projetos em que são eles próprios a dar sugestões, do que é que se pode fazer, o que é que não se pode fazer? Eles têm sempre voz, voz ativa em todas as atividades, quer aquelas que são mais orientadas, mas eles podem... orientadas no sentido sugeridas, nomeadamente os tais dias comemorativos, não é? Mas depois há sempre, eles têm sempre opinião a dar e podem e sugerem diversas atividades... para desenvolver eles próprios (E3)</p> <p>“[ser líder ubuntu] É darmos o exemplo aos outros e tentar-nos dar a conhecer uns aos outros porque, embora a gente possa achar que já sabemos muito, na realidade não sabemos assim tanto como achamos. Então tentarmos conhecer uns aos outros ajuda-nos a relacionarmo-nos de uma maneira positiva e boa.” (E4)</p> <p>“ Eu costumo dizer que o Ubuntu veio educar o meu olhar, quer da forma como olho para mim, quer da forma como eu olho para os outros, senti que seria uma oportunidade para a escola fazer também esta mudança. E depois, no fundo, foi a partir daí, tentar transmitir aos colegas, internamente, pois para avançar precisávamos de transmitir esta energia que o Ubuntu transferiu para mim, para que depois cada um fizesse o seu papel e cada um fosse transmitindo essa energia dentro da escola.” (E6)</p> <p>“(..) aquilo que a nossa sociedade precisa é de boas pessoas. Acima de tudo, pessoas que estejam disponíveis para serem resilientes, para serem empáticas e não servirem-se mas estarem ao serviço.” (E6)</p> <p>“Ser Líder Ubuntu... eu não entendo como líder, mas sim como um ajudante, tipo ajudante das pessoas, agregar as pessoas em prol de um bem” (A3)</p> <p>“(..) Eu fico feliz (...) por ajudar (...) eu fico grato, foi tão bom” (A3)</p> <p>“Eu acho que esse cargo simboliza que nós já fizemos, ou pelo menos tentamos fazer, o bem, para tentar ajudar a melhorar as outras pessoas.” (A4)</p> <p>“Não acho que exista assim um sentimento muito específico. Mas é algo muito bom e positivo, relativamente positivo.” (A5)</p> <p>“(..)o que me move é simplesmente saber que posso ajudar os outros, porque costumam dizer, quando nós ajudamos os outros, eles também nos podem ajudar, podem nos vir a ajudar um dia. Então eu sinto que neste preciso momento, não necessita ajuda, então posso ajudar os outros, disponibilizar o meu tempo para isso e quando eu necessitar, pensar que talvez haja alguém que eu ajudei, que me possa ajudar.” (A8)</p> <p>“Ser empático e determinado.” (A8)</p> <p>“(..) é ser corajoso”. (A7)</p> <p>“Ser pessoa, Eu sou porque tu és.” (A6)</p>
--	--	---